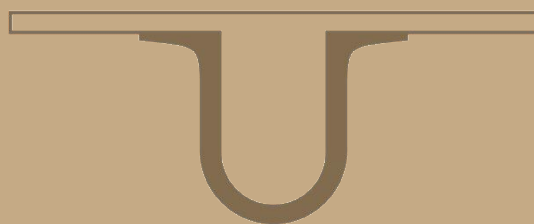




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Vanessa Cristina Fernandes de Barros

**O REGISTO ORAL POR ESCRITO E OUTROS DESAFIOS DE
TRADUÇÃO**

PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE *MARIUS ET JEANNETTE* DE
ROBERT GUÉDIGUIAN

Trabalho de Projeto do Mestrado em Tradução, Português e duas Línguas Estrangeiras (Inglês/Francês), orientado pelo Professor Doutor João da Costa Domingues e pela Professora Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

O REGISTO ORAL ESCRITO E OUTROS DESAFIOS DE TRADUÇÃO PROPOSTA DE TRADUÇÃO DE *MARIUS ET JEANNETTE* DE ROBERT GUÉDIGUIAN

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Trabalho de Projeto
Título	O registo oral escrito e outros desafios de tradução
Subtítulo	Proposta de tradução de <i>Marius et Jeannette</i> de Robert Guédiguian
Autor/a	Vanessa Cristina Fernandes de Barros
Orientador/a(s)	João da Costa Domingues Ana Paula de Oliveira Loureiro
Júri	Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho Vogais: 1. Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos 2. Doutor João da Costa Domingues
Identificação do Curso	Mestrado Tradução
Área científica	Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas
Especialidade/Ramo	Português e duas Línguas Estrangeiras (Inglês/Francês)
Data da defesa	24/11/2021
Classificação	16 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Aos meus pais, que sempre se sacrificaram por mim. Ao meu irmão, que me completa. Ao meu avô que há-de estar a olhar por mim e à melhor avó do mundo. A toda a minha família que, apesar da distância, está sempre perto.

Ao Riccardo, por tudo e por tudo o que virá.

Aos amigos de Coimbra, pelos momentos de trabalho, de diversão e de amizade eterna e por serem um exemplo de motivação.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor João da Costa Domingues e à Professora Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro pelo acompanhamento durante este longo percurso, pelos conselhos e pelo carinho.

A todos os docentes do curso de Mestrado em Tradução por terem contribuído para a minha formação e, em especial, à Professora Doutora Cornélia Plag pela disponibilidade constante.

Resumo

O presente trabalho de projeto apresenta uma proposta de tradução do guião do filme *Marius et Jeannette* do realizador francês Robert Guédiguian. Esta comédia romântica dá-nos a conhecer o bairro de Estaque, situado na cidade de Marselha, assim como as suas gentes. O enredo serve de pretexto para nos fazer descobrir a cultura local e nacional, e aborda os mais variados temas, passando, nomeadamente, pela religião e pela política.

Num primeiro tempo, foi definido o objetivo de tradução, apresentada a obra e enquadrada a nossa proposta de tradução na abordagem teórica que nos permitiu cumprir dito objetivo. O foco essencial consistiu em garantir, na tradução, o respeito do Estrangeiro, sempre que possível.

Depois do ensaio de tradução, foi feita a análise da proposta de tradução de um ponto de vista linguístico e observámos, através de diversas estratégias de tradução, como tratar o registo oral, as referências culturais e outros desafios de tradução, através de exemplos específicos.

Palavras-chave: tradução, Marius et Jeannette, Robert Guédiguian, guião, registo oral, estrangeirização

Abstract

This project focuses on the translation of the script of the movie *Marius et Jeannette* by the French director Robert Guédiguian. Through this romantic comedy, we get to know the Estaque neighborhood, located in the city of Marseille, as well as its inhabitants. This story allows us to submerge into the local and national culture and brings to the surface a variety of topics, such as religion and politics.

Firstly, we will start by defining the scope of the translation and we will establish the theory approach that will be adopted to achieve our goal. This process implies respecting the Other, whenever possible.

Secondly, we will analyze the translation from a linguistic point of view, and we will go through several translation strategies that will be applied in order to deal with the orality aspect, the cultural references and other linguistic challenges, through specific examples.

Palavras-chave: translation, Marius et Jeannette, Robert Guédiguian, script, orality, foreignization

Índice

Resumo	2
Abstract	3
Introdução	1
Capítulo I: <i>Marius et Jeannette</i>	3
I. As personagens e o enredo	3
II. O contexto	4
a. O contexto espacial	4
b. O contexto temporal	4
c. O contexto social	5
d. O contexto político	5
III. A visão do realizador	6
Capítulo II: Conceitos teóricos	7
I. O objetivo da tradução e a análise textual de Nord	7
II. O conceito de estrangeirização	9
III. O papel do tradutor	10
Capítulo III: Ensaio de tradução	12
Capítulo IV: Características do guião e desafios de tradução	58
I. Estratégias e procedimentos de tradução	58
II. Características e estrutura do guião	59
III. Os diferentes registos	61
a. O registo oral	62
1. O coloquialismo	63
2. Os palavrões	66
3. A adaptação da grafia à pronúncia	70
4. As repetições e as hesitações	71
5. As muletas verbais	72
6. As onomatopeias	75
7. As estruturas incompletas e as digressões	76
8. As formas de tratamento	80

a. 9. Os desvios gramaticais	81
Capítulo V: Outros desafios de tradução	84
I. Desafios de tradução decorrentes da língua de partida: o “intraduzível”	84
II. A tradução das referências culturais.....	85
III. A tradução do humor.....	88
IV. A tradução das canções	93
Conclusão	97
Bibliografia	98
Anexos	101

Introdução

O presente trabalho tem por objeto de estudo o guião da obra cinematográfica *Marius et Jeannette*, longa-metragem realizada por Robert Guédiguian, em 1997, e enquadra-se no âmbito do Mestrado de Tradução.

O ensaio de tradução de *Marius et Jeannette* nasce, essencialmente, da vontade de analisar as principais diferenças entre o registo oral francês e o registo oral português. Partindo da hipótese de que a língua francesa é mais rica e desafiante do ponto de vista do registo oral, pareceu-nos interessante explorar essas características e tentar transpô-las para a língua portuguesa sem esquecer, obviamente, outros aspetos importantes do texto.

Especificamos, desde já, que a proposta de tradução de língua francesa para língua portuguesa se foca no guião original e não foi pensada para fins de legendagem, área da tradução que teria apresentado características e desafios diferentes.

O objetivo consiste em focar-nos no conteúdo, mais do que na forma, do texto de chegada e refletir sobre os desafios da tradução, com especial ênfase nos aspetos relacionados com o registo oral e com as referências culturais.

Naturalmente, durante a análise do guião original, foram surgindo outras questões pertinentes que foram destacadas ao longo dos diferentes capítulos e secções que compõem o presente trabalho.

O trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, apresentaremos a obra cinematográfica, assim como os contextos espacial, temporal, social e político.

Após uma apresentação da obra e do autor ainda no primeiro capítulo, abordaremos, num segundo capítulo, o pensamento tradutológico que seguiremos como orientação de fundo: definiremos o pensamento orientador bem como as estratégias tradutivas a que recorreremos. Para tal, será apresentada uma pequena introdução abordando incontornavelmente a questão da tradução cultural ou tradução da cultura. Após abordarmos o conceito de objetivo da tradução de Christiane Nord, será

feita uma análise do conceito de estrangeirização e domesticação e, por fim, definiremos o papel do tradutor.

No terceiro capítulo, será apresentado o ensaio de tradução de *Marius et Jeannette* para língua portuguesa. A tradução será principalmente realizada de acordo com o conceito de estrangeirização e, por momentos, domesticação e terá em conta todos os elementos referidos no capítulo precedente.

No quarto capítulo, será realizada uma autoanálise do ensaio de tradução que produzimos bem como das estratégias tradutivas utilizadas, que serão detalhadamente comentadas. Para tal, será feito um reagrupamento dos principais desafios de tradução em várias categorias, com base em exemplos específicos do texto de partida e de chegada: numa primeira secção, será estabelecida a terminologia utilizada na análise textual e na segunda secção, será analisada a tipologia textual do guião e as convenções a ela associadas.

Depois de abordar estes temas mais gerais, serão analisadas questões mais específicas relacionadas com o registo oral, nomeadamente: o coloquialismo, os palavrões, a adaptação da grafia à pronúncia, as repetições e hesitações, as muletas verbais, as onomatopeias, as estruturas incompletas e digressões, as formas de tratamento e os desvios gramaticais.

No quinto e último capítulo, reagruparemos os restantes desafios de tradução em secções dedicadas ao “intraduzível”, à tradução das referências culturais, à tradução do humor e à tradução das canções.

Por fim, as considerações finais visam apresentar algumas ideias que, em suma, resumem a problemática desenvolvida neste projeto e deixam antever outras, não menos importantes, que apenas identificamos e que, inevitavelmente, ficam por explorar.

Capítulo I: *Marius et Jeannette*

O filme *Marius et Jeannette* inscreve-se no género da comédia romântica e conta a história de amor entre as duas personagens principais que dão nome ao filme.

Servindo ao mesmo tempo como introdução e como entrada na matéria de estudo do projeto, a primeira secção dá-nos a conhecer as personagens, o enredo e a história por detrás do enredo, bem como o que lemos nas entrelinhas.

Na segunda secção, apresentaremos os contextos espacial, temporal, social e político, que nos permitirão situar cronologicamente a história e algumas das suas referências fundamentais.

Na terceira secção, abordaremos a visão do realizador, que tratámos de respeitar no ensaio de tradução.

I. As personagens e o enredo

Tal como o título do filme indica, as duas personagens principais são Marius e Jeannette. Estes dois adultos, que já casaram, já tiveram filhos e já ultrapassaram inúmeras dificuldades, conhecem-se num momento das suas vidas em que pensavam não voltar a amar e apaixonam-se. A história de amor é retratada de maneira genuína e sem artifícios.

Contudo, esta relação insere-se num contexto mais amplo, na vida de um bairro típico de Marselha, em cujas cenas o espectador pode observar discussões sobre futebol, debates sobre política, refeições em família, e muitas outras situações de interação social. As personagens são o espelho da realidade e, através de cada uma delas, conhecemos uma realidade diferente.

Monique e Dédé são casados e têm quatro filhos. Caroline e Justin, os outros dois vizinhos, partilham mais do que uma amizade. Malek e Magali, os filhos de Jeannette, representam a juventude do bairro, sonhadora e lutadora. Por fim, o senhor Ébrard, que vai aparecendo ao longo do filme a exercer várias profissões, é a prova de que as aparências enganam.

Todas estas personagens criam a história subjacente ao romance entre Marius e Jeannette. É através desta vida de bairro que o realizador Robert Guédiguian nos convida a refletir sobre variados

assuntos, tal como veremos na última parte do presente capítulo. Afinal, as personagens são quem o realizador pretende que sejam e transmitem uma mensagem mais profunda que nem sempre é explicitamente verbalizada, mas se manifesta através do contexto, do silêncio, dos contrastes. Na verdade, o pequeno e magnífico bairro de Estaque acaba por ser um cenário de indignação contra a situação política e económica.

II. O contexto

a. O contexto espacial

Robert Guédiguian nasceu a 3 de dezembro de 1953 no bairro de Estaque e muitas das suas obras têm como cenário esta zona do norte de Marselha. O objetivo do realizador e produtor é retratar uma realidade que ele tão bem conhece e denunciar alguns preconceitos relativamente a este meio social. É através da cidade de Marselha e do bairro de Estaque que retrata a vida daqueles que apelida de *pauvres gens*, em referência ao poema de Victor Hugo¹. Para Guédiguian, o bairro de Estaque representa o povo.

Neste bairro, as cenas desenrolam-se num número de lugares limitado, tais como a fábrica de cimento, o supermercado, o pátio e a casa de Jeannette. Trata-se de um bairro com características muito específicas, uma vez que é um bairro popular, de obreiros. Em Estaque, costumavam viver muitos imigrantes italianos que se recusavam a permanecer nos bairros obreiros situados ao lado das fábricas e começaram, portanto, a construir “courées”, isto é, prédios que eram construídos à volta de um pátio.

b. O contexto temporal

Apesar de o guião ter sido redigido em 1997 e retratar a situação socioeconómica da altura, permanece bastante atual no que diz respeito a temas como o desemprego, o contraste entre diferentes classes sociais, o crescimento de partidos de extrema-direita, entre outros. O único elemento que nos permite, de alguma forma, situar a história no tempo é a referência ao franco, nomeadamente no exemplo:

« Monique : Quand Dédé y va savoir que j'ai dépensé quatre cents francs de petites culottes !... »

(pág. 118)

¹ *Les pauvres gens* de Victor Hugo em *La légende des siècles*, Hetzel, 1859, première série (p. 183-200).

c. O contexto social

O nível de desemprego era extremamente elevado em 1997. França contava com três milhões de desempregados e esta realidade marcou a história da economia francesa.

Guédiguian denuncia frequentemente esta realidade. Marius menciona diretamente o número de desempregados e vemos também Jeannette a remendar umas meias ou a tentar aproveitar ao máximo uma bisnaga de molho de tomate. Estes são apenas alguns exemplos que demonstram as dificuldades económicas sentidas, sobretudo na classe social mais baixa.

d. O contexto político

Para podermos perceber a situação socioeconómica das personagens assim como as referências políticas, é necessário estabelecer o contexto político em França em 1997.

Em abril de 1997, assistimos à dissolução da Assembleia Nacional, que tem como consequência a antecipação das eleições legislativas. É neste contexto que Lionel Jospin sobe ao poder, sucedendo a Jacques Chirac.

Com a presença da vertente esquerda no poder, os sindicatos que representam os desempregados começam a manifestar-se com o objetivo de verem aumentados os rendimentos sociais. Os locais da ANPE e ASSEDIC², instituições responsáveis do estatuto dos desempregados em França, são ocupados durante várias semanas.

A França encontra-se, portanto, perante uma situação política frágil, com os mais necessitados a pedirem uma melhoria da situação. O país encontra-se também afetado por um atentado terrorista islamista, não confirmado, que ocorreu em 1996. Este contexto leva-nos a refletir sobre a observação de Jeannette: « Si j'étais arabe tu m'aurais tiré dessus » (pág. 102).

É também mencionada a ameaça que representa a Frente Nacional em várias conversas entre Dédé e Monique, que não perdoa ao marido o facto de ter votado no partido de extrema-direita. Eis um exemplo:

² ANPE: agência nacional de emprego francesa.

ASSEDIC: associação para o emprego na indústria e no comércio francesa.

« Monique : Enfin ! Putain ! Voter Front National même une fois dans sa vie, c'est impardonnable, quand est-ce que tu le comprendras ça !!! » (pág. 114)

É importante definirmos os diferentes contextos de forma a descodificarmos a verdadeira mensagem que pretende ser transmitida pelo realizador. Entender essa mensagem é essencial para entendermos o sentido do texto e conseguirmos reproduzi-lo e transmiti-lo no texto de chegada.

III. A visão do realizador

Embora a história de amor entre Marius e Jeannette constitua o foco principal, esta serve apenas de contexto para introduzir outras personagens e abordar diversos temas. O filme trata temas universais como o amor, a religião, a política, as dificuldades económicas ou a solidão.

Como vimos na secção anterior, existem várias referências políticas e a intriga desenrola-se num contexto económico que pretende ilustrar uma certa realidade, sobre a qual o realizador pretende também tecer algumas críticas. Trata-se, portanto, de uma narração efetuada desde um ponto de vista subjetivo. Guédiguian é um cineasta comprometido e os seus filmes refletem o seu pensamento sociopolítico, ideológico e cultural.

Guédiguian foi muito influenciado pelo cinema popular dos anos 30 até aos anos 50, e esta influência reflete-se nas suas próprias obras cinematográficas. Aspira realizar um cinema popular e acessível a todos. Para além disso, defende que, embora a maior parte dos seus filmes estejam relacionados com o bairro de Estaque e com a região de Marselha, podem ser compreendidos por todos, inclusive no estrangeiro.

É graças a *Marius et Jeannette* que Robert Guédiguian se vai tornar conhecido do público francês. Ariane Ascaride, esposa e musa de Guédiguian, receberá o prémio César de Melhor Atriz em 1998 pela sua interpretação de Jeannette. Guédiguian foi recompensado com o *Prix Louis-Delluc*. Em 1997, o filme integrou a seleção do *Festival International du Film de Cannes* e foi premiado na categoria *Un certain regard*. Trata-se do sétimo filme por ele realizado, no entanto, foi aquele que mais sucesso obteve, levando quase três milhões de pessoas às salas de cinema francesas.

Tendo analisado o contexto de realização do guião e as intenções do realizador, vamos agora analisar, do ponto de vista teórico, o texto de partida e definir o objetivo que o texto de chegada deverá cumprir. Esta fase prévia ao exercício de tradução é essencial.

Capítulo II: Conceitos teóricos

Previamente à tradução, surgem questões do foro teórico que devem ser analisadas e às quais é necessário responder para definir claramente o objetivo final do texto de chegada. Para determinar o que pretendemos alcançar através do texto de chegada, devemos começar por analisar o texto de partida. Para tal, fundamentámos a nossa reflexão no conceito de objetivo da tradução de C. Nord, como analisamos na primeira secção.

Na segunda secção, abordamos outro aspeto teórico importante para o presente trabalho, que reside no conceito de estrangeirização.

Por fim, definimos o papel do tradutor, em função da perspetiva tradutológica de Schleiermacher.

I. O objetivo da tradução e a análise textual de Nord

Um texto de partida pode dar lugar a inúmeras possibilidades de tradução. Estabelecer as nossas intenções permite definir a orientação a seguir e é, por isso, importante considerarmos já nesta fase o objetivo da tradução, tal como entendido por Christiane Nord:

A translation process does not automatically lead from a source to a target text. The translator is an expert of intercultural communication carrying out a communicative activity directed at a particular communicative purpose or various purposes. [...] Situations are not universal but embedded in cultural habitats, which in turn condition each situation. [...] What will definitely be different is the addressed audience, whose general and cultural knowledge, sociocultural background, value systems and world view is determined by their socialization in another culture (Nord, 2016: 569).

Ao pensarmos a tradução do guião, consideramos que o mais importante a ter em conta é, de facto, o objetivo do texto. Para tal, Christiane Nord propõe um modelo de análise textual que permite examinar em detalhe o texto de partida e responder a questões importantes relacionadas com o texto de chegada. Este modelo de análise serviu-nos de

inspiração para um conjunto de perguntas que serviram, como veremos abaixo, para analisar o texto de partida e definir o texto de chegada.

- Qual é o objetivo do texto de partida?
- Quais são as intenções do autor? Que mensagem pretende transmitir?
- A que tipo de público se destina?
- Qual é a tipologia textual?
- Qual é ou quais são os diferentes tipos de registo?
- Existem referências culturais que possam não ser entendidas pelo leitor do texto de chegada?

A primeira fase do nosso trabalho consistiu, portanto, em analisar e responder a estas questões fundamentais. No âmbito deste exercício académico, os requisitos relativos à encomenda de tradução são definidos através da análise do texto de partida, uma vez que pretendemos criar um texto de chegada que cumpra o mesmo objetivo que o texto de partida. Por outras palavras, o texto de chegada deve adaptar-se às condições impostas pelo texto de partida, ou seja, neste caso, às características específicas do guião, às particularidades do registo oral, à idade das personagens, ao contexto social, entre muitos outros aspetos. O objetivo é não só propor um ensaio de tradução que cumpra o mesmo objetivo que o texto de partida, mas que respeite o Estrangeiro.

Numa terceira fase, analisamos as seguintes questões de modo a criar um texto de chegada consistente com o texto de partida:

- Qual é o objetivo do texto de chegada?
- A que tipo de público se destina?
- Qual é o nível de conhecimento do novo público-alvo em relação à cultura de partida?
- Qual é o papel do tradutor?
- Quais são os desafios de tradução?
- De que ferramentas dispomos para abordar os desafios de tradução?
- Sob que perspetiva teórica é orientado o ensaio de tradução?

Ao longo do trabalho de tradução, devemos ter sempre em mente tanto o texto de partida como o texto de chegada. Como explica Nord, o tradutor está comprometido com ambos os textos porque as respostas do primeiro conjunto de perguntas permitem delinear os contornos do texto de chegada e as respostas ao segundo grupo de perguntas decorrem da análise do texto de partida.

II. O conceito de estrangeirização

A partir dos anos 90, a abordagem teórica da tradução mudou consideravelmente e passou a ter também em conta o lugar da cultura na tradução. Foi neste período que surgiram dois novos conceitos: a estrangeirização e a domesticação. De maneira geral, a estrangeirização baseia-se na cultura do texto de partida e mantém, no texto de chegada, características que lhe são próprias. A estrangeirização mantém, portanto, a cor local do texto de partida e, conseqüentemente, o leitor do texto de chegada tem noção de que está a ler uma tradução. Por oposição, a domesticação foca-se em esforçar o menos possível o leitor e em atenuar, ou até eliminar, todas as referências que possam dificultar a compreensão do texto de chegada. A domesticação não corresponde necessariamente à adaptação; trata-se, no fundo, de optar por termos gerais que o público-alvo possa facilmente identificar.

Como vimos no primeiro capítulo, Guédiguian é um cineasta comprometido. O realizador usa as suas obras para sensibilizar o público em relação a determinados temas. O que parece ser a história principal do filme é, na realidade, apenas um meio para transmitir uma mensagem mais importante. Para cumprir a sua função, o texto de chegada deve também atingir o objetivo de alertar o público para a situação política e socioeconómica francesa em 1997.

Para tal, é essencial respeitarmos a cultura de partida, seja ao nível local, com o bairro de Estaque e os seus habitantes, seja ao nível nacional com os acontecimentos políticos a que brevemente nos referimos no primeiro capítulo.

A nossa decisão de respeitar o Outro enquadra-se na teoria designada de estrangeirização, como vimos anteriormente. Segundo Kadiu, para Lawrence Venuti (*The translator's invisibility*, 2008), um dos principais defensores desta perspetiva tradutológica, “indicating the otherness of the foreign text when importing it into the target culture is a necessary precondition for ethical translating” (Kadiu, 2019: 22).

Podemos também aproximar o conceito de estrangeirização ao de “tradução documental”, associado a Nord e ilustrado por Munday através da “tradução literária, em que o TC³ permite que o recetor do TC tenha acesso às ideias do TP, mas em que o leitor está bem ciente de que se trata de uma tradução” (Munday, 2014: 145).

Contudo, não iremos opor os conceitos de domesticação e estrangeirização porque uma tradução constitui uma combinação de ambas as teorias, uma vez que, tal como afirma Kemppanen, “[...] the manner in which one renders the foreign origin visible is confined to those possibilities accessible in the target system” (Kemppanen, 2012: 15). O nosso objetivo no âmbito do presente trabalho não consiste, pois, em aplicar uma única teoria de forma estrita e exclusiva, mas antes em analisar os desafios caso a caso, em função do contexto, e definir a estratégia de tradução mais apropriada sem nos dispersarmos, de modo a manter uma determinada coerência. Refira-se, a título de exemplo, as seguintes estratégias de tradução: optámos por manter a expressão “ma ieu m’en fouti” na canção do genérico (estrangeirização), mas eliminámos a referência à coleção de livros “Harlequin” (domesticação).

III. O papel do tradutor

É necessário, desde logo, determinar o papel do tradutor. Segundo Schleiermacher, “either the translator leaves the writer in peace as much as possible and moves the reader toward him, or he leaves the reader in peace as much as possible and moves the writer toward him.” (in Munday, 2014: 68). Enquanto tradutores, temos de analisar o nível de conhecimento do público-alvo relativamente à cultura de partida, como já referimos na secção inicial do presente capítulo. Cabe ao tradutor aplicar as estratégias e procedimentos de tradução necessários para levar a cultura de partida até ao espectador. Uma tradução literal ou ainda uma domesticação não iria permitir que o texto de chegada cumprisse a sua função, uma vez que o espectador desconhece, provavelmente, o realizador, as suas intenções, o contexto socioeconómico, em França, em 1997, e uma parte das referências culturais. Como em todos os exercícios de tradução, haverá perdas e ganhos e é responsabilidade do tradutor seleccionar e combinar as estratégias de tradução apropriadas. O espectador, quanto a ele, terá consciência de que o que ouve é uma tradução (o papel do tradutor é, portanto, “visível” nas palavras

³ Nesta edição de *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações*, são usadas as abreviaturas “TP” para texto de partida e “TC” para texto de chegada.

de Venuti), mas esta não provocará estranheza nem incompreensão. Segundo Schleiermacher, o objetivo é “dar ao espectador, por meio da tradução, a impressão que ele, enquanto alemão, receberia da leitura da obra na língua original” (in Munday, 2014: 68). É, portanto, crucial que o papel do tradutor seja visível.

Apresentamos, no próximo capítulo, o ensaio de tradução de *Marius et Jeannette*, partindo do conceito de estrangeirização e, por vezes, de domesticação. O texto será depois objeto de uma autoanálise linguística, que foi realizada à medida que íamos avançando na tradução do texto, mas que efetivamente nos permitirá deixar registado, de forma clara, todo o delineamento e os contornos do desafio que constituiu esta tradução, bem como o registo das múltiplas estratégias utilizadas para o ultrapassar.

Capítulo III: Ensaio de tradução⁴

Robert Guédiguian
Marius e Jeannette
(Guião, 1997)

0. GENÉRICO

Porto de Marselha. Uma bola mapa-mundo flutua na água e entra no porto, ao som da música:

*“Chove em Marselha, o porto rejuvenesce,
chove em Marselha, Notre-Dame sorri,
chove, pois sim, chove, o sol desaparece,
chove, muito, um pouco,
ma ieu m'en fouti⁵,
ma ieu m'en fouti...”*

No fundo da água uma placa do bairro de Estaque⁶ indica a direção seguida pela bola.

1. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

A fábrica está a ser destruída por máquinas que arrancam o ferro velho como se estivessem a arrancar as tripas de um coelho... sob o olhar atento de Marius, nos seus quarenta anos, de macacão vermelho, uma carabina de combate na mão. É o vigia desta antiga fábrica de cimento ladeada por uma via-férrea. Ao longe, entrevê-se o mar.

Jeannette agarra-se aos canos e escala. Igualmente nos seus quarenta anos, está toda vestida de ganga (calças e casaco). Aproxima-se de um monte de latas de tinta de vinte quilos, praticamente enferrujadas. Pega numa lata em cada mão...

Jeannette: Fogo, ‘tou a dar cabo das costas...

Uma voz: Ei! Tu aí! Pára imediatamente!

Jeannette: Merda! Era só o que me faltava. Um vigia!

Jeannette pousa as latas e espera.

Marius aproxima-se por trás, ainda com a carabina na mão, a coxear da perna direita.

Jeannette vira-se.

⁴ Considerando as múltiplas linguagens de que se serve um filme e a sua imbricação e complementaridade, este texto não é mais do que um ensaio de tradução que resulta da nossa visão de uma possível encenação em português de algo que tem efetivamente que harmonizar as diferentes linguagens que se esclarecem e se completam em permanência.

⁵ Expressão em dialeto de Marselha pertencente à língua occitana.

⁶ Bairro popular situado na zona norte de Marselha, perto do velho porto.

Jeannette: A minha casa vai cair aos pedaços se não der uma pintadela nas paredes. Esta fábrica está fechada há seis meses, já toda a gente se esqueceu destas pobres latas de tinta. Se não as levar eu, vão ficar aqui a apodrecer!... Não t'importas de mas dar?

Marius: Mas esta gaja é completamente passada! 'Tás maluca ou quê? Deves achar que as latas são minhas... Pagam-me prás vigiar. Dá cá os documentos.

Jeannette: Os documentos!

[1]⁷

Marius: Sim, os documentos!

Jeannette: Ainda por cima vais fazer queixa à bófia! Sabes que mais, fica com as latas e deixa-me em paz, 'inda agora dissestes que a fábrica não é tua! Não tenho guito prá tinta. Não vou de cana por isso! Queres fazer-me o mesmo que fizeram ao Jean Valjean? Já que é assim, devolvo-te as latas e ponho-me na alheta.

Marius: Chega de conversa fiada. Dá-me os documentos, 'tás a ouvir?

Jeannette entrega-lhe a carteira. Marius analisa os documentos.

Jeannette (em voz baixa): Fascista.

Marius: Quê?! Que é que dissestes?!

Jeannette (aos gritos): Disse "fascista"! Até parece que não és um operário como eu. Pra que é que te interessa o raio da tinta? O que vale é que não sou árabe, senão já me tinhas dado um tiro.

Marius: Chega! Cala-te! Pega nos documentos e põe-te a andar, 'tás a ouvir?

Jeannette: Pronto, obrig...

Marius: Chiu! Chiu! Cala-te! Vai-te embora sem mais um pio...Nem mais um pio.

Jeannette recua lentamente.

Jeannette: E a tinta?

Marius: A andar! A andar!

Jeannette vai-se embora sob o olhar atento de Marius.

2. SUPERMERCADO – INT. DIA

Duas latas de tinta avançam em cima do tapete de uma caixa de supermercado. Jeannette está sentada atrás da caixa numa posição estranha. Está sentada de maneira desconfortável, mas, na realidade, é a única posição que lhe permite não ter dores nas costas.

Agarra nas latas de tinta para as passar em frente à luz vermelha que lê o código de barras... Um responsável, o senhor Ébrard, passa por detrás dela e diz-lhe:

Ébrard: Ó sua aleijada!

Jeannette vira-se para ele.

Jeannette: É comigo que 'tá a falar, senhor Ébrard?

Ébrard: Ponha-se direita, Jeannette.

Jeannette: Não consigo. Quando me ponho direita, dói-me as costas.

⁷ Paginação correspondente ao texto original.

Ébrard: Vá, deixe-se de conversas. Não perca tempo.

Jeannette (endireitando-se): Nenhum cliente se queixou. Só o senhor, já viu?

Ébrard afasta-se.

Jeannette (para si própria): Torcionário!

[2]

Uma empregada de caixa: Jeannette, se continuas assim ‘inda te mandam embora, põe-te a pau.

Jeannette: E que me mandem embora! Quero que se lixem! Sempre fiz o meu trabalho e nunca ninguém se queixou! Se me mandarem embora não é porque me sento torta, é porque não gostam que diga as verdades! E quero é que se lixem! Se me calar, pr’além da dor nas costas, ‘inda fico mas é com uma úlcera. E não ganho que chegue pra andar a tratar doenças de ricos...

3. CASA DE JEANNETTE – INT. ANOITECER

Uma panorâmica mostra-nos o lugar onde vive Jeannette: um conjunto de casas baixas num velho bairro de Estaque. Jeannette vive numa destas casas, divididas em apartamentos, virados para um pequeno pátio interior comprido.

Sentada à porta de casa, Jeannette remenda umas meias. Cai a noite.

Atrás dela, a filha, Magali, dezanove, vinte anos, caucasiana, limpa a loiça.

Sentado à mesa, o filho, Malek, faz os trabalhos de casa. Tem à volta de dez, onze anos e tem aparência árabe, uma vez que o pai é de origem árabe.

Jeannette: Que é que vai ser de ti? Assim não chegas a lado nenhum. O teu pai era forte. Mas tu, com a saúde que tens... nunca vais poder trabalhar nas obras.

Malek: Mãe, tive um catorze...

Jeannette: E da última vez tiveste um dezoito! Quatro pontos a menos é muito, não achas? Vais reprovar.

Malek: Claro que não, um dez chega pra passar.

Jeannette: Não vais ser ninguém na vida se não tiveres um bom emprego, és demasiado fraco.

Magali (que ainda não se tinha pronunciado): A mãe tem razão.

Jeannette: Os sacrifícios qu’eu faço por este rapaz. Nunca vou ao cabeleireiro, trabalho dia e noite! E é isto! Tira-me um catorze.

Malek: Mãe, pára com isso. Sou o terceiro melhor da turma.

Magali: Cala-te! Não falas assim com a mãe, ouvistes? Vai prá cama. Anda lá, vai-te deitar!

Jeannette: Mas ele ainda não jantou!

Magali: Dormir é meio sustento.

Jeannette: Mas tu queres que ele fique doente! Tem que comer alguma coisa.

Jeannette arruma o material de costura e fecha a porta.

4. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Malek e Magali acabam de tomar o pequeno-almoço.

Jeannette sai do quarto.

Jeannette: Vamos lá que já está na hora.

[3]

Os miúdos pegam nas suas coisas e saem. Jeannette empurra o filho com carinho e dá-lhe um beijo.

Jeannette: Chau!

Jeannette dá um beijo a Magali que vai ter com o irmão ao pequeno pátio.

Jeannette: Um dezoito ‘tás a ouvir! No mínimo!!

Magali: Não te esqueças da Coca-Cola, já acabou.

Jeannette: ‘Tá bem. Trabalha muito tu também!

Magali: Sou a melhor!

Malek: Na faculdade não fazem nada o dia todo...

Saem pela cancela que dá para uma viela.

Jeannette sai para o pátio. Ouve-se um casal a discutir.

Jeannette faz alguns alongamentos para esticar as costas. Um barulho vindo da viela chama-lhe a atenção. Abre a cancela e depara-se com as duas latas de tinta que pretendia roubar da fábrica.

Dá de caras com Marius, bem vestido, perfumado, bem penteado, sem o fato-macaco...

Marius: Bom-dia.

Jeannette não responde e simplesmente olha para ele. Marius fica um pouco incomodado.

Marius: Perguntei aos meus responsáveis. Disseram-me: “Duas, pode ser.” Portanto, aqui estão elas... De qualquer maneira nunca põem os pés lá na fábrica. E nem sequer sabem quantas latas lá estão.

Jeannette: Porque é que fez isso?

Marius: ‘Inda agora lhe disse, duas latas não lhes faz diferença nenhuma. E depois, é assim, às vezes são eles que lá vão buscar umas latas, portanto...

Olham um para o outro.

Jeannette: Obrigada.

Marius: Não, não tem de quê. Prontos, vou andando.

Marius vai-se embora pela viela, a coxear.

Jeannette não desvia o olhar de Marius. Momentos depois, este vira-se para trás.

Marius: Adeus.

Jeannette: Adeus.

Jeannette fica um longo momento a olhar para ele enquanto se vai embora. Os seus olhos brilham. Sorri e imagina...

5. PRAIA – EXT. DIA

[4]

... Ao som de uma valsa, o céu amarelo, à beira-mar... Tal como num romance cor-de-rosa... Marius corre na sua direção. Deixou de coxear. Abraça-a, levanta-a e fá-la girar. Ficam um longo momento abraçados, felizes...

6. SUPERMERCADO – INT. DIA

Ébrard: Jeannette! Está outra vez com a cabeça na lua!

Jeannette interrompe o seu trabalho e dirige-se ao responsável que se encontra por detrás dela.

Jeannette: Mas o senhor não se cansa de andar o dia todo atrás de mim como uma melga?

Ébrard: E ponha-se direita! Não volto a avisar!

Jeannette: Não sei se conta chatear-me muito mais tempo, mas os clientes ‘tão à espera.

Ébrard: Ponha-se direita! Último aviso!

Jeannette: Caraças, mas eu falo em código de barras? Não me contrataram pra fazer de manequim. Ponha-me aqui uma cadeira confortável qu’eu sento-me direita. Só temos cadeiras que devem ter pertencido à Gestapo para obrigarem os resistentes a falar. Um quarto d’hora aqui sentados e nem faz falta pôr-lhes fósforos debaixo das unhas, não acha, bastava pousar aqui o cu e denunciavam pai, mãe, e a família toda!...

Os clientes parecem divertidos com a discussão.

Ébrard: Resolvemos isto quando acabar o serviço.

Jeannette: ‘Tá bem, ‘tá.

Ébrard afasta-se. Jeannette volta ao trabalho.

Corte

Jeannette encontra-se agora por detrás de um vidro, no escritório da direção, face ao senhor Ébrard. Não se ouve o que dizem, mas a discussão está visivelmente animada.

Ébrard grita com Jeannette, mas esta grita também.

Uma empregada de caixa (para outra empregada de caixa): É a única coisa que ganha por não fechar aquela matraca...

Outra empregada de caixa: Lá está, se toda a gente falasse ela não ‘tava naquela situação.

Uma empregada de caixa: Se fosse assim tão simples, filha...

Outra empregada de caixa: Precisamente, é simples demais.

De repente, ouve-se a voz de Jeannette nos altifalantes do supermercado:

Jeannette: Força camaradas! Força! Comprem, esvaziem essas carteiras, consumam, consumam... Qu’isso é que vai criar emprego!

[5]

Atrás do vidro, Jeannette apoderou-se do microfone.

Jeannette: Comprem, ‘tou-vos a dizer! Comprem o que não precisam!

Ébrard precipita-se e puxa-a para trás de modo a afastá-la do microfone.

Ébrard: O que é que pensa que está a fazer? O que é que...

Jeannette: ... o que é mais caro, façam empréstimos...

Ébrard: Pare já com isso!!!

Arrasta-a para fora do escritório.

Jeannette: Mais depressa! Façam mais créditos! Atem a corda ao pescoço!

Todos os clientes do supermercado os observam.

Jeannette tenta defender-se...

7. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

É hora de as crianças irem para a escola.

Malek, de pé em cima das duas latas de tinta, chama a irmã:

Malek: Ei!

Magali sai, empurrada pela mãe.

Jeannette: Toca a andar!

Magali: Não te esqueças da Coca-Cola hoje.

Jeannette: ‘Tá prometido.

Jeannette parece feliz, demasiado feliz até.

Magali: Já ficaste de comprar ontem.

Jeannette: Sim, eu sei, mas esqueci-me.

Magali: Hoje não te esqueças.

Malek: Ó “Coca-Cola”! Vens ou picas?

Magali e Malek saem. De imediato, a expressão de Jeannette descompõe-se, deixa de fingir o bom humor e começa a chorar.

8. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

Jeannette está à beira do precipício, na fábrica de cimento. Ficamos na expectativa se vai ou não saltar.

Marius aproxima-se dela. Após uma pausa, pergunta.

Marius: Passa-se alguma coisa?

Jeannette: ‘Tou cansada.

Marius: Porquê?

[6]

Jeannette: Fui despedida.

Marius: Não se quer chegar mais pra trás? Tenho medo das alturas.

Jeannette: Ah, não se preocupe, customo vir pr'aqui pensar e nunca saltei. 'Inda não vai ser desta. O meu pai trabalhava nesta fábrica e quando o vinha buscar e que ainda não eram horas, vinha pr'aqui olhar lá pra baixo. Uma noite, tinha eu nove anos, esperei muito tempo e ele nunca veio, estava morto, tinha explodido uma canalização de vapor. Tinha trinta e seis anos. Porque é que estão a deitar a fábrica abaixo? Quer dizer, razões pra isso deve haver, mas nunca vamos saber de nada. Quem é que decidiu destruir a fábrica onde o meu pai morreu? Onde? Quando? E nós, não podemos fazer nada em relação a isso... E, no entanto, vamos precisar sempre de cimento, não é?

Marius: Tenho a cabeça a andar à roda só d'a ver aí...

Jeannette: Acha que 'tou a ficar doida?

Marius: Não, não, só 'tava a pensar no que podia dizer prá fazer rir. Mas não me lembro de nada. Ah, já sei! Quando era criança, na escola, pra fazer rir os meus amigos, virava as costas à professora e punha a boca torta, assim.

O lábio superior de Marius parece puxado por um fio para cima, em diagonal, enquanto o lábio inferior parece puxado para baixo, na diagonal contrária.

Jeannette sorri cordialmente.

Marius: Já não funciona. Bem, e se me oferecesse para ir pintar a sua casa. Olhe que sou um bom pintor. Faço-lhe um trabalho cinco estrelas. E pronto, também sei fazer outras coisas pra além de disparar em ladrões...

Jeannette: É muito simpático, mas não é preciso.

Marius: É por causa da minha perna?

Jeannette: Ah, não, isso não me incomoda nada. O qu'eu quero dizer é... Não é...

Marius: Quer fazer uma corrida até àquele guarda-sol?

Jeannette: Nem pensar!

Marius: Dou-lhe dez metros de vantagem.

Jeannette: Ora essa, isso é ridículo.

Marius: Tem medo de perder?

Jeannette: Claro que não!

Marius: Então, vá, dou-lhe vinte metros.

Jeannette: Mas acha mesmo que me vou pôr agora a correr?

Marius: Não tem outra opção. Humilhou-me.

Jeannette: Não, é...

Marius: Vamos... Despache-se! Se ganhar, vou a sua casa pintar.

Marius agarra-lhe o braço e coloca-a dez metros mais à frente. Jeannette deixa-se guiar.

Marius: Dez metros...

Marius volta para trás, ao ponto de partida. Jeannette olha para ele.

[7]

Marius: Pronta? Um... dois... três!

Jeannette começa a correr e rapidamente Marius ultrapassa-a. Jeannette pára e olha para ele, estupefacta. Marius deixou de coxear.

Sorriem um para o outro.

9. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Marius e Jeannette estão a pintar.

Marius: Pois, é por causa deste trabalho de vigia. Não é que quisesse mais este emprego do qu'outro, mas pronto, pensei: tens mesmo que ficar coa vaga. Quando chego lá, 'tava uma fila! Parecia que os 3 milhões de desempregados tinham todos combinado 'tar ali pr'aquele trabalho. Então, assim de repente, do nada, tive essa ideia, mesmo quando chegou a minha vez prá entrevista. Comecei a coxear. Pensei: bem, a única hipótese de ficar com este trabalho, é eles terem pena de mim. Também não iam ver se era verdade ou mentira... E, se calhar, pensaram que nos dias de vendaval, com a perna hirta não ia voar tão facilmente.

Com isto, conseguiu fazer rir Jeannette.

Tudo o que estava na divisão que estão a pintar encontra-se agora no pequeno pátio. Malek e Magali regressam da escola.

Jeannette (em off): E funcionou?

Param à entrada de casa e olham para as obras.

Jeannette: Meninos, este é o Marius, foi ele que nos deu a tinta...

Malek: E agora está a dar uma mão.

Magali: Boa tarde.

Marius: Boa tarde.

Magali abre o armário e não vê a Coca-Cola.

Magali: Ó mãe, esqueceste-te outra vez.

Jeannette: Não me esqueci, Magali, eu depois explico-te.

Malek: Posso pintar, mãe?

Jeannette: Vai fazer os trabalhos de casa.

Malek: Só desta vez...

Jeannette: Vai fazer os trabalhos de casa.

Malek (para Marius): O que é que é preciso pra pintar?

Marius (olha primeiro para Jeannette): Como assim, que é que preciso?

Malek: Que tipo de material?

Marius: 'Tão, um pincel, tinta... e muita lata.

Todos se riem...

10. PÁTIO – EXT. DIA

[8]

Justin, cabelo grisalho, nos seus sessenta anos, está sentado numa espreguiçadeira em frente a casa, numa pequena varanda que dá para o pequeno pátio. De óculos, está a ler um livro sobre Gaudi.

Justin: “Güell, o amigo de Gaudi, tinha fundado em mil oitocentos e noventa e oito uma fábrica têxtil assim como um bairro para os operários mesmo ali ao lado deste local de trabalho⁸.”

Caroline, também nos seus sessenta anos, sai de casa, do cimo de uma escada que desce para o pequeno pátio, em frente a casa de Justin.

Caroline: Jeannette! Jeannette!

Desce para o pátio.

Caroline: Jeannette! Jeannette, ‘tás a ouvir?

Jeannette: O que foi, mulher?

Caroline: Na rádio! O Fidel Castro!

Jeannette: Foi desta pra melhor?

Jeannette aproxima-se.

Caroline: Não é nada disso, mulher. Ele ‘tá cá. Parece que deixou a farda e vestiu um fato completo pra fazer olhinhos aos grandes patrões franceses.

Jeannette: Pra quê?

Caroline: Ora essa, porque está mais pra lá do que pra cá. Quer a França a investir no país dele. Mas tens noção do que é que isto significa? Daqui a dez anos, ouve o que te digo, se o capitalismo se meter ao barulho, Cuba vai ficar exatamente como antes da revolução... E na Rússia, igual que no tempo dos czares. Deitaram fora o bebé com a água do banho.

Jeannette: E então?

Caroline: E então, estas coisas discutem-se.

Jeannette: Olha, pois então, falamos amanhã porque hoje era bom qu’arranjasse emprego.

Jeannette vai-se embora.

Caroline: É preciso pensar, Jeannette, é mesmo preciso.

Na viela, Jeannette cruza-se com Dédé, uns quarenta anos, que está a voltar do trabalho, com uma t-shirt impressa com a frase Fier d’être Marseillais (Orgulhoso de ser de Marselha). Cumprimentam-se.

Jeannette: Olá, Dédé. Já não trabalhas à noite?

Dédé resmunga. Entra no pequeno pátio ao mesmo tempo que Jeannette sai. Atravessa o pequeno pátio, passa em frente aos 3 filhos (entre 3 e 10 anos).

Menino: Olá, pai!

Menina nua: Olá, pai!

[9]

⁸ Tradução livre da tradutora.

Dédé não responde. Deixa o que trazia consigo em casa e volta a sair de imediato para se deitar numa espreguiçadeira.

A mulher, Monique, da mesma idade, debruça-se à janela.

Monique: E então? Sempre vão fazer ou não? Vão fazer greve?

Dédé: Já 'tou que nem posso com as greves. Da última vez foram quatro semanas, já nem podemos mandar compor o raio da televisão.

Monique: Mas que caraças Dédé, 'tás a ver a minha cara de preocupada? Não quero saber da televisão nem do futebol pra nada. 'Tou-te a falar da greve.

Dédé: Pois, mas eu estou-me a lixar pà greve.

Monique: Coitado de ti, meu pobre Dédé! Como tu estás!

Dédé: Então diz-me pra que é que serviu da última vez?

Monique: Olha, serviu pra salvar a Segurança Social! Foi pra isso que serviu! Caralho, Dédé! Temos três filhos! Achas que é um acaso? Vá, força, não faças greve, não... Vai votar na Frente Nacional, vai...

Dédé: Ai que caraças! Mas vais-me deixar em paz com isso?

Monique: Que é que foi, hein?

Dédé: Olha, merda! Mas agora vais-me esfregar na cara todos os dias que votei uma vez por eles? Uma única vez não é...

Monique: É, sim!

Dédé: Vais estar sempre a bater no ceguinho, é?

Monique: Vou, sim! E todos os dias ainda por cima!

Justin desce até ao pátio.

Justin: Bom-dia, Dédé. Então, que é que se passa? Não estás nos teus dias?

Sem responder à saudação de Justin, Dédé levanta-se...

Dédé (para a esposa): Continua, vá, continua.

... e vai-se embora. Passa em frente a Justin sem um único olhar. Justin senta-se ao lado das crianças. Monique aproxima-se.

Justin: Bom dia, Monique.

Monique: Bom dia, Justin.

Justin: Bem, o nosso Dédé não parece estar em forma.

Caroline aproxima-se igualmente.

Caroline: Bom-dia, Justin.

Justin: Bom-dia, Caroline.

Justin brinca com as crianças.

Caroline: Faz-te lembrar os tempos de professor!

Justin (para as crianças): Ah, e a escola?

Monique: Olha, não têm ido, 'tão em greve, querem acabar com uma turma.

[10]

As três crianças começam a cantar:

As crianças: Não há escola, não há escola... corremos, voamos e brincamos...

Justin começa a dançar e a cantar com os três miúdos.

Justin e as crianças:

Não há escola,

Vamos celebrar,

Não há escola, não há escola,

Não tem piada, mas vamos aproveitar,

Um de cada vez, vamos brincar,

Não há escola, vamos celebrar...

11. PORTO – EXT. DIA

Jeannette chega em frente a um edifício. Uma mulher ruiva espera em frente à porta.

Jeannette: ‘Tá à espera pra entrevista?

Mulher ruiva: O que é que achas?

Atrás da mulher ruiva, estão outras mulheres na fila. Jeannette dá a volta à fila sem fim. Estão dezenas e dezenas de mulheres à espera.

Ao longe, vêem-se contentores, gruas...

E Jeannette continua a contornar a fila sem conseguir ver o fim.

12. CASA DE JEANNETTE – EXT. DIA

Jeannette chega a casa. Está mais do que irritada. Marius está em casa dela, ainda a pintar, com ar divertido, assobia O sole mio. Olha para ele, com ar severo. Agressiva, Jeannette diz:

Jeannette: Queres ir pra cama comigo?

Marius (surpreendido): Mas é que nem pensar! Quer dizer... não.

Jeannette: Que é que queres, então?

Marius: Eu? Não quero nada. ‘Tá tudo bem. Não quero nada.

Jeannette: Voltas a minha casa pra pintar assim do nada, sem nenhuma razão...

Marius: Sim, do nada. Incomoda-te?

Jeannette: Não.

Marius: Pronto... Então vou continuar...

Jeannette: Não, não vais continuar.

Marius: Ah não.

Jeannette: As crianças ‘tão aí a chegar. Têm que fazer os trabalhos de casa. E quando ‘tás aqui não fazem nada de jeito.

Marius: Mas, a culpa não é minha...

[11]

Olham um para o outro.

Marius: Bem, vou arrumar isto.

Jeannette: Deixa 'tar, deixa 'tar que eu faço isso...

Marius: Como quiseres... Tens a certeza? Não queres que...

Jeannette: Já chega, Marius!

Marius limpa as mãos no pequeno pátio.

Jeannette: Já acabastes?

13. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

Jeannette escala o portão de entrada da fábrica. Marius está sentado num velho cadeirão de pele, à sombra de um guarda-sol.

Jeannette aproxima-se, pega numa bobina e senta-se em frente a Marius.

Tira o casaco.

Jeannette: Desculpa pelo que disse. Já não 'tou habituada a ter um homem em casa, ós anos que não se ocupam de mim... Tens copos?

Marius levanta-se para ir buscar copos. Quando volta, Jeannette tira uma garrafa de Martini de um saco plástico.

Jeannette: Trouxe isto pra fazermos as pazes. Adoro Martini.

Abre a garrafa.

Marius: Pra mim não, obrigado.

Jeannette: 'Inda 'tás zangado?

Marius: Não bebo.

Jeannette: Não?

Marius: Não.

Jeannette: Nunca?

Marius: Nunca.

Jeannette enche o copo até meio.

Jeannette: Saúde.

Marius tira um pacote de cigarros do bolso e brinda como se fosse um copo.

Marius: Saúde.

Oferece-lhe um cigarro. Jeannette recusa com um gesto.

Jeannette: Um dia, o pai do Malek saiu pra comprar um maço de cigarros e nunca mais o vi. Na Rua Cannebière, houve um pedaço de [12] andaime que se desfez. Foi morte súbita. Desde aí, nunca mais toquei num cigarro. Também nunca mais fiz amor. Já lá vão 8 anos. ‘Tou-te a contar estas coisas, nem sequer devia, mas falo contigo como um verdadeiro amigo. O que é bom contigo é que não falas muito... já eu...

Jeannette sorri.

Jeannette: Lembro-me tão bem de como era com ele. Já com o pai da minha filha, hum, não me lembro, se calhar porque me deixou, ou então não era tão bom, de qualquer das formas não era tão bom... Já com o pai do Malek, era bem bom, sim, era bem bom. Lembro-me perfeitamente disso, ele gostava e fazia aquilo bem...

Marius: Então se calhar é melhor nunca experimentarmos.

Pausa.

Jeannette: Sentes-te atraído por mim, Marius?

Marius: Sim.

Jeannette: Quando o pai do Malek morreu, a Magali veio dormir comigo porque foi terrível pra mim, ficar sozinha, assim, de repente. Parecia que a cama se tinha transformado numa espécie de inimigo glacial... E esse frio atravessa até os sonhos.

Marius: Pois, é verdade.

Jeannette: Conheceste muitas mulheres?

Marius: Mais ou menos...

Jeannette: Chegaste a viver com alguma mulher? Muito tempo?

Marius: Sim.

A noite caiu. Jeannette está sentada na cama de Marius, encostada à parede. Dorme nesta posição. Vestida. Marius está deitado, a cabeça em cima dos joelhos de Jeannette, adormecido também.

14. PÁTIO – EXT. DIA

No dia seguinte, no pequeno pátio, Jeannette comenta a noite anterior com as duas vizinhas.

Jeannette: Que é que este tipo me quer? É impossível que goste de mim. Já tive duas vidas. Tenho dois filhos. Não quero ter mais filhos, não temos futuro juntos. Não percebo.

Monique: Mesmo assim passaram a noite juntos!

Jeannette: Sim, mas não foi pró que ‘tás a pensar.

Caroline: Não aconteceu nada...?

Jeannette: Não!

Monique: Deixa lá que esse não deve ir muitas vezes ao cinema!

Jeannette: Porque é que dizes isso?

Monique: Então, porque agora, cada vez que se vai ao cinema, vê-se o herói a foder a heroína de pé... contra uma parede... com os pés na lama... E ganham rios de dinheiro com isso!

[13]

15. PÁTIO – EXT. DIA

Justin está a sair de casa.

Justin: Bom dia, Caroline.

Caroline está sentada no cimo das escadas de acesso a casa. Está a debulhar favas.

Caroline: Bom dia, Justin.

Justin desce até ao pátio.

16. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Jeannette e Marius esfregam o chão para retirar as manchas de tinta...

Marius assobia O sole mio. Jeannette acompanha a melodia...

17. PÁTIO – EXT. DIA

No pequeno pátio, Justin sentou-se a alguns metros de Caroline para ler o jornal, Le Monde Diplomatique. Caroline continua a debulhar as favas no seu, L'Humanité.

Justin: São... favas frescas?

Caroline: Nem sei porque é que perguntas, não 'tás a ver que sim?

Justin: Para meter conversa.

Caroline: Pra meter conversa, podias falar de outra coisa, não?

Justin: Olha, sabes que é um veneno...

Caroline: Mas que veneno? Comi favas a minha vida toda, pareço morta?

Justin: Pois... Mas olha, eu tinha um amigo com quem comia favas e morreu por causa disso.

Caroline: Porque se calhar foste tu que as cozinhastes, queres ver?

Justin: Umas horas depois de as termos comido, pôs-se todo amarelo, o sangue ficou envenenado, os glóbulos vermelhos foram diminuindo cada vez mais, tinha febre, tonturas... E depois, também depende das pessoas. Há aquelas que se curam em dois, três dias e há aquelas que nunca mais se curam: ou morrem de ataque cardíaco, ou ficam com problemas nos rins, vão cada vez menos à casa de banho e então o azoto concentra-se no sangue.

Caroline: E porque é que me 'tás a dizer isso?

Justin: Só para meter conversa.

Caroline: E só pra meteres conversa envenenas-me. Não podes falar do tempo como toda a gente?

Justin: Não sou um especialista, mas em favismo sim.

Caroline: É assim... Já tinha percebido que querias comer, não era preciso inventar essa história do veneno.

[14]

Justin: Olha lá, mas eu não inventei nada! Absolutamente nada! Não comecei a conversa com o objetivo de ir comer a tua casa logo à noite. Isso é fazer-me dizer coisas que eu não disse.

Caroline: Não é nada disso, Justin, mas conhecemo-nos há quarenta anos, porra, não me podes simplesmente dizer que não te apetece passar a noite sozinho? Ou então que gostas das minhas favas, eu sei lá.

Justin: O quê? Mas o quê? “Eu sei lá”? Eu aqui a tentar ter uma conversa cordial de vizinhos e tu a pensar sei lá o quê.

Caroline: Já não queres ir prá cama comigo, é?

Justin: Quer dizer sim, mas isso... isso... não tem nada a ver com as favas!

Caroline: Tem tudo a ver com tudo. Foste tu que me dissestes isso um dia.

Justin: Sim, está bem... Mas, neste caso...

Caroline: Prontos, acabei. Janto às sete. Se não vieres como tudo e se morrer envenenada a culpa é tua.

Justin: E como é que costumás fazer as favas?

18. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Jeannette pendura na parede uma cópia de um quadro de Cézanne...

19. PÁTIO – EXT. NOITE

É de noite. Em voz off, ouve-se uma discussão entre Monique e Dédé.

Dédé: Outra vez! Ainda a falar do mesmo assunto!

Monique: E hei-de falar-te toda a vida nisto.

Dédé: Fogo, é impossível.

Monique: Este tipo de coisas não se perdoam.

Dédé: Já começo a ficar farto, ‘tás a ouvir?

Monique: Mas pelo amor de Deus! Votar na Frente Nacional, nem que seja uma vez na vida, é imperdoável, quando é que vais meter isso na cabeça?

Dédé: Mas uma vez não é nada, caraças.

Monique: Uma vez não é nada?! O mundo está cheio de parvos que só votam uma vez!

Na minúscula varanda de Caroline, quase nem cabem a mesa e as duas cadeiras. Justin pôs uma gravata. É o fim do jantar.

Justin: Ainda me lembro da primeira vez... Debaixo do grande pinheiro, não foi, lá em cima, no pinhal. É como se fosse ontem.

Caroline: Eu lembro-me sobretudo do estado em que as minhas costas ficaram. E das pedrinhas que entravam por todos os lados. ‘Tava toda massacrada.

Justin: Mas hum... se, hum... se recomeçássemos agora teria de ser na tua cama, não é? Mas se quiseres, primeiro casamos.

Caroline: Somos vizinhos, faço-te favas, é como se vivêssemos juntos. ‘Tamos bem assim, não achas?

[15]

Caroline pousa a mão em cima da de Justin. Com fervor, Justin pega na mão dela e beija-a.

20. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

As máquinas continuam com a demolição da fábrica de cimento. Marius passa, de fato-macaco vermelho, com a carabina...

Corte

Marius termina de repor uma roda numa bicicleta virada ao contrário.

Marius: Aqui tens.

A bicicleta pertence a um jovem.

Marius: Que é que queres ser quando fores grande?

Primeiro jovem: Jogador de futebol.

Estão também presentes outros jovens encostados às bicicletas.

Marius: E tu?

Segundo jovem: Jogador de futebol.

Marius: Ah! Tu também! E tu?

Terceiro jovem: Jogador de futebol.

Marius: Ah, então querem todos jogar à bola. Pois, muito bem, já têm quase uma equipa completa.

Primeiro jovem: E tu, quando eras pequeno, querias ser vigia?

Marius: Quando era pequeno... Sim, é um bom trabalho, não achas? Sempre quis ser vigia. Pronto Zidane, chau!

Primeiro jovem: Chau! E obrigado!

Os outros jovens: Chau, chau.

Os jovens saltam para cima da bicicleta e vão-se embora...

21. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Malek está sentado com um livro aberto em cima dos joelhos. Jeannette senta-se junto dele.

Jeannette: Come, Malek, que é que estás a fazer?

Malek: Ainda não, é muito cedo.

Jeannette: Muito cedo?

Malek: Ainda não é de noite.

Jeannette: Mas que é tu que andas a fazer?

Malek: Ramadão.

Jeannette: O quê?

Malek: Ramadão, mãe. Não posso comer antes do anoitecer.

Jeannette: E ao mei'-dia também fizeste Ramadão? Não comeste?

Malek: Não.

[16]

Jeannette: Mas 'tás maluquinho? Achas que Deus te quer ver todo magricelas?

Malek: Não é Deus, é Alá.

Jeannette: O quê?

Malek: E Maomé é o seu profeta.

Jeannette: E eu quem é que sou? Quem é que sou?

Malek: Isso não tem nada a ver, mãe.

Jeannette: Pois, mas sou tua mãe. E ‘tou-te a dizer para ires comer. Já és tão fraco e ‘inda te pões a fazer Ramadão!

22. PÁTIO – EXT. DIA

No pátio, os filhos de Monique e Dédé brincam. Enquanto isso, Justin e Malek falam sobre religião.

Justin: Mas não Malek, eu posso falar sobre isso contigo se quiseres, mas eu não acredito.

Malek: Não?!

Justin: Ah, isso não. Eu não acredito nem em Deus, nem em Javé, nem em Alá, sabes? Mas podemos falar sobre o assunto.

Malek: Força, então.

Justin: Então! O que é que queres saber?

Malek: A minha mãe é católica e eu sou muçulmano, como é que pode ser?

Justin: É uma pergunta bastante difícil, mas vamos tentar à mesma. Tu e a tua mãe não são assim tão diferentes. Porque é que te estás a rir?

Malek: Pois, toda a gente diz que somos parecidos.

Os outros três miúdos também prestam atenção à conversa.

Justin: Não, o que eu quero dizer é que as vossas religiões não são assim tão diferentes. É como aqui, os habitantes de França são todos franceses. Ah pois... Mas há os habitantes de Marselha, de Paris, de Bordéus e por aí adiante, estás a perceber?

Malek: Mais ou menos...

Justin: Já vais perceber. Os habitantes de Marselha, por exemplo, seriam os muçulmanos, os de Paris, os cristãos, os de Bordéus, os judeus... Mas são todos franceses.

Malek: E você no meio disto tudo?

Justin: Eu o quê?

Malek: De onde é que você vem?

Justin: O que é que queres dizer com isso?

Malek: Já que não é nem muçulmano, nem cristão, nem judeu... De onde é que vem? Da Córsega?

23. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

[17]

Marius, com o olho esquerdo fechado, carabina ao ombro, olha através da lente. Vê um carro, uma fachada... Ao longe, o mar. E logo depois, uma estrada e uns miúdos...

Marius baixa imediatamente a carabina...

24. PÁTIO – EXT. DIA

Jeannette descansa, sentada, os pés pousados em cima de uma mesa.

Caroline, nas escadas, trata das plantas.

Monique está à cancela. Vê-se um homem em frente a ela, na viela.

Monique vira-se para as duas amigas:

Monique: Alguma de vocês ‘tá interessada em lingerie fina a bom preço?

Jeannette: ‘Tás a gozar connosco?

Monique: Não, ‘tá aqui um gajo a vender lingerie feminina.

Jeannette: Até ao domingo nos vêm dar cabo do juízo!

Caroline: Diz-lhe que fomos à missa!

O homem entra no pequeno pátio. Tem uma camisola de marinheiro vestida. Segura uma pasta.

Ébrard: Com licença...

Jeannette reconhece-o imediatamente.

Jeannette: Senhor Ébrard!

Caroline: Conhece-lo?

Jeannette: Então não conheço. É o meu chefe! Foi por causa dele que fui despedida!

Ébrard: Bom-dia, Jeannette. Está a ver... quando quer anda direita.

Pousa a pasta em cima da mesa.

Caroline: Queres que trate dele?

Jeannette: Pra já, não.

Ébrard: Também fui despedido, Jeannette.

Jeannette: Não acredito! Justiça seja feita! E agora anda a vender cuecas.

Ébrard: Pois é... E sabe uma coisa, não é por ser patrão que ganho muito mais do que uma empregada de caixa...

Jeannette: Mil francos ainda é dinheiro, não acha?

Ébrard: Novecentos e vinte e um francos, mais exatamente.

Caroline: Temos uma pena de ti, filho...

Jeannette: E então? Pediu um aumento?

Ébrard: Não foi bem assim. Quis aumentar-me a mim próprio, digamos... Roubei e fui apanhado.

Caroline: Já começo a gostar dele...

Jeannette: Então diga lá que é que roubou, senhor Ébrard?

[18]

Ébrard: Cuecas prá minha mulher.

As três mulheres desatam às gargalhadas.

Ébrard: Tem noção de quanto é que custam umas cuecas? E não estou a falar das cuecas de algodão que ficam logo todas largas depois de duas lavagens, estou a falar de uma cueca como deve ser!

Caroline: De seda!

Ébrard: De seda, sim, por exemplo. E a minha mulher gasta tantas! Mas tantas! É que a minha mulher é um bocado forte, o que faz com que ela passe a maior parte do tempo sentada e, nessa posição, é a cueca que suporta o peso todo, nesta parte aqui, mais precisamente. E quando ela se mexe, a fricção, forma duas mandíbulas de crocodilo e a coitada da cueca, entre as mandíbulas, não aguenta...

Monique: E que é que... E que é que a sua mulher faz pra ‘tar sentada o dia todo?

As três mulheres não conseguem parar de rir.

Monique: Quem me dera a mim poder ‘tar sempre sentada...

Ébrard: Temos quatro filhos, sabe. Engordou 10 kg a cada gravidez e nunca mais os perdeu. E custe-lhe estar de pé. E depois... estamos à espera de um quinto filho que nasce daqui a 3 meses.

Jeannette: Ora essa... nunca pensei uma coisa dessas de si, senhor Ébrard!

Ébrard: Nesse caso, se me puderem comprar qualquer coisita... Não é seda asiática, atenção! Porque a seda asiática, ao fim de duas lavagens, começa a ficar estragada, mesmo sendo seda.

Jeannette: Também nos vai dar conversa fiada a nós?

Ébrard: Mas é verdade. Os bichos-da-seda de lá devem ser alimentados tanto quanto pagam aos trabalhadores, para ser honesto!

Monique: Então mostra-nos as cuecas ou não?

Ébrard: Ora vamos a isso...

Ébrard começa a mostrar as cuecas, começando por uma vermelha.

As três mulheres: Ah! Olha, olha!

Jeannette: Ah! Pouco tecido! Ah, grande noite!

Ébrard: Aqui temos!

Jeannette: Ah, gosto muito dessa!

Ébrard: Um pouco maior...

Caroline: Mais triste...

Monique: Sim... Se bem que o meu Dédé até gosta de azul...

Corte

O senhor Ébrard já não está presente. As três mulheres estão sentadas à volta da mesa. Cada uma tem em frente a si um pequeno monte de lingerie.

[19]

Monique: Estamos há dois meses a juntar dinheiro pra compor a televisão... Quando o Dédé souber que gastei quatrocentos francos em cuecas...

Jeannette: Eu não quero saber, passei um cheque em branco!

Caroline: Ai, não acredito!

Jeannette: Ó pá, uma vez que pagas a água, a luz e a renda, não sobra mais nada na conta.

Monique: E como é que vais fazer?

Jeannette encosta o sutiã ao peito e abana-se...

Jeannette: Agora que já tenho a roupa... só falta encontrar o cliente...

25. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

No quarto de Jeannette, Magali experimenta a lingerie.

Jeannette: Então, gostas?

Magali: Fica-me bem, mas não sei se gosto.

Jeannette: Estás linda.

Magali: Não pareço uma ordinária?

Jeannette: Pareces, mas fica-te bem. Cá nada, ‘tou a brincar. Nem sei o que me parece ver-te assim, ‘tás crescida.

Magali: Se sair assim vestida engravidado antes de chegar ao final da rua.

Jeannette: Eu até que gostava de ser avó. Como é que se chama o teu namorado?

Magali: Ó mãe, não comeces...

Jeannette: Que é que foi? Podes contar-me.

Magali: Também costumavas contar tudo à tua mãe?

Jeannette: Coitada da minha mãe, ‘tava eu a parir-te e ela a pensar que ainda era virgem. Fica com ela, fica-te muito bem, ficas linda. Não é preciso ter vergonha de andar bonita, o importante é saber pra quem o fazemos. Uma vez que sabes isso...

Magali: E tu não a queres?

Jeannette: ‘Tou a dizer pra ficares com ela.

Magali deita-se na cama e pousa a cabeça em cima dos joelhos da mãe que lhe passa a mão no cabelo.

26. COLINA – EXT. AMANHECER

Ao amanhecer, no centro de um edifício em ruínas, Jeannette acaba de vestir-se. Olha para Marius, nu, com o fato-macaco na mão. Este acende um cigarro. Jeannette acha-o bonito. Marius apercebe-se que está a ser observado e fica um pouco incomodado.

Vão-se embora do edifício em ruínas com os primeiros raios de sol.

27. CAMINHO – EXT. DIA

[20]

Marius e Jeannette caminham por uma pequena estrada que domina o bairro histórico de Estaque.

Jeannette: Na realidade, não sei nada sobre ti...

Marius: Não fales. Não devemos falar, devemos olhar pró céu, respirar, aqui...

Jeannette: ‘Tá bem, mas eu sou curiosa. Também gostava de saber...

Marius: Saber o quê? Sabes, o que nos está a acontecer já nos aconteceu, e já foste casada, já tiveste namorados... E se começamos a falar do que sentimos, já passámos por aí... Não, não falemos disso. Falar, sabes, impede-nos de aproveitar o momento presente. Gostaria que fosse... que fosse diferente. Já tudo foi feito, por nós, pelos outros... Não, deve ser diferente a cada vez que passamos por isto, mais nada.

Jeannette: Não falas muito, mas quando falas, falas bem, sabes? Gosto disso.

Marius: Posso pôr o braço por cima dos teus ombros?

Jeannette: Claro, porque é que perguntas?

Marius: Sei lá... Mas olha que vamos ver gente. Torna-se oficial, não?

Jeannette ri-se. A câmara pára e foca nos telhados de Estaque e no mar ao longe...

28. VIELA – EXT. DIA

Na viela, Jeannette cruza-se com Monique que leva uma cesta na mão.

Monique: Só ‘tás a chegar agora? Não me digas que desta vez também não se tocaram!

Jeannette: Foi um regalo.

Monique: É bom na cama?

Jeannette: Depois conto-te tudo.

Monique: Mas quero saber os detalhes todos, ‘tás a ouvir?

Jeannette: Tem um rabo bonito que nem imaginas. Parece uma maçã.

Jeannette entra no pequeno pátio.

29. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Jeannette é recebida pela filha, na cozinha:

Magali: Já viste que horas são?

Jeannette: Que é que foi?

Magali: Onde é que estavas? O Malek foi atrasado para a escola hoje. O que vale é que me levantei.

Jeannette: Mas qu’horas são?

Magali: Nove menos dez.

Jeannette: E não tens aulas hoje de manhã?

[21]

Magali: Estava à tua espera.

Jeannette: Pra quê?

Magali: Passaste a noite toda fora, mãe. Podias ter avisado, era o mínimo que podias ter feito.

Jeannette: É assim, não ‘tava a contar.

Magali: Não quero saber, não quero detalhes, não m’interessa.

Jeannette: Mas que é que tens hoje?

Magali: Não é nada, está tudo bem. Queres café?

Jeannette: Sim, obrigada.

Magali serve-lhe um café. Jeannette senta-se, seguida de Magali.

Jeannette: O teu irmão tomou o pequeno-almoço?

Magali: Mãe, tenho que te contar uma coisa importante.

Jeannette: ‘Tás-me a deixar preocupada.

Magali: Pois, eu sei, não vais gostar muito da ideia.

Jeannette: Vais-te casar!

Magali: Mãe!

Jeannette: ‘Tás grávida?

Magali: Mãe!

Jeannette: Então fala, vá, nunca te vi assim, por isso fala...

Magali: Vou-me embora.

Jeannette: Como assim embora? Não ‘tás bem aqui em casa?

Mãe: Mãe!

Jeannette: Que é que se passa? É por... é por causa do Marius?

Magali: Ora essa, claro que não.

Jeannette: Porque é assim, eu também tenho direito de conhecer outro homem. Mas... não gostas dele? Podemos falar sobre isso, sabes. Ele fez-te alguma coisa?

Magali: Quero ir estudar para Paris.

Jeannette: Paris! Mas ‘tás maluca! Já viste tudo o que ‘tá a acontecer em Paris?!

Magali: Tudo, tudo acontece em Paris, o teatro... o cinema...
Jeannette: Tu queres mas é ir prá boa vida.
Magali: Claro que não, quero entrar numa escola de jornalismo. Onde é que posso fazer isso se não for em Paris? É Paris, não é a China! Nem sequer são quatro horas de comboio...
Jeannette: E onde é que vais morar em Paris?
Magali: Eu e a Rose vamos alugar um quarto juntas.
Jeannette: E a Rose também quer ser jornalista?!
Magali: Não, quer fazer teatro.
Jeannette: Pois! Não me admira nada dela.
Magali: E porquê?
Jeannette: Por nada, é que já conheço a tua Rose. Não tem muitos espinhos, vai ser colhida num instante...

30. PÁTIO – EXT. DIA

[22]

Caroline, sentada nas escadas, conta a Jeannette e a Monique:

Caroline: Eu em 44... tinha 14 anos, mas, sabes, dois meses no campo e ficavas logo dez anos mais velha... Os homens e as mulheres eram separados, mas, mesmo assim, de vez em quando viam-se alguns. E tínhamos sorte por não sermos judeus, porque os judeus nem tinham tempo de se instalarem, só estavam de passagem. Mas nós éramos uns comunas, não havia a mesma pressa em exterminar-nos, e então já tínhamos a nossa rotina e fazer sexo fazia parte. Fazer amor tornava-nos mais fortes, é como sonhar, ninguém to pode tirar, ninguém nos podia impedir de fazer amor, bastava não sermos apanhados... Mas fazíamo-lo em qualquer sítio, muitas vezes na lama, de pé... contra alguma coisa, às vezes até contra o arame farpado, era só pôr um cobertor por cima... de dia, de noite, a cada oportunidade, o importante era não ficar grávida porque nesse caso já te tornavas mais fraca e os mais fracos nunca voltaram. A gente fazia amor por prazer... Para provarmos a nós próprios que ainda tínhamos pelo menos essa liberdade.

Levanta-se e vai para casa.

Caroline: De certeza que se não fosse isso, teria baixado os braços, também já não saía de lá.

Entra em casa e fecha a porta.

31. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. NOITE

Marius está sentado no cadeirão a ver televisão.

Jeannette (em off): Marius! Ó, Marius!

Marius: Quem é?

Jeannette (em off): Como assim quem é? Não me reconheces? Sou eu!

Marius: Claro, mas não 'tava à espera de te ver...

Jeannette: 'Tá bem. És surdo como uma porta! (Entra no quadro.) Se continuas assim tens que comprar um cão pra te avisar. (Jeannette senta-se no braço do cadeirão.) Tenho que falar contigo. (Aponta para a arma, encostada do outro lado do cadeirão.) É prós fantasmas?

Marius: Não. Contra os fantasmas ligo a televisão. Os fantasmas têm medo dos canais de televisão. Então, de que é que querias falar?

Jeannette: Pois... Então, é assim... Acho que... Não sabemos bem onde metemos os pés, 'tás a ver? Foi... tudo depressa demais, já não temos vinte anos, tenho... uma filha, um filho, hum,... tive dois homens na minha vida...

Marius (brincando sem muita vontade): E então, não há duas sem três, não é?

Jeannette: Não, ouve, não é assim tão simples. É preciso pensar. Não pensámos. Não nos fazia mal nenhum... pensar.

Marius: 'Tá bem, já percebi, é preciso pensar.

[23]

Arraga na arma e encosta-a à garganta.

Jeannette: Mas 'tás maluco?

Jeannette afasta a arma.

Marius: Nunca a carreguei...

Pega na mão dele e puxa-o.

Jeannette: Pronto, olha... Vamos, bora.

Marius: E onde é que vamos?

Jeannette: Cala-te e anda.

Marius: E o trabalho?

Jeannette: Tens a televisão ligada, não tens? Vamos, anda lá.

32. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Malek e Magali estão a ver televisão.

Jeannette empurra Marius para dentro de casa e pára em frente à televisão, face às crianças.

Jeannette: Que é que vocês acham do Marius?

Longo silêncio.

Jeannette: Atão?

Magali sente-se incomodada em falar de Marius na presença dele.

Magali: Ó mãe, por favor...

Jeannette: Decidi que...

Malek levanta-se, pega na mão de Marius e puxa-o.

Malek: Anda ver o filme connosco, Marius.

Marius segue-o. Senta-se em frente à televisão.

Marius: Jeannette, sai da frente, não vejo nada.

Um pouco desorientada com o que acaba de acontecer, Jeannette senta-se com eles.

33. PEQUENO PÁTIO – EXT. DIA

Marius faz um ditado a Malek. Em off, Jeannette assobia e canta O sole mio.
[24]

Marius: “...mas não renunciar.” Ponto, fechar aspas. Presta atenção que vou reler.

Malek: Espera!

Marius: Então... “Tal como as lágrimas...”

Malek: Espera, ainda não acabei!

Marius, impaciente, espera e volta a ler.

Marius: “Tal como as lágrimas crescem nos olhos, nascem e escapam, o mesmo acontece com as palavras. Devemos simplesmente impedi-las de se deixarem cair como as lágrimas ou de retê-las em nós. Primeiro, são acolhidas por uma cama: as palavras irradiam. Um poema vai-se formar em breve, poderá, nas noites estreladas, percorrer o mundo ou consolar os olhos avermelhados. Mas não renunciar⁹.” Volta a ler.

34. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Marius, Jeannette, Magali e Malek estão à mesa.

Magali (para Marius): ...mas não daqueles jornalistas que aparecem na televisão. Ganha-se mais dinheiro, mas não me interessa. Os jornais, os meios de comunicação em papel, isso é que é o verdadeiro trabalho de investigação.

Jeannette tenta juntar, com a ajuda de uma faca, o pouco que resta da bisnaga de molho de tomate.

Marius: Pois, isso é bom, é. (Para Malek) E tu, que é que queres ser? Futebolista?

Malek: Achas? É demasiado cansativo. Quero ser advogado porque gosto de falar...

Marius sorri e pisca-lhe o olho.

Marius: Bem.

Jeannette: ‘Tá na hora?

Marius: Pois é, vou ter que ir... Pronto, chau, meninos.

Levanta-se e sai.

Magali: Marius, espera.

⁹ Tradução livre da tradutora.

35. PEQUENO PÁTIO – EXT. NOITE

Vai ter com Marius ao pequeno pátio e dá-lhe um pacote.

Magali: Toma, é para ti, é uma surpresa...

36. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. NOITE

[25]

Marius abre a prenda de Magali. É uma cassette de Pavarotti. Canta O sole mio...

37. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

Ao som da música...

Marius aproxima-se do monte de latas de tinta, com a arma na mão. De seguida, dirige-se até uma máquina. Cruza-se com dois homens e cumprimenta o que parece ser o supervisor ou o responsável da obra.

Marius avança em direção à máquina, imobilizada. Quando se encontra apenas a alguns metros, a máquina começa a funcionar e avança na sua direção. Marius pára e dá meia-volta, olha à volta dele e parece feliz com tudo o que o rodeia.

38. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Jeannette está a lavar a loiça.

Magali e Malek, ele de pijama e ela de camisa de dormir, vêm dar-lhe um beijo.

39. PEQUENO PÁTIO – EXT. NOITE

No pequeno pátio, Monique, à janela, chama por Jeannette.

Monique: Jeannette! Jeannette!

Jeannette: Então, que é que se passa?

Jeannette sai de casa e aproxima-se de Monique.

Monique: O Dédé não veio pra casa.

Logo a seguir, chega Caroline.

Caroline: Que é que se passa?

Monique: É o Dédé, não veio pra casa. Não veio jantar, não é costume ele fazer isso... E já começa a ser tarde...

Justin entra no plano e aproxima-se das mulheres.

Jeannette: Mas onde é que ele foi?

Monique: Sei lá eu, discutimos um bocado e zás, pôs-se a andar...

Justin: Quem? O Dédé?

Caroline: Sim!

Monique: Sim, o Dédé. Não veio pra casa, ‘tou preocupada...

Jeannette: Não é por causa das cuecas, espero eu.

Monique: Não, pra discutirmos não faltam razões.

Caroline: E não costumam inventar às vezes?

O telefone toca em casa de Monique.

[26]

Jeannette: De certeza que é ele!

Monique: Quem?

Jeannette: Ao telefone, pá! É o Dédé!

Monique: Mas este idiota vai-me acordar as crianças!

Monique precipita-se dentro de casa.

Caroline: Ai, estes dois!

Monique (em off, ao telefone): ‘Tou! Sim, és tu e onde é qu’andas?’

Caroline: Ouviste nas notícias?

Jeannette: O quê?

Caroline: O Papa acaba de pedir claramente a todos os padres pra usarem preservativos quando pinam com as criadas.

Jeannette: Não acredito!

Caroline (às gargalhadas): ‘Tou a brincar, mulher!’

Justin: Chiu, chiu, calem-se, calem-se. Oiçam...

No silêncio, ouvem Monique rir.

Jeannette: Pois, eu sabia, é o Dédé.

Monique aparece de novo à janela, às gargalhadas, o que provoca o riso geral...

Monique: De que é que ‘tão a rir?

Caroline: Porque é que ‘tamos a rir!

Justin: Então, estamos a rir-nos de ti.

Monique: É o Dédé...

Jeannette: Isso já a gente tinha percebido...

Monique: ‘Tá no hospital...

Jeannette: O quê! E isso faz-te rir?!

Monique: Sim... (Ri-se ainda mais) Porque... aquele idiota bebeu uns copos antes de sair! E ao voltar pra casa passou numa rua... cheia de cartazes da Frente Nacional!

Jeannette: Mas ‘tava bêbedo...

Monique: Completamente... E começou a atirar pedras aos cartazes.

Ri-se tanto que tem de parar de falar.

Caroline: E então?

Monique: E as pedras bateram na parede e uma ressaltou-lhe prá trombas, pás!

Os outros três começam a rir também.

Justin: E está melhor?

Monique: Levou dois pontos mesmo assim...

[27]

Não conseguem parar de rir.

Magali abre as persianas.

Magali: Mas estão malucos ou quê? Não podem ir rir para outro lado, eu tenho aulas amanhã...

Os quatro adultos riem-se ainda mais...

Magali: Estes cotas são marados...

Monique (fazendo com a mão um galo na testa): Tem um...

40. MARSELHA – EXT. DIA

Em cima de um pequeno muro, de costas para o mar, Justin fala com Malek e com o filho mais velho de Monique.

Justin: Eu acho que Deus existe para aqueles que querem acreditar nele e que não existe para aqueles que não acreditam, e pronto. Depois, o integrismo já é outra coisa. O integrismo já tem a ver com classes sociais e poder. É o que acontece quando as pessoas usam a religião para oprimir os mais fracos e explorar os mais pobres. E não estou só a falar dos muçulmanos, ok? Percebem o que eu quero dizer? Um integrista é alguém que quer que toda a gente pense como ele. É como um daltónico que te quer convencer que o vermelho é verde porque, para ele, o vermelho é efetivamente verde. E é pior do que isso ainda porque os daltónicos vêm tudo cinzento. E os integristas é a mesma coisa! Eles pensam que as cores não existem e querem que toda a gente veja a mesma coisa que eles, senão estás feito ao bife... São os daltónicos da religião, por assim dizer! Explicam-te, por exemplo, que Deus tem uma barba assim, grandes cabelos brancos... E se tu, por acaso, pensares que Deus é careca, estás lixado. Não podes pensar assim porque eles é que têm razão. Como se Deus os recebesse em casa uma vez por semana. Sim, sim... claro! Deixa-me que te diga uma coisa, Malek, não achas que Deus já teve muito tempo para mudar de corte de cabelo desde que... Que enfim, tu percebes! Mas sabes, às vezes penso: vamos presumir que Deus existe e porque não? Um ser ultra inteligente que viveria num sítio até onde nem a nossa imaginação nos pode levar. Porque não? Então, tu achas que um Deus assim está preocupado em saber se comes carne de porco! Se rezas! Ou se tocas na tua pilinha! Pois, claro que não! Isso são preocupações do ser humano, meu rapaz, Deus não quer saber disso para nada. Quer acreditemos nele, quer não, acho que ele não quer saber disso. O que lhe interessa é que vivamos todos juntos em paz e que paremos de fazer mal uns aos outros, caraças!

41. PEQUENO PÁTIO – EXT. DIA

Dédé, com um penso na testa, encontra-se sozinho no pequeno pátio. Está a ler a banda-desenhada de Pif le chien deitado numa cadeira...

*Ouvem-se risos vindos da casa de Caroline.
Os risos são tais que se ouvem no bairro todo.*

[28]

Jeannette senta-se ao pé de Dédé.

Jeannette: 'Tá tudo bem, Dédé?

Dédé: Não, não está. Não me consigo concentrar.

Jeannette: Então? É os pontos, estão-te a aleijar, dói-te a cabeça?

Dédé: Cá nada, é por causa delas... Estão há mais de uma hora nisto.

Apona para o apartamento de Caroline.

Jeannette: Mas que é que se 'tá a passar?

Dédé: São as convidadas da Caroline, amigas do tempo da deportação. Quanto mais velhas, mais ânimo e quanto mais sofrem, mais gostam da vida... Só pra que saibas, somos mais novos, mas mais burros... E o meu medo é que fiquemos ainda mais velhos e mais burros...

42. RESTAURANTE – INT. NOITE

O cenário é um jardim onde uma pequena ponte atravessa um lago. Um pai e o seu filho atiram pão aos patos.

A cena começa a meio de uma conversa que começa em off:

Um homem: Sabes, é uma situação bastante complicada, tenho um contrato que vale 900 mil francos e não sei se vou conseguir fazer alguma coisa com ele...

Uma mulher: E porque é que não ofereces um preço mais barato? Congela o crédito do cliente.

Um homem: Mas trata-se de um contrato europeu!

Uma mulher: E então?

Uma ampliação permite-nos perceber que os dois locutores se encontram num restaurante. Estão sentados na mesa ao lado da de Marius e Jeannette que leem atentamente o menu.

O homem: Pois, mas a lei Dailly francesa não abrange os contratos europeus. E para além disso, ainda existem os problemas relacionados com a cobertura de risco cambial, enfim, é bastante complicado...

A mulher: Porque é que não recorres à COFACE? No caso da exportação, tens uma garantia de fundos!

O homem: Estás a querer dizer-me que o teu sistema me permite assegurar o valor do contrato e para ir ter com o meu gestor de conta bancária que me vai descontar esse valor?

Jeannette e Marius viram-se na direção de onde provém a conversa.

A mulher: É exatamente isso!

O homem: E qual seria o valor?

A mulher: Um valor nada excessivo, tendo em conta o risco, dois ou três pontos acima da tua taxa Dailly. Qual é o valor da tua taxa Dailly? Deves poder reduzir o valor até onze por cento, sem contar as despesas, o que corresponde ao custo financeiro normal da exportação...

[29]

Jeannette folheia as páginas do cardápio.

Jeannette: Então, mas isto é de borla? Não há preços.

Marius: Tens o menu reservado às mulheres.

Jeannette: És tu que tens os preços. Deixa-me cá ver.

Marius: Nem pensar, não tens nada a ver com isso, eu é que te convidei.

Jeannette: ‘Tá bem, mas não posso escolher sem saber quanto é que custa.

Marius: Escolhe o que te apetecer.

Jeannette: O que me apetece acima de tudo é uma coisa baratucha.

Marius: Então prontos, se for muito caro eu dou-te uma pisadela.

Jeannette ri e volta a concentrar-se no menu.

Jeannette: Pois, mas eu gosto de tudo. Têm tanta coisa!

Marius: Temos tempo, não estamos com pressa.

Jeannette: Vou querer o mesmo que tu.

Marius: Como quiseres.

Jeannette pousa o menu e pega no copo do vinho e nos talheres para o peixe e coloca-os num lado da mesa.

Marius: Não vais qu’rer peixe? Nem vinho?

Jeannette: Vou, claro, porque é que perguntas?

Marius (pega nos talheres): Então, estes aqui são os talheres pró peixe e os outros são prá carne.

Jeannette: Ah, ‘tá bem.

Marius: Este é o copo pró vinho e o maior é prá água.

Jeannette: Olha só as coisas que tu sabes. Eras rico dantes?

Marius: Muito rico, riquíssimo. Sobretudo no inverno, nos Alpes, passei lá três temporadas a trabalhar como empregado de mesa...

O empregado de mesa aproxima-se por detrás de Jeannette.

Ébrard: Boa noite cavalheiro, boa noite Jeannette. Já escolheram?

Jeannette reconhece-o.

Jeannette: Senhor Ébrard!

Ébrard: Boa noite, Jeannette.

Jeannette: Ora esta! Marius, este é o senhor Ébrard, o meu chefe, aquele que me vendeu as cuecas de seda...

Marius: Boa noite, senhor Ébrard.

Ébrard: Boa noite, mais uma vez. E não era seda asiática!

Jeannette: ‘Tá a trabalhar aqui agora?

Ébrard: Não há perspectivas de carreira com as cuecas de seda.

Jeannette: E a sua mulher, já pariu?

O senhor Ébrard mantém o silêncio e fica um pouco incomodado.

[30]

Ébrard: O que acontece é que... já não estou casado.

Jeannette: Oh! Divorciaram, foi?

Ébrard: Mais ou menos, digamos que sou casado quando me convém e já não o sou quando não preciso.

Jeannette: Ah, então mentiu, nunca foi casado!

Ébrard: Mentir, não. Digamos que inventei uma família virtual para aquela ocasião. O que vai dar ao mesmo, efetivamente... Todos nós mentimos, às vezes...

Tira do bolso um cheque e dá-o a Jeannette.

Ébrard: Não é verdade, Jeannette?

43. MERCADO – EXT. DIA

Em frente a uma banca de funchos...

Marius: E vais levar funcho pra fazer maionese d'alho?

Magali: Foi a Monique que fez a lista. Eu só faço o que ela manda.

Marius: Ok...

Magali (acerca de Jeannette): Quero que a mãe seja feliz.

Marius: Sim... Eu também.... (Hesita.) Quer dizer...

Magali: Ela merece. Até diria que ela tem o direito de ser feliz e que se não tivesse um pouco de felicidade seria uma grande injustiça. Gostas dela?

Marius: Sim.

Magali sorri para ele.

Magali: Acredito.

44. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. DIA

Close-up sobre o almofariz. Dédé roda o pilão, Marius deita o azeite e Justin adiciona uma gema de ovo.

Dédé: De onde é que ela tirou a ideia de que maionese de alho leva funcho?

Marius: Olha, se ela gosta...

Justin: Ei! Atenção! A verdadeira receita da maionese de alho leva feijão verde, cenoura, batata, couve-flor, ovo cozido, bacalhau e mais nada.

Dédé: Pois sim, claro...

Marius: Que dois engraçadinhos. Se ela gosta do funcho que se lixe a receita.

Dédé: Já agora que ponha rabanetes também.

Marius: E porque não?

Dédé: Não olhes pra mim, o molho não 'tá a prender.

Justin: Não, a maionese.

Dédé: Quê?

[31]

Justin: Pois, é preciso ter cuidado. Tu dizes molho de alho, mas não é assim, é maionese de alho.
Dédé: Olha, eu digo o que eu quiser. E não fales pra mim qu'isto não 'tá a prender.
Justin: Ai, o caraças! Tu vais ver se isto não prende. E podes fazer o que quiseres, a dança da vitória, a espargata, mas vais ver como prende.
Dédé: Ai, que estes velhos deviam morrer logo à nascença.
Marius: Isso, isso não foi nada simpático.
Dédé: Oh, só 'tamos a brincar.
Marius: Foi desnecessário.
Dédé: Foi uma brincadeira.
Justin: Cuidado! 'Tás a deixá-la ir abaixo!
Marius: Oh! Mexe, mexe!!!
Dédé: Mas 'tou a mexer. Não faço outra coisa.
Justin: Cuidado! E tu, isto não são as cataratas do Niágara.
Marius: Queres que vá pró teu lugar?
Dédé: Anda, deita! (em off, praticamente inaudível) 'Tá a deitar ao lado. Mas que caraças, que desajeitado que tu és.

Mais à frente, Jeannette verte vinho tinto de um garrafão de vinho para uma jarra, Monique descasca os ovos e Caroline encarrega-se dos legumes.

Monique: Meteu pelo menos uns quinze dentes d'alho!
Jeannette: Temos maionese pra quinze dias!

Magali aproxima-se para pôr a mesa.

Magali: Vai cheirar ao alho no bairro todo cada vez que abirmos a boca...
Caroline: E que é que faz? Preferes o cheiro da menta, é?
Jeannette: Ela prefere cheiros mais requintados.
Magali (com ar sério): Porque é que dizes isso? Tenho o direito de não gostar de alho.
Monique: Pois claro... mas andas mais esquisita desde que foste prá universidade...
Caroline: É o teu namorado que não gosta d'alho?
Jeannette: É um vampiro!...
Magali (ainda com ar sério): Nem sequer o conheces.
Jeannette: Isso já não é culpa minha. Tu é que tens vergonha de o levar lá a casa.
Magali: Só o conheço há dois meses.
Caroline: Tem cuidado. Se não gosta d'alho, não gosta realmente de mulheres.
Magali: E o que é que uma coisa tem a ver com a outra?
Jeannette: Vá lá, Magali! Deixa de ser tão séria! Foi assim que te criei?! 'Tamos a brincar!
Magali: Estou a ver que sim!
Monique: Então, ri-te, rapariga!

Magali esboça finalmente um sorriso.

[32]

Magali: Mesmo assim, não gosto de maionese de alho e não há mais nada para comer.
Caroline: Comes funcho em crosta de sal que faz mijar...
Jeannette: E o teu namorado... também vai pra Paris pró ano?
Magali: Não.

Jeannete: E como é que vão fazer atão?

Magali: Não estamos casados!

Jeannete: 'Tá bem, mas não me parece que isso vá durar muito tempo com 845 km de distância.

Magali: Quem é que te disse que ia ficar a vida toda com ele?

Jeannete: Eh lá, prontos. Desculpa lá.

Caroline: E o que queres ir fazer pra Paris?

Magali: Estudar jornalismo.

Caroline: Ah, isso é uma boa coisa.

Magali: Para a mãe pelos vistos não é.

Jeannete: Espera lá, não foi isso qu'eu disse, eu disse qu'é longe! Não disse que não era uma boa coisa, disse qu'é longe, foi a única coisa qu'eu disse, que é longe.

Caroline: Ah, mas precisamos de jornalistas que venham do nosso meio, senão nunca falam de nós, ou então só falam mal...

Magali: Obrigada, Caroline.

Caroline: De nada, filha. Só não te esqueças de nós.

Jeannete: Tenho perfeitamente o direito de dizer que Paris é longe, estou no direito de dizer qu'é um bocado longe. Não fui eu que criei o mapa da França! Senão tinha posto Paris mesmo aqui ao lado, né?

Monique: Olha, era da maneira que isto era tudo nosso...

Corte

Malek e os filhos de Monique estão em cima de uma máquina. Os adultos estão sentados à mesa.

Caroline: Vocês chegaram a ouvir na rádio?

Dédé: Que é que foi desta vez?

Caroline: A Cidade dos Papas entrou pró património da humanidade.

Monique: O Vaticano!

Marius: Qual Vaticano!

Caroline: A Cidade dos Papas em Avinhão.

Dédé: Onde é que a inscreveram?

Caroline: Oh, no património da humanidade.

Dédé: A humanidade, e foram os comunas que fizeram isso?

Jeannete: A humanidade, estropício! Não sabes o que é a humanidade?

Dédé: Quer dizer, agora uma pessoa já não pode gozar...

Justin: E então, Caroline, a UNESCO inscreveu a Cidade dos Papas, mas essa cidade já precisava de umas obras...

Caroline: Não percebo porque é que só protegem os sítios onde viveram os reis, os ricos e os papas. Porque é que tipo... esta fábrica, por exemplo, não faz parte do património da humanidade? Esta fábrica é linda, é magnífica... O que acontece é que só pobres como [33] nós é que estiveram aqui. Disso podem ter a certeza, que nenhum rei, nem nenhum papa, nem nenhum presidente veio aqui dar uma mão à gente...

Dédé: E rima e tudo!

Caroline: O quê?

Dédé: Não, nada, mas... gente, presidente... rima...

Os outros riem-se.

Justin: E já agora, se não me engano, também inscreveram a Pedrera de Gaudi...

Jeannette: E isso é o quê?

Justin: É um edifício que foi construído por Antonio Gaudi...

Caroline: E eram operários que lá moravam?

Justin: Mas olha que de certeza que não eram reis que lá moravam... A Pedrera, Pedrera... Pedrera significa "pedreira", como isto aqui...

Caroline: E então porque é que não inscrevem também a fábrica no património?

Justin: Se tivesse sido construída por Gaudi, podes ter a certeza de que a inscreviam...

Dédé: O que é que esse teu Gaudi tinha assim de tão especial?

Justin: Como assim? Tinha talento.

Jeannette: E então? Os operários que trabalhavam aqui também tinham talento.

De repente, Marius apercebe-se de que as crianças estão em cima da máquina e entra em pânico.

Marius: Ai, o caraças! Os putos!

Levanta-se.

Marius: Vão cair! Vocês não vêem que eles vão cair?

Dédé: Ó pá, tem calma, Marius. Também não é a Torre Eiffel.

Jeannette: Eles só estão a brincar.

Justin: Oh... aquilo não é assim tão alto... Não se vão aleijar.

Malek: Calma, só estamos a brincar...

Monique: Podem ir brincar, mas não é pra cima das máquinas. Vamos, desçam d'aí, toca a andar. Toca a sair d'aí.

As crianças descem da máquina.

Monique: Isso mesmo, vamos embora... Mas não lá pra cima, saiam d'aí!

Caroline: Tudo isto é política, tudo é política.

Dédé: Ó Caroline, outra vez com essa conversa não!

Caroline: Mas o que é que tu pensas, que a cerveja que vais beber ao café não é política? Cada vez que bebes uma Heineken, por exemplo, o que é que tu achas que estás a fazer, para além de ganhar barriga? Estás a dar um pouco mais de força, de poder, à Heineken. Consequência disso? A Heineken, a holandesa, vai comprar a Fischer, a francesa. Consequência disso? A Heineken vai fechar locais de produção em França por uma questão de [34] rentabilidade. Consequência disso? Mais desempregados no nosso país. Estás a ver? Se tivesses bebido uma Fischer em vez de uma Heineken, tinhas invertido o processo...

Dédé: De qualquer maneira, eu só gosto da Kronenburg!

Mais uma vez, todos se riem.

Caroline: Este gajo é tão estúpido!

Justin: Que parvo!

Dédé: Que é que foi? É verdade! Deixa-te de coisas e dá-me um charuto.

Caroline: Não, fico com ele.

Corte

Justin e Caroline dançam uma valsa.

Malek muda de música e coloca uma música rock. Sem se deixarem impressionar, Justin e Caroline dançam o rock. Os demais, crianças e adultos, juntam-se rapidamente a eles...

45. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Jeannette, Malek, Magali e Marius tomam o pequeno-almoço.

Magali: Não apanhaste seca?

Marius: Oh, dormi a noite toda.

Malek: Nunca acontece nada, não percebo como é que te pagam para não fazeres nada.

Marius: Isso é o que tu pensas! Uma noite, há uns meses atrás, um disco voador pousou bem no meio da fábrica.

Malek: Sim, claro, sabes desde quando é que não acredito no Pai Natal?

Marius: Achas que estou a mentir?

Malek: Se não estás a mentir é porque estavas bêbedo.

Marius: Eu nunca bebo.

Magali: E o que é que eles queriam?

Malek: Vais começar tu também?

Marius: O que é que eles queriam? Queriam ver a paisagem. Temos uma vista magnífica da fábrica. De onde eles vêm, é tudo plano, não há mar, não há montanha, não há centro histórico, é tudo limpinho, impecável... Têm todos a mesma cor de pele, o mesmo tamanho, o mesmo peso, a mesma religião... É por isso que são tão avançados do ponto de vista científico. Mas, como é sempre tudo tão perfeito, morrem de tédio e pronto.

Jeannette: Vamos, despachem-se que vão chegar atrasados.

Malek e Magali levantam-se.

Malek: Até logo!

Jeannette: Toca a andar...

Marius: Chau, meninos...

[35]

Malek e Magali saem.

Marius: Chau, meninos!

Marius vê-los irem-se embora pela janela. De repente, é invadido por um sentimento de tristeza, de preocupação...

46. PRAIA – EXT. DIA

Marius, em calções de praia, está deitado numa toalha. Jeannette está ao seu lado, com o rosto pousado em cima do seu peito.

Jeannette: Somos bonitos, somos jovens, estamos apaixonados... Vens?

Marius: Vai tu, já lá vou ter contigo.

Jeannette: Anda!

Marius: Não, vai tu. Eu vou depois.

Jeannette vai ter com os filhos. Estão divertidos a atirar água uns aos outros. Marius observa-os, com uma expressão marcada pela tristeza, ao som das Quatro estações de Vivaldi...

47. CASA DE JEANNETTE – INT. DIA

Jeannette, Malek e Magali estão a tomar o pequeno-almoço à mesa. O lugar de Marius está vazio.

Jeannette: Vamos lá, vão chegar atrasados.

Malek: Não esperamos pelo Marius?

Jeannette: Deve ter tido algum imprevisto.

Magali: Anda, vamos.

Malek: Ele vai estar cá logo à noite?

Magali: Sim, provavelmente.

Malek levanta-se e sai.

Magali (para a mãe): Não te preocupes.

Jeannette: Não, ‘tá tudo bem...

Magali sai também. Vemos os dois irem-se embora, pela janela.

Jeannette: Chau!

Malek e Magali: Chau!

48. CASA DE JEANNETTE – INT. FIM DE TARDE

Durante o jantar, Marius não está presente. Ninguém fala. Malek come pão. Monique aparece à janela.

Monique: Então?

[36]

Jeannette: Nada.

Monique: Não foste lá cima ver?

Jeannette: E pra quê?

Monique: Sei lá, pode ter acontecido alguma coisa...

Jeannette: Achas? Não sou parva!

Magali: Ela tem razão!

Malek: Se calhar foram os extraterrestres que o raptaram...

Jeannette: É, deve ser isso, deve...

Magali: Se não fores tu, vou eu.

Jeannette: Tu vais mas é prá cama.

Monique: Queres que vá lá eu?

Jeannette: Nem tu, nem ninguém. Não aconteceu nada. (Para o filho.) E tu, pára de comer, comes como quinze agora!

Malek: Não sabes o que queres.

Jeannette: Quê?

49. PEQUENO PÁTIO – EXT. NOITE

A televisão está ligada no pequeno pátio.

Malek, Magali, Monique, Dédé, Caroline e Justin estão a ver o jogo de futebol que chega ao intervalo.

Malek: Porque é que o Marius já não vem ver a minha mãe?

Dédé: Quê? (Tira o som da televisão.) Então... porque... o Marius, sabes, uma vez que teve o que lhe interessa, já não quer saber...

Monique: Imbecil!

Dédé: Posso saber porque é que me estás sempre a insultar?

Caroline: E tem toda a razão, és um imbecil.

Malek: Quer dizer que eles fizeram amor?

Monique: Sim, é isso que ele quer dizer, mas não ligués ao que ele diz. Deve pensar que toda a gente é como ele.

Caroline: Olha, tu é que devias pôr olhinhos no Marius.

Dédé: Ah sim? E porquê?

Monique: Pra ver se aprendes a ser menos bruto.

Justin: Elas têm razão, realmente. Aqui há gato.

Dédé: O que é que pode ter acontecido?

Magali: De qualquer forma, não fomos nós. Eu falei com ele. Disse-lhe que eu e o Malek gostávamos muito dele... a culpa não é nossa.

Dédé: Então, o que é que pode ter sido? Vocês que são tão inteligentes... Agora não dizem nada, não é? Eu pelo menos digo alguma coisa, nem que seja estúpido!

Caroline: Olha que eu já conheci mudos mais inteligentes.

Dédé: Que é que tu queres dizer com isso?

Monique: Olha, quer dizer que não és mudo.

Dédé: Ó, ó, ó, ó... Pois claro que não sou mudo. Estão prái com coisas porque sabem que tenho razão. Não há outra explicação. É normal, é comum. Conheces uma gaja, apaixonas-te, queres ir viver com ela e, e... e quando a inauguras, posso-te dizer que a vontade de ir viver com ela vai-se rápido embora.

Monique: Ai é? E eu?

[37]

Dédé: E tu o quê? É diferente.

Magali: Ele a ti ama-te, Monique.

Monique: 'Tá bem! És uma querida, Magali.

Dédé: Bom, agora caluda porque a... a segunda parte vai começar.

50. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Monique (em off): Ó Jeannette, vens? Já vai começar. Jeannette?

Jeannette está sentada na cozinha. Acende um cigarro...

51. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. FIM DE TARDE

Jeannette vai até à fábrica de cimento. Espreita por cima de um pequeno muro e observa. A certa altura, acaba por ver Marius. Anda de um lado para o outro, com uma garrafa na mão, ébrio, esquecendo-se até de coxear no local de trabalho...

Jeannette permanece naquela posição durante um momento, escondida, sofrendo em silêncio, e vai-se embora...

52. PEQUENO PÁTIO – EXT. FIM DE TARDE

Jeannette volta para casa. As duas vizinhas esperam-na.

Caroline: Então? Viste-o?

Jeannette: Sim.

Monique: E então?

Jeannette: E então nada.

Caroline: Mas qu'ê que ele disse?

Jeannette: Não ouviram? Nada.

Monique: Mas não te deu nenhuma explicação?

Jeannette: Não falei com ele.

Caroline: Oh!

Jeannette: Vi-o de longe, mas ele não me viu.

Caroline: Mas, pelo amor de Deus, tem que dar-te uma explicação!

Jeannette: Ele não me deve nada. Não temos nenhum compromisso.

Monique: Não és nada curiosa tu!

Caroline: Ou então é porque não gostas assim tanto dele como pensavas.

Monique: Olha, se calhar até é melhor assim, pelo menos esquece-lo mais depressa.

Jeannette: Vou pra casa, tenho a loiça por lavar.

Caroline: 'Tás a ser parva, Jeannette. Ser infeliz não é o destino de ninguém. Acredita. Quando durante meses a fio pensas todos os dias que vais morrer, aprendes a distinguir o que é importante e o que não o é.

Jeannette (emocionada): Vou lavar a loiça. Não gosto de ter a loiça suja por lavar... É...

Caroline: Não podes ficar assim, sem saber, vai dar cabo de ti.

Jeannette: Não me vou deixar ir abaixo às custas d'um gajo que não quer saber de mim, mas é que nem pensar! De qualquer maneira, o pai da Magali fez a mesma coisa. E o pai do [38] Malek não me avisou que ia ficar todo pisadinho debaixo de um andaime. Portanto, como vês, não é a primeira vez que fico sem uma explicação, uma pessoa habitua-se. Bem, boa noite.

Jeannette deixa-as ali e vai-se embora.

Monique: Qu'ê que vamos fazer?

Caroline: Qu'ê que queres fazer? Que as pessoas sejam felizes contra a sua própria vontade? Vês no que deu na União Soviética.

53. FÁBRICA DE CIMENTO – EXT. NOITE

Dédé e Justin passam por cima da cancela da fábrica.

Dédé: Fogo! Jogar à bola deixa-me de rastos. É sempre a mesma coisa. Eles perdem e eu... eu demoro dez dias a recuperar, ‘tou que nem posso.

Justin: Levas tudo muito a peito, Dédé.

Dédé: Achas? Deve ser isso. Talvez tenhas razão...

Encontram Marius adormecido, ébrio, um cartão de vinho rosé na mão, sentado no cadeirão.

Dédé: Ah caraças... Este já vai bem adiantado! (Tenta agarrar no cartão de vinho.) E não o quer largar, hein... (Por fim, consegue.) E se lhe fizéssemos companhia?

Justin: Alinho.

Dédé bebe um grande gole diretamente do cartão de vinho e depois dá-o a Justin que o devolve a Dédé depois de ter bebido.

Dédé: ‘brigado.

54. TABERNA – INT. NOITE

Justin e Dédé estão ao balcão de uma taberna.

Dédé: Têm Fischer?

Empregado de balcão: Ah não, só Heineken ou 1664.

Dédé: Heineken, seu traidor!!!

Justin está sentado ao lado dele.

Na taberna, Marius, completamente ébrio, desfez a parte de cima do fato-macaco. Improvisa uma canção, tronco nu:

Marius: Há a teoria e a prática
Sim! Mas também há a miséria.
E a miséria está-se a lixar
Prá teoria e prá prática
De dobrar as costas...
[39]
Só há uma maneira
De mostrar o cu.
Só há uma maneira
De dobrar as costas
Mostrar o cu
E mostrar o cu
Mostrar o cu

Beija a testa de um dos jogadores que se encontra numa mesa de quatro indivíduos.

Um homem gordo: Qu’ é que este gajo quer? Sai-me daqui! Anda lá, sai daqui.

De seguida, beija um homem de bigode que tenta livrar-se dele.

O homem de bigode: Conheces este gajo?

Marius canta para outro homem:

Marius: ... É dobrar as costas e mostrar o cu...

Marius baixa o fato-macaco e mostra o posterior a todos.

Marius: ... mostrar o cu, mostrar o cu!!

Ao balcão.

Empregado de balcão (para Justin): Olha co teu amigo tem um cu jeitoso.

Justin (ébrio): Quê?

Na sala, à volta da mesa de bilhar.

Marius: E a miséria está-se a lixar prá teoria e prá prática.

Uma voz: Ei! Vê lá se te calas!

Marius: ... Mostrar o cu...

Mostra mais uma vez o posterior.

Marius: ... mostrar o cu!!!

Ao balcão, um pequeno homem de bigode dirige-se a Dédé.

Pequeno homem de bigode: Olha que ele afinal tem um cu bem jeitoso!

Dédé: 'Tás interessado? Se quiseres, posso-to vender. A mim também, quanto é que ofereces? Bora! 'Tás com medo agora! 'Tás com medo?

Justin (para o pequeno homem de bigode): Pra se ser alguém na vida é preciso levar por trás, não sabias disso, pois não? Somos todos maricas, é o fundamento, ah pois é! Somos maricas, pretos, árabes, umas, umas, umas gajas, judeus, índios, zapatistas!!! E todos eles se estão a lixar pra ti.
[40]

Na sala.

Marius: Só há uma maneira de dobrar as costas e mostrar o cu!!!

O homem de bigode: Tirem-me este gajo daqui! Não vai ficar aqui a vida toda, pois não?

Marius: Qu' é que queres? Qu' é que queres?

Ao balcão.

Dédé (para o homem de bigode): Passa o dinheiro...

O pequeno homem de bigode: Isto aqui é um verdadeiro bar de maricões.

Dédé: O quê! Não tenho dinheiro pra mandar arranjar a televisão e fiz tudo o que era preciso. Votei na Frente Nacional, fiz greve e não me importo de levar por trás. Anda, não tenhas medo, força! Dá-me por trás! Anda, dá-me por trás!

Gira e oferece o posterior ao homem e até o chega a empurrar com o posterior... O cliente afasta Dédé que é segurado pela t-shirt pelo empregado de balcão.

Dédé: Deixa-me, anda...

Justin agarra numa base para copo e parte-a em cima da cabeça do empregado de balcão. De repente, uma onda de silêncio invade a taberna. Marius lança-se sobre os clientes, provocando uma algazarra geral.

Ao telefone:

O homem ao telefone: Há porrada, ‘tou-te a dizer que há porrada!!!

Dédé parte uma garrafa na cabeça do pequeno homem de bigode que recusou a sua proposta. O homem ao telefone leva, por sua vez, com uma garrafa. Um cliente é empurrado através do ecrã de televisão. Voam cadeiras e também peixes, e um polvo...

Marius tenta fugir de gatas... Justin morde um tornozelo... Parte-se uma garrafa em cima da cabeça de uma avestruz empalhada...

Outra sobre o crânio de Marius... Outra bate contra um cartaz. Um homem é mantido boca aberta debaixo da torneira de cerveja... O empregado de balcão continua a cambalear atrás do balcão com o contorno da base para copo à volta do pescoço...

55. MARINA – EXT. NOITE

Justin, Dédé e Marius estão os três deitados num pontão, entre os barcos, debruçados em direção ao mar com... enjoos.

Justin: Ai...

Viram-se e deitam-se de barriga para cima.

[41]

Marius: Ai que merda... Já não bebia há...

Dédé não pára de rir e senta-se.

Dédé: Fogo, a Jeannette disse que nunca bebias...

Marius: Como é qu’ela está?

Justin: Bem.

Marius: E as crianças também?

Justin: Quê?

Justin, por sua vez, senta-se.

Marius: E as crianças?

Justin: Estão bem.

Marius permanece deitado entre Justin e Dédé.

Marius: Quando um gajo ‘tá bêbedo, faz confissões. Como nunca mais bebi depois do acidente, nunca contei nada a ninguém. Mas vou contar-vos a vocês... porque...

Justin: Porque ‘tás bêbedo.

Marius: Sim. Eu tinha dois filhos, um menino e uma menina, de quatro e seis anos. Acordámo-los para nos irmos embora, estávamos em casa da família, era o aniversário da minha mulher, tínhamos bebido um bocado, ela ia a conduzir, ela gostava de conduzir, talvez também tivesse bebido menos do que eu, não me lembro muito bem. Foi por causa de uma placa de gelo, e com álcool ou sem álcool, uma placa de gelo, quando não estás à espera, não perdoa, nem que fosse eu a conduzir não podia ter feito grande coisa, mas teria morrido eu no lugar dela e neste caso, foi ela que morreu, e os pequenos que iam atrás. Tinham o cinto de segurança, mas... de nada serviu, só o meu lugar é que não foi muito atingido pelo plátano... Pois...

Dédé: E a Jeannette sabe disso?

Marius: Foi por causa das crianças que me fui embora. Quer dizer, é preciso ter coragem pra gostar de crianças e essa coragem já não a tenho. Então, de manhã, via-os tomar o pequeno-almoço, em família. A família é isso, as crianças tomam o pequeno-almoço e vão prá escola e começam a ter a certeza de que não vão voltar, há centenas de razões só no trajeto prá escola pra elas não voltarem, sem contar que no fim do dia têm que voltar a fazer o mesmo trajeto pra ir pra casa e sem contar que até na escola há riscos, acontece cada vez mais, pois é, as crianças saem de casa e não tens a certeza de que vão voltar, e tu ficas aí o dia todo, como um parvo, e tentas não pensar nessas coisas. Já não tenho coragem pra enfrentar isso. Às vezes olhava pró Malek e prá Magali e é... e é como se... como se estivesse a ver os meus dois pequenos mortos... Já não consigo mais, já não consigo...

De repente, adormece.

Dédé: Mas que merda!

Justin: Então?

[42]

Dédé: Ele adormeceu, olha...

Olham para Marius, a dormir entre eles os dois.

Justin: Sabes que mais, Dédé? Este tipo... Já não tem música suficiente no coração para fazer dançar a vida dele.

Dédé: Fogo, Justin, fogo! Tu dizes cada frase! E com cada palavra!

Justin: Quê? Ah, mas não fui eu que inventei, foi Céline quem disse isso.

Dédé: O quê? A minha cunhada Céline disse isso?!

Juatin: Céline, o escritor...

Dédé: Céline é um homem?

Justin: Sabes que mais Dédé?

Dédé: Estamos podres de bêbedos!

Justin: Sabes o que é... o apego?

Dédé: O apego?

Justin: Sim, sentir apego por alguém.

Dédé: Então, é... É quando estamos... É quando estamos apegados a alguém, não é?

Justin: Exatamente.
Dédé: Exatamente, Justin.
Justin: Exatamente...

56. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Sem fazer barulho, Dédé e Justin entram no quarto onde Jeannette está a dormir. Retiram o lençol de cima.

Depois, pegam em Marius...

Justin: Por aqui...

... e deitam-no em cima de Jeannette.

Jeannette acorda.

Justin dá o lençol a Dédé.

Justin: Apanha!

Jeannette: Ah, mas o que é que...

Justin tapa a boca de Jeannette com a mão.

Justin: Chiu! Cala-te! Cala-te! Não grites, não grites, vais acordar toda a gente! (Para Dédé.) Está tudo bem?

Dédé está a amarrar Marius a Jeannette com o lençol.

Dédé: Um apego muito forte, um apego muito forte!...

Justin (para Jeannette): Chiu, não grites... Estão mortos, Jeannette, os dois filhos estão mortos!
[43]

Jeannette debate-se.

Justin: Não é isso! Chiu! Não são os teus, não são os teus, os teus estão ali ao lado a dormir, portanto, não faças barulho. Ouve, ouve Jeannette, ouve o que te estou a dizer, eu tiro a minha mão, mas não grites, está bem?

Jeannette abana a cabeça a dizer que sim. Justin retira a mão.

Jeannette: Grande filho da mãe!

Justin: Chiu!

Dédé: Já não tem música suficiente no coração pra... pra fazer dançar a vida dele.

Jeannette: Vocês estão completamente bêbedos, mas é o que é.

Justin: Sim, completamente.

Jeannette: Soltem-me!

Justin: Não grites!

Dédé: Não, não grites Jeannette!

Justin: Temos de contar-te algo muito importante.

Jeannette: E para isso têm que me atar?

Dédé: Ouve o que o Justin tem pra te dizer.
Justin: Pronto, ouve bem! Ouve... É por causa dos dois filhos...
Jeannette: Os meus filhos! O Malek e a Magali?
Justin: Não! Os filhos dele, os dele não os teus!
Dédé: Diz-lhe da mulher.
Jeannette: O quê!
Dédé: A mulher dele...
Justin: Sim... Ele era casado, sim, mas a mulher faleceu e... tinham dois filhos e... eles também faleceram...
Jeannette: E vocês acham mesmo que vou acreditar nisso?
Justin: Ai, que caraças! Foi ele que nos contou!
Dédé: Ouvimos isto da boca dele.
Justin: Porque é que ele nos ia mentir?
Jeannette: Porque gosta que tenham pena dele. É como a história da perna. E se fosse verdade, por que alma é que o ia contar a vocês? Tinha-mo dito a mim, quer dizer, era o mínimo que podia ter feito!!!
Dédé: Mas ele 'tava bêbedo.
Jeannette: 'Tá bem mas... É assim... é assim, ele, ele nunca bebe e... e 'tá bêbedo!...
Dédé: Mas... Não, mas... Isso é precisamente uma prova! Só os que nunca bebem é que estão sempre bêbedos...
Justin: Exato.
Jeannette: 'Tá bem, mas... é um mitómano!

Justin e Dédé olham um para o outro.

[44]

Jeannette: Qu' é que foi? Não é assim que se diz? Uma pessoa que 'tá sempre a inventar histórias, não é um mitómano?
Justin: Sim, sim, é assim que se diz, mas... não é verdade. Não é um mitómano, é um infeliz.
Dédé: Exatamente... ele, ele só bebeu dois copitos assim por acaso e já foi o suficiente pra ficar...
Jeannette: E pronto, deixavam-no estar, melhor assim, e, agora levem-no daqui pra fora!

Justin faz um sinal a Dédé.

Jeannette: E não acredito em vocês. E também não acredito nele! Onde é que vocês vão? Voltem aqui!

Justin e Dédé vão-se embora.

Malek e Magali estão acordados, cada um na sua cama.

Malek: O que é que se passa com a mãe?

Jeannette (em off): Voltem aqui!

Magali: O Marius voltou.

Malek: Ah, boa!

Deitada na cama, Jeannette acaba por sorrir. Passa a mão no cabelo de Marius.

57. PEQUENO PÁTIO – EXT. NOITE

No pequeno pátio, Dédé está sentado debaixo de uma janela. Bate na persiana.

Dédé: Monique!

Monique abre a persiana.

Monique: ‘Tás bêbedo! Só quando isso passar é que vens pra casa!

Justin (em off): Caroline!

Monique: Oh e tu aí! Blá-blá-blá...

Justin (em off): Caroline! Amo-te!

Dédé: Hé! Monique ! Amo-te!

Monique: ‘Tá bem ‘tá, dizes-me isso amanhã.

Monique fecha a persiana. Justin está sentado nas escadas de casa de Caroline.

Justin: Caroline! (Grita.) Amo-te! (Baixinho.) Caroline! Caroline! Amo-te!

Dédé: Monique!...

58. QUARTO DAS CRIANÇAS – INT. NOITE

[45]

Os miúdos estão nas suas camas.

Magali: O que é que lhes deu para ganirem assim? É o tempo dos apaixonados ou quê?

Malek: Estão com o cu a arder!

Magali: Tu, cala-te! Dorme!

Justin (em off): Caroline!

Malek: Como é que eu faço?

Magali: Anda, dorme!

59. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Jeannette acaricia o cabelo de Marius.

Jeannette: És gordo, és pesado, estás a pisar-me..., mas não te mexas... Gostava que fosses ainda mais gordo, mais pesado. Vou morrer asfiziada, deve ser bom morrer asfiziada por ti.

60. PEQUENO PÁTIO – EXT. NOITE

Dédé encontra-se no mesmo sítio, dirige-se para a persiana fechada.

Dédé: Faço as greves todas! Prometo!!! Até a dos correios... e a dos comboios... Prometo! Todas! Com aaa... a bófia... os professores... as enfermeiras...

Justin: É isso mesmo, Dédé.

Dédé: Monique!

Justin: Oh! Caroline!

Dédé: Monique!

Justin: Caroline!
Dédé e Justin: Amamo-vos!

61. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Marius abre um olho.

Marius: Oh que merda, que merda... Onde é que estou?
Jeannette: Marius?
Marius: Jeannette! Qu' é que estás aqui a fazer? Bolas, acho que bebi demasiado!
Jeannette: Vais-me amar pra sempre? Vais-me amar pra sempre?
Marius: Sim, pra sempre.
Jeannette: E se conheceres outra mulher?
Marius: Digo-lhe que já tenho alguém.
Jeannette: É os miúdos?
Marius: Ajudo-te a tomar conta deles.
Jeannette: Como se fossem os teus?
Marius: Como os que eu tinha.
[46]
Jeannette: Vais deixar de ter medo?
Marius: Sim, pra sempre.
Jeannette: E não vais ter mais acidentes?
Marius: Eu dou-te a mão pra atravessar.

Sorriem um para o outro.

62. PEQUENO PÁTIO – EXT. NOITE

Dédé: Monique!
Justin: Caroline!
Dédé e Justin: Amamo-vos!!!

63. CASA DE JEANNETTE – INT. NOITE

Jeannette e Marius ouvem os gritos dos dois homens ébrios com um sorriso na cara.

Marius: Jeannette! Amo-te...

64. PONTE – EXT. DIA

De mãos dadas, Marius e Jeannette afastam-se por uma ponte que atravessa a cidade por cima e passa por debaixo de uma autoestrada. Marius coxeia.

Voz off: Marius e Jeannette casarão, não terão mais filhos, mas viverão felizes. Aos 75 anos, Marius escorregará num excremento canino, fraturará o colo do fêmur e coxeará até ao fim da vida.

Jeannette voltará a encontrar um trabalho como empregada de caixa que lhe provocará dores nas costas até à reforma.

Justin e Caroline entram no campo e seguem o mesmo percurso que Marius e Jeannette.

Voz off: Justin e Caroline partilharão ainda muitas vezes deliciosos pratos de anho com favas frescas, nunca serão afetados pelo favismo e partilharão igualmente, em certas ocasiões, algumas noites...

De seguida, Dédé e Monique fazem, por sua vez, o mesmo percurso com os três filhos.

Voz off: Apesar de tudo, de discussão em discussão, de greve em greve, de jogo de futebol em jogo de futebol, Dédé e Monique encontrarão tempo de fazer um quarto filho...

Magali e Malek entram no campo.

Voz off: Malek tornar-se-á professor de árabe, lerá o Alcorão, o que lhe confirmará tudo o que o velho Justin lhe tinha dito. Magali, [47] tornar-se-á jornalista e escreverá: “As paredes dos pobres de Estaque são pintadas por Cézanne em quadros que acabam inevitavelmente em casa dos ricos.”

Marius e Jeannette descansarão em paz no pequeno cemitério de Estaque, onde descansarão também Dédé e Monique, Justin e Caroline...

O plano fecha-se tal como uma íris como num filme de Chaplin.

Voz off: ... assim como milhões de operários desconhecidos a quem este filme é dedicado.

FIM

[48]

Capítulo IV: Características do guião e desafios de tradução

No presente capítulo, começamos por definir as estratégias e procedimentos de tradução de Vinay e Darbelnet que nos permitiram justificar as nossas escolhas tradutivas. Na segunda secção, apresentamos as características e a estrutura próprias do guião, algumas das quais poderão ter influenciado as nossas escolhas tradutivas. Na terceira secção, abordamos os diferentes registos linguísticos com especial enfoque no registo oral, que analisamos em detalhe em diferentes subsecções. Nestas subsecções, destacamos as principais diferenças entre o registo oral francês e português, exemplificadas com frases do texto de partida e de chegada, que abordámos em função das estratégias e procedimentos de Vinay e Darbelnet.

I. Estratégias e procedimentos de tradução¹⁰

Antes de começarmos a nossa análise textual e de vermos, em detalhe, quais são os desafios de tradução inerentes à tipologia textual do guião, abrimos um parêntesis teórico. Como já referimos várias vezes, o objetivo do presente projeto é criar um texto de chegada que cumpra a mesma função que o texto de partida, respeitando o Estrangeiro. Para tal, nem sempre é possível optarmos por uma tradução literal e, nesta secção, vamos abordar as estratégias e procedimentos de tradução que podem ser aplicados para atingirmos o nosso objetivo.

Para o comentário que tecemos em torno da nossa tradução, recorreremos à terminologia de Vinay e Darbelnet, com base na versão portuguesa de Jeremy Munday, *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações*, que divide, desde logo, estratégias de procedimentos.

Os dois autores distinguem duas estratégias de tradução (“literal” e “oblíqua”) que abrangem, no total, sete procedimentos. A “tradução literal”, mais próxima do conteúdo do texto de partida, engloba os seguintes procedimentos: o empréstimo (transferência de uma palavra de uma língua para a outra), o decalque (transferência de uma expressão ou estrutura) e a tradução literal (palavra a palavra). A “tradução oblíqua” (tradução livre) engloba a transposição (mudança de classe morfológica), a modulação (mudança do ponto de vista semântico), a equivalência (mudança estrutural) e a adaptação (mudança de uma referência cultural). Estas estratégias e procedimentos permitem justificar as

¹⁰ Terminologia de Vinay e Darbelnet.

escolhas de tradução efetuadas no presente trabalho e serão descritas mais em detalhe no momento em que abordaremos exemplos específicos ao longo das próximas secções.

Agora que determinámos que a terminologia de Vinay e Darbelnet será a terminologia utilizada para efeitos de análise do ensaio de tradução, passamos agora a definir o guião e as suas características.

II. Características e estrutura do guião

Antes de mais, estabelecemos a diferença entre guião e argumento. “[O guião] distingue-se do argumento, porque este é anterior à conceção do guião e constitui apenas a matéria exclusivamente literária do filme; por esta razão é costume publicar-se apenas o argumento de um filme e não o seu guião” (Ceia, 2010).

O guião representa a base do projeto cinematográfico e constitui o instrumento de trabalho dos atores. É através deste suporte que os atores ficam a conhecer a história e as personagens, mas também a personalidade das personagens, as emoções, etc.

O guião apresenta características próprias. De maneira geral, é constituído por diálogos e indicações cinematográficas. A estrutura inclui várias cenas que, por sua vez, são compostas por vários planos, que são “...segmentos ininterruptos de tempo e espaço fílmico, ou seja, uma imagem contínua entre dois cortes ou duas transições.” (Nogueira, 2010: 13). Trata-se do primeiro contacto que os atores têm com o futuro projeto cinematográfico e a sua função é cumprida numa fase preliminar.

O guião pode, no entanto, ter uma segunda funcionalidade: quando surge a necessidade de legendagem do filme, os tradutores podem recorrer ao texto escrito, que pode ser tanto o guião original como o argumento.

Geralmente, o guião não é pensado para ser publicado. O número de leitores limita-se aos atores, ao realizador e, eventualmente, a alguns intervenientes na produção do filme. O guião é um texto escrito pensado para ser dito e aproxima-se do género textual da peça de teatro. Em *Marius et Jeannette*, a concentração da maioria das cenas à volta do pátio acentua ainda mais o aspeto teatral.

As indicações têm como função permitir aos atores ler nas entrelinhas dos diálogos. Ao assistir ao filme como espectador, percebemos o implícito através do comportamento gestual, da entoação, etc. As indicações descrevem, explicitamente, tudo o que se tornará implícito uma vez o diálogo interpretado. Neste caso específico, as indicações proporcionam informação sobre o lugar e o tempo em que se desenrola cada cena e sobre as atitudes e emoções de cada personagem.

Em regra geral, a necessidade de tradução de um guião ou argumento surge apenas após a realização do filme na língua original. Se o filme tiver o sucesso esperado e for apresentado em outros países, nasce a necessidade da legendagem e/ou dobragem para diferentes línguas e, neste caso em particular, o guião apresenta uma oportunidade de expor as diferenças entre o registo oral em português e em francês, entre outros tópicos.

Como veremos na secção seguinte, o guião cinematográfico corresponde a uma tipologia textual que segue uma estrutura específica e as diferentes partes do texto respeitam funções diferentes. É importante ter em conta estas restrições impostas pela tipologia textual dado que o texto de chegada deve cumprir o mesmo objetivo que o texto de partida.

Analisando a macroestrutura, o cabeçalho do guião contém informações que permitem ao leitor identificar o autor da obra, o título, o tipo de texto e a data de criação.

O guião segue uma estrutura visual específica sendo que os marcos espaço-temporais (momento do dia e local da ação) aparecem em maiúscula e são seguidos das indicações em itálico. Os diálogos são sempre precedidos do nome da personagem.

Para além de apresentar uma estrutura particular, o guião apresenta também certas especificidades a nível da microestrutura, nomeadamente, um contraste entre as indicações e os diálogos. Com efeito, as indicações do guião são, geralmente, constituídas por frases descritivas e declarativas, mais estruturadas de um ponto de vista gramatical. Estas contêm indicações cinematográficas que incluem os planos da câmara (“zoom arrière”), o tipo de plano (“un panoramique”), efeitos visuais (“fermeture en iris”), etc.

Por outro lado, as falas são maioritariamente compostas por frases curtas (à exceção dos monólogos) caracterizadas, com marcas do registo oral, tais como redundâncias e repetições, o uso excessivo de interjeições e de muletas verbais, onomatopeias, o recurso a um registo mais coloquial, entre outras particularidades.

Como o nosso objetivo é criar um texto de chegada que cumpra a mesma função que o original, é necessário ter em conta os diferentes registos e adaptar o nível linguístico em função de vários fatores que abordaremos na próxima secção.

III. Os diferentes registos¹¹

Como veremos na presente secção, o registo oral é a vertente dominante do texto de partida, mas podem ser distinguidos outros tipos de registos. De facto, o registo linguístico varia consoante elementos como o locutor, o interlocutor, o contexto de comunicação e a categoria social, entre outros. Começemos por distinguir os quatro principais registos.

PT	FR
Registo cuidado	Niveau ¹² soutenu
Registo corrente	Niveau courant
Registo familiar	Niveau familial
Registo popular	Niveau populaire

Além disso, mencionemos apenas para fins de referência que existem diferentes variações de uma mesma língua e que estas se dividem entre “variações diatópicas” (relacionadas com fatores geográficos), “variações diastráticas” (relacionadas com fatores sociais) e “variações diafásicas” (relacionadas com a situação de comunicação) (Cunha; Cintra, 2016: 3).

Como vimos na secção anterior, existe um contraste entre o registo das indicações e dos diálogos e este contraste deve-se ao facto de as duas componentes cumprirem funções diferentes.

Tal como referimos previamente, as indicações são compostas, de maneira geral, por frases curtas, descritivas e afirmativas. Podemos observar que existem gralhas, frases gramaticalmente incorretas e algumas marcas do registo familiar que podem dever-se ao facto de o guião não ser, geralmente, um texto para ser publicado.

Por outro lado, os diálogos e monólogos inserem-se no registo oral. Dentro do registo oral, podemos ainda encontrar as vertentes dos registos corrente, familiar e popular.

Em oposição a esta grande variedade que implica o registo oral, observamos ainda a presença de jargão correspondente a várias áreas distintas, nomeadamente o cinema, a política, a economia, entre

¹¹ Terminologia utilizada por Cunha e Cintra.

¹² Em francês, a distinção entre os termos “style”, “niveau” e “registre” é ténue. No âmbito do presente projeto, será utilizado o termo “niveau” de maneira a transmitir a ideia de hierarquia.

outros. É possível consultar, em anexo, uma tabela completa da terminologia específica presente no guião (ver Anexo 5). A particularidade deste tipo de registo é que um termo na língua A corresponde a um termo na língua B.

O guião demonstra que a língua e os diferentes registos permitem veicular o modo de vida do bairro, refletir a realidade de uma determinada categoria social e criar, simultaneamente, um contraste entre as personagens do bairro e as personagens que pertencem a uma categoria social mais alta.

Analisemos agora, mais em detalhe, o registo oral e os desafios de tradução daí decorrentes.

a. O registo oral

Podemos caracterizar o registo oral como um nível de língua associado a uma situação de comunicação imediata e espontânea. Trata-se de um meio de comunicação que transmite emoções, as quais, para além de serem expressas em palavras, podem também ser veiculadas através do comportamento gestual do locutor.

Tratando-se de um registo espontâneo, o registo oral é frequentemente considerado como menos correto em comparação com o registo escrito. Contudo, o registo oral pode também recorrer a diferentes graus de formalidade dependendo da situação de comunicação, entre outros fatores, como mencionado anteriormente. De facto, o discurso oral de um diplomata não tem a mesma função e não corresponde ao mesmo registo que uma conversa casual entre dois amigos. Por esta razão, é importante manter sempre em mente os principais fatores que se seguem:

- o locutor e o interlocutor: quem fala? a quem se dirige?
- o contexto: em que âmbito será efetuada a intervenção?
- o escopo do ato de comunicação: que mensagem se pretende transmitir?

No âmbito do presente trabalho, e tendo em conta que o guião foi seguido à letra pelos atores, podemos até assemelhar os diálogos a uma transcrição caso a ordem do processo fosse invertida.

Tal como afirmam Jorge Díaz Cintas e Aline Remael,

The transition from oral to written mode obviously means that some of the typical features of spoken language will have to disappear, no matter what subgenre a dialogue belongs to. Then again, the oral features of spoken language in the cinema, on TV or any other medium, are relative since orality is co-determined by film's

other semiotic systems and the function(s) the dialogue must fulfil (Díaz Cintas; Remael, 2007: 61).

Em *Marius et Jeannette*, os diálogos contêm inúmeras marcas da oralidade. Convém, portanto, manter estas características que definem as personagens de Guédiguian no texto de chegada. Se retirássemos todas essas marcas orais dos diálogos, não estaríamos a recriar justamente a personalidade das personagens. De facto, tal como relembram os dois autores que acabámos de referir,

the way characters speak tells us something about their personality and background, through idiosyncrasies and through the socio-cultural and geographic markers in their speech, which affect grammar, syntax, lexicon, pronunciation, and intonation (Díaz Cintas; Remael, 2007: 61).

Examinemos agora as vertentes do registo oral que ilustramos com exemplos específicos extraídos dos textos de partida e de chegada. Deste modo, vemos em que medida o registo oral se distingue em francês e em português e que procedimentos podem ser utilizados para transpor ou criar marcas da oralidade no texto de chegada.

Nas subsecções seguintes, vamos abordar as características do registo oral. Através dos exemplos de *Marius et Jeannette*, vamos observar as principais marcas da oralidade e identificar os procedimentos utilizados para traduzir mantendo o mesmo tipo de registo na língua de chegada. Como veremos, nem sempre foi possível manter cada particularidade do registo oral e, portanto, tivemos de optar pela estratégia de compensação (uma perda compensada num momento diferente do texto).

a. 1. O coloquialismo¹³

Como vimos anteriormente, o registo oral está associado a um nível de língua mais coloquial e familiar. No texto de partida, podemos identificar inúmeros termos e expressões pertencentes a este registo.

¹³ É fornecida uma lista completa dos termos coloquiais no Anexo 2. Nesta secção, são apenas analisados os exemplos mais relevantes.

A língua francesa oral é muito mais rica e diversificada do que a língua portuguesa, pelo que, foi necessário recorrer a determinadas marcas de coloquialismo, entre as quais as expressões idiomáticas, os diminutivos e outras expressões do registo popular, os termos coloquiais, entre outras.

As expressões idiomáticas¹⁴:

As expressões idiomáticas são, geralmente, utilizadas em contextos informais e descontraídos. O facto de introduzir este tipo de expressões na tradução atribui automaticamente ao texto um determinado nível de familiaridade e de proximidade. Eis alguns exemplos:

- Fogo, ‘tou a **dar cabo** das costas. (pág. 12)
- Chiu! Chiu! Cala-te! Vai-te embora **sem mais um pio**... Nem mais um pio. (pág. 13)
- Está outra vez **com a cabeça na lua!** (pág. 16)
- É a única coisa que ganha por não **fechar aquela matraca**... (pág. 16)
- Já **‘tou que nem posso** com as greves. (pág. 21)
- Vais estar sempre a **bater no ceguinho**, é? (pág. 21)
- E ganham **rios de dinheiro** com isso! (pág. 24)
- Até ao domingo nos vêm **dar cabo do juízo!** (pág. 29)
- Eles pensam que as cores não existem e querem que toda a gente veja a mesma coisa que eles, senão **estás feito ao bife**... (pág. 38)
- **Aqui há gato**. (pág. 47)

Os diminutivos e outras expressões do registo popular:

O uso de diminutivos em português permite atribuir a determinadas palavras de uso corrente um tom mais coloquial.

- A minha casa vai cair aos pedaços se não der uma **pintadela** nas paredes. (pág. 12)
- Achas que Deus te quer ver todo **magricelas**? (pág. 27)
- O que me apetece acima de tudo é uma coisa **baratucha**. (pág. 40)
- Bom, agora **caluda** porque a... a segunda parte vai começar. (pág. 47)
- Nesse caso, se me puderem comprar qualquer **coisita**... (pág. 30)
- De onde eles vêm, é tudo plano, não há mar, não há montanha, não há centro histórico, é tudo **limpinho**, impecável... (pág. 45)
- Olha, tu é que devias **pôr olhinhos** no Marius. (pág. 47)

¹⁴ É apresentada, no Anexo 6, uma lista completa das expressões idiomáticas presentes no texto de partida.

-
- Exatamente... ele, ele só bebeu dois **copitos** assim por acaso e já foi o suficiente pra ficar... (pág. 54)

Os termos coloquiais:

No que diz respeito aos termos coloquiais utilizados em português, foi permanentemente tida em conta a personagem responsável pela fala. Por exemplo, na frase “Estes cotas são marados...”, atribuída a Magali, foram utilizados termos coloquiais geralmente utilizados por uma população mais jovem. Da mesma forma, na frase “Ou se tocas na tua pilinha!!!”, foi tido em conta o facto de que Justin se dirige a Malek que é apenas uma criança. Por fim, preferiu-se a opção “E ganham rios de dinheiro com isso!” em vez da expressão “bué dinheiro” pronunciada por Monique.

Para além disso, foi necessário também ter em conta o nível de cultura de cada personagem. Justin, sendo um professor reformado, recorre igualmente ao registo coloquial, que nem sempre corresponde a um registo menos correto, como vimos, mas não foram associados desvios gramaticais ao seu discurso.

Vejam-se outros exemplos de termos coloquiais no texto de chegada:

- Mas esta **gaja** é completamente **passada!** (pág. 13)
- Não tenho **guito** prá tinta. (pág. 13)
- Ó **sua aleijada!** (pág. 13)
- Vamos, **bora.** (pág. 34)
- Coitada da minha mãe, ‘tava eu a **parir-te** e ela a pensar que ainda era virgem. (pág. 31)
- O Papa acaba de pedir claramente a todos os padres pra usarem preservativos quando **pinam** com as criadas. (pág. 37)
- Comes funcho em crosta de sal que faz **mijar**... (pág. 42)
- Até a dos correios... e a dos comboios... Prometo! Todas! Com aaa... a **bófia**... os professores... as enfermeiras... (pág. 13)

Tal como acontece com outros tipos de diminutivos, em determinados casos, o uso do diminutivo atribui ao texto uma conotação mais coloquial.

Por exemplo, na frase “Olha, tu é que devias pôr olhinhos no Marius”, a frase já é à partida colocada num registo coloquial devido à expressão “pôr olhos em alguém”. No entanto, através do uso do diminutivo, não só acentuamos o lado coloquial como também damos ênfase à crítica que é feita por Caroline a Dédé.

Por fim, estes dois últimos exemplos ilustram mais uma característica do registo oral coloquial que está relacionada com os trocadilhos.

- Conheces uma **gaja**, apaixonas-te, queres ir viver com ela e, e... e quando a **inauguras**, posso-te dizer que a vontade de ir viver com ela vai-se rápido embora. (pág. 47)
- Pra se ser alguém na vida é preciso **levar por trás**, não sabias disso, pois não? (pág. 50)

No primeiro dos dois exemplos (o segundo é mais explícito), é utilizada uma palavra banal (“inaugurar”) para ilustrar o ato sexual. Inserida num contexto particular e usada neste contexto, a palavra muda de sentido e é utilizada para evitar o recurso a um termo mais popular ou explícito. Neste contexto, como Magali e Malek participam na conversa, Dédé opta por uma forma de falar menos direta.

a. 2. Os palavrões

De modo a facilitar a análise do uso dos palavrões nas duas línguas, eis uma lista dos palavrões extraídos do texto de partida, assim como o respetivo número de ocorrências. Desta forma, podemos igualmente analisar quais são os palavrões mais utilizados e, através dos exemplos, observar se estes são utilizados individualmente ou se são inseridos numa construção frásica.

Na tabela, encontram-se também as diferentes propostas de tradução para cada palavrão ou insulto.

Palavrão	Nº total de ocorrências	Proposta de tradução
putain Hé putain! Oh, putain, putain...	17	fogo caraças caralho Mas pelo amor de Deus! Ai o caraças! Ai que merda... omissão Ai que caraças! Oh que merda, que merda...

merde Merde, Justin, merde!	5	merda Olha, merda! Ora esta! Mas que merda! Fogo, Justin, fogo!
je les emmerde Et moi, je les emmerde tous !	2	quero que se lixem E quero é que se lixem!
Y me font chier avec leurs grèves.	1	Já ‘tou que nem posso com as greves.
... j’en ai rien à foutre de ta télé. Et de ton football aussi, j’en ai rien à foutre . Eh ben, moi, j’en ai rien à foutre de la grève.	3	... ‘tás a ver a minha cara de preocupada? Não quero saber do futebol nem da televisão para nada. Pois, mas eu estou-me a lixar pà greve.
Tu vas pas m’emmerder toute ma vie avec ça, non ! Eh oui, je vais t’emmerder ! Emmerde-moi , va, emmerde-moi ! Y nous emmerdent même le dimanche !	5	Vais estar sempre a bater no ceguinho, é? Vou, sim! Continua, vá, continua. Até ao domingo nos vêm dar cabo do juízo!
Y’a des tas de connards qui votent une fois !!!	1	O mundo está cheio de parvos que só votam uma vez!
andouille	1	estropício
Il est con , lui ! Qu’il est con !	3	Este gajo é tão estúpido! Que parvo!
imbécile	2	imbecil

... mais c'est un âne .	1	... mas não liguês ao que ele diz.
Tu es bête , Jeannette.	1	'Tás a ser parva, Jeannette.
traître	1	seu traidor
Ta gueule !	1	Vê lá se te calas!
Encule-moi !	2	Dá-me por trás!
Vieux fils de pute !	1	Grande filho da mãe!
Ils ont le feu au cul !	1	Estão com o cu a arder!

Como podemos observar na tabela acima, em português, optámos por atenuar a carga associada aos palavrões presentes no texto de partida. Se, por um lado, é verdade que os palavrões também são frequentemente utilizados no registo oral em português, por outro, sendo o objeto em escopo um texto escrito para um público português em geral, surge uma necessidade de repensar a escolha dos palavrões utilizados. Com efeito, se os palavrões do texto de chegada tivessem a mesma carga que os do texto de partida, o argumento em português teria um carácter mais vulgar e talvez depreciativo em relação à comunidade representada. Ora, o objetivo não é apresentar uma caricatura desta comunidade, mas sim fazer um retrato realista das personagens que a constituem. No caso de uma adaptação à cultura portuguesa através de uma comunidade do norte de Portugal, por exemplo, poderíamos optar por introduzir mais palavrões. No entanto, o objetivo do presente trabalho é respeitar a cultura estrangeira e, portanto, no texto de chegada, optamos por produzir um guião que não choca o espectador português (tal como o original francês não choca o público francófono). Tentámos, portanto, equilibrar o uso de palavrões (“caraças” e “caralho” não comportam a mesma carga!).

Além disso, podemos observar que, em ambas as línguas, o palavrão pode ser utilizado como um insulto (ou seja, diretamente dirigido a uma pessoa ou grupo de pessoas) ou como uma interjeição, de modo a expressar algum tipo de emoção.

Ao contrário do português, em que os palavrões comportam geralmente uma conotação negativa, em francês, tal como em inglês, é possível recorrer aos palavrões para expressar um sentimento de felicidade, por exemplo na frase “Oh putain, je suis trop contente!”. Geralmente, utiliza-se o termo “putain” para acompanhar este tipo de emoções e é também por esta razão que se trata de um dos palavrões mais utilizados na língua francesa. A nossa tabela comprova essa tendência registando um total de 17 ocorrências, um número muito superior aos outros classificados. Não utilizámos sempre

uma, mas sim várias opções para traduzir “putain”, sendo que adaptámos sempre a proposta de tradução ao contexto, de modo a obter um texto de chegada o mais natural possível.

Por fim, notemos que termos como “andouille” ou “âne” não são palavrões, mas é o contexto em que são utilizados, a modo de insulto, que lhes confere uma conotação negativa.

Para além dos palavrões, observamos também em *Marius et Jeannette* uma linguagem mais gráfica no uso de expressões de teor sexual¹⁵.

“... fiquei pensando sobre como, mesmo quando se trata de sexo, que é uma das poucas atividades humanas em que todos falam mais ou menos a mesma língua, às vezes pode ser necessário um intérprete” (Castro, 2019).¹⁶

A tradução deste tipo de expressões coloca dificuldades de tradução no sentido em que, muitas vezes, estão intimamente ligadas ao imaginário de cada um. Na realidade, qualquer frase pode ser distorcida de maneira a atribuir-lhe um segundo sentido. É importante, portanto, perceber que imagem se pretende criar e, mais uma vez, entender o nível de vulgaridade. O nosso dever enquanto tradutor é transpor o imaginário do texto de partida para o texto de chegada. Analisemos alguns exemplos do texto mais em detalhe.

A expressão “faire l’amour”, que surge na página 111 do texto original, não foi traduzida literalmente pela expressão “fazer amor”, tendo sido preferida a expressão “ir para a cama”. Neste caso, Jeannette, algo perturbada e um pouco irritada com Marius, tenta perceber quais são as suas verdadeiras intenções. Se tivéssemos optado pela primeira proposta, ou seja, “fazer amor”, estaríamos a transmitir a ideia de um convite e de um determinado interesse por parte de Jeannette. Ao optar pela proposta “ir para a cama”, criamos uma certa distância entre as duas personagens e eliminamos o lado romântico do ato sexual.

Mais adiante, na página 119 do texto original, Monique pergunta a Jeannette se Marius é bom na cama. Para tal, usa a expressão idiomática “être un bon coup”. Como não existe uma expressão idiomática equivalente na língua de chegada, optámos por uma explicitação do sentido. Noutro exemplo, na página 124 do texto original, para traduzir a expressão “troncher”, optámos pelo verbo “pinar” que equivale ao mesmo nível de vulgaridade. Não esqueçamos que se trata de um contexto

¹⁵ A lista completa dos exemplos de expressões de teor sexual encontra-se no Anexo 3. Nesta secção, analisamos apenas os exemplos mais pertinentes.

¹⁶ Em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/orgasmo-multilingue/3854>.

em que estão a conversar de maneira informal os habitantes de um bairro popular, com personalidades fortes e sem papas na língua e que, de vez em quando, é necessário pontuar o texto com alguns termos mais coloquiais para evitar que o texto de chegada se torne demasiado edulcorado em relação ao texto de partida.

Por fim, comentemos ainda a tradução do termo “quiquette”, na página 126 do texto original, utilizado por Justin numa conversa com Malek. Neste caso, é natural termos em conta a idade tenra do interlocutor de Justin e que o termo escolhido em português (“pilhina”) se adapte a esta faixa etária.

a. 3. A adaptação da grafia à pronúncia

No registo escrito da oralidade, é necessário ter em conta que não falamos como escrevemos. Se tal se comprova relativamente à escolha da terminologia e à construção das frases, entre outras coisas, o mesmo se deve dizer relativamente à pronúncia das palavras. Numa situação de comunicação informal, o débito de enunciação é mais rápido e produz-se, naturalmente, a contração de determinadas palavras.

Como podemos observar, a contração das palavras é mais frequente em português do que em francês. Eis alguns exemplos na língua de chegada:

Exemplo 1: contração de pronome pessoal + verbo

- Não **t’importas** de mas dar? (pág. 12)

Exemplo 2: eliminação de sílabas ou sons de palavra

- **‘Tás** maluca ou quê? (pág. 13)
- Sabes que mais, fica com as latas e deixa-me em paz, **‘inda** agora dissestes que a fábrica não é tua! (pág. 13)
- **‘Tão**, um pincel, tinta... e muita lata. (pág. 19)

Exemplo 3: contração de preposição ou conjunção + artigo definido ou pronome

- Pagam-me **prás** vigiar. (pág. 13)
- Não é que quisesse mais este emprego do qu’outro, mas pronto, pensei: tens mesmo que ficar **coa** vaga. (pág. 19)
- Olha **co** teu amigo tem um cu jeitoso. (pág. 50)

Embora aconteça com mais frequência em português (por exemplo, “já não ‘tou habituada”, “Não vais qu’rer peixe?”, “E ao mei’-dia também fizeste ramadão?”, etc.), encontramos ainda assim alguns

exemplos em francês de adaptação da grafia à pronúncia. Nos exemplos abaixo podemos observar que é muito frequente substituir o pronome pessoal “il” ou “ils” por “y”.

- Y’ manquait plus que ça. (pág. 101)
- Si y me virent c’est pas parce que je me tiens de traviolle, c’est parce qu’y supportent pas que je ferme pas ma gueule ! (pág. 102)
- Y s’est endormi, hé... (pág. 139)

Esta substituição em concreto é uma adaptação fonética. Em primeiro lugar, os pronomes “il” e “ils” são palavras homónimas e “y” tem uma pronúncia semelhante. Em segundo lugar, esta substituição, muito frequente no registo oral, como já vimos, permite também acentuar o sotaque de Marselha porque o som “i” é uma sonoridade muito presente. Esta sonoridade é, sobretudo, associada à segunda pessoa do singular, por exemplo, “t’i es pas capable” em vez de “t’es pas capable”.

Em francês, existem outras contrações possíveis, também regularmente utilizadas no contexto do registo oral. É o caso de, por exemplo, “chui” em vez de “je suis”, de “p’tit” em vez de “petit” ou ainda de “main’nant” em vez de “maintenant”. No entanto, este tipo de contrações não está presente no texto de partida devido também ao sotaque de Marselha. De facto, este sotaque exige, ao contrário do que seria natural no registo oral, que cada sílaba seja pronunciada e acentuada. É, portanto, por esta razão, que neste contexto específico a contração das palavras é limitada no texto de partida.

As contrações ou *raccourcissements*, segundo a terminologia de Blanche-Benveniste, não são necessariamente típicas do registo oral popular e nem sempre caracterizam a oralidade (Blanche-Benveniste, 1997: 36). Estes *raccourcissements* estão, antes de mais, relacionados com o débito da fala e não com o nível de língua do locutor.

a. 4. As repetições e as hesitações

Como vimos anteriormente, o registo oral traduz uma situação de comunicação espontânea e imediata. Assim sendo, num ato comunicativo informal, o locutor não dispõe do tempo necessário para construir e estruturar o seu discurso. É, portanto, natural que, no âmbito de uma intervenção informal e espontânea, o discurso seja pontuado de repetições, quer seja de construções frásicas, quer de ideias, mas também de hesitações ou ainda de reformulações. À medida que o locutor se vai expressando, é recorrente que este se repita, tergiverse ou procure clarificar os seus propósitos.

No texto aqui em estudo, constituído maioritariamente por diálogos, estas características ficam evidenciadas e disso devemos dar também conta na sua tradução.

As repetições ocorrem naturalmente num contexto de registo oral, mas podem servir também um propósito de reforço de uma ideia, tal como podemos observar nos seguintes exemplos:

- Va t'en **en silence**... **En silence**. (pág. 102)

O constituinte que termina a primeira frase é isolado na segunda frase.

- Va te coucher ! Allez, va te coucher ! (pág. 103)

Observamos, neste segundo exemplo, uma repetição da construção frásica sendo que, na segunda ocorrência, a ideia é reforçada através da expressão “allez”.

- **Ça a servi** à sauver la Sécurité Sociale ! Voilà à **quoi ça a servi** ! (pág. 109)

As hesitações também pontuam, naturalmente, o discurso oral, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- **Mais euh... Euh... Si, euh...** Si on recommençait maintenant, ce serait sur ton lit, hé ! (pág. 114)
- Je vais vous le dire à vous **parce que... Parce que...** (pág. 139)

a. 5. As muletas verbais¹⁷

As muletas verbais “são palavras ou expressões que, de tão usadas, deixaram de ter um sentido específico, tendo perdido pertinência comunicativa” (in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa¹⁸). As muletas verbais não servem apenas para estruturar o discurso, mas também para expressar as emoções do locutor e ilustrar o ato de comunicação entre o locutor e o interlocutor: chamar a atenção, marcar uma opinião, realçar uma ideia...

Este tipo de expressões pode aparecer tanto no início como no meio de uma construção frásica.

Como pudemos observar no exercício de tradução, a muleta mais frequentemente utilizada no texto de partida é “mais” (FR), em início de frase. Trata-se de uma expressão que, na maioria das vezes no

¹⁷ É fornecida uma lista completa das muletas verbais no Anexo 4. Nesta secção, são apenas analisados os exemplos mais relevantes.

¹⁸ Consultado a 20 de outubro de 2021 em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/pelourinho/nao-faz-sentido/2019>

registro oral, não acarreta sentido à frase e que tanto pode ser colocado no início de uma frase declarativa, interrogativa, exclamativa, afirmativa ou negativa.

A segunda muleta mais utilizada em francês é “euh” que revela uma hesitação.

Podemos também destacar o facto de que, por vezes, uma expressão é utilizada em diferentes versões. É o caso, por exemplo, de “hein” que por vezes se torna “hè” e das versões extensas “eh ben”, “eh bè” ou “hè bé”.

Finalmente, podemos notar o uso de expressões tais como “tu vois”, “tu sais”, “écoute” e “tu me suis” que permitem ao locutor certificar-se de que o interlocutor está a prestar atenção ao seu discurso. Este tipo de expressões é, geralmente, utilizado em final de frase e apresenta-se mais frequentemente na forma interrogativa. No entanto, o locutor não espera necessariamente uma resposta da parte do interlocutor, uma vez que a interrogação é feita sob a forma de pergunta retórica.

Observamos ainda que uma frase pode, por vezes, acumular diferentes expressões, em alguns casos operando no mesmo plano discursivo. Leiam-se os seguintes exemplos:

- **Puis, vous savez**, de temps en temps c’est eux qui viennent en prendre un, **alors...** (pág. 104)
- **Mais enfin**, je vais pas courir maintenant, **là !...** (pág. 106)
- **Ouais, ben moi**, je suis ta mère, **hé!** (pág. 115)
- Mais tu as les Marseillais de l’Estaque, les Marseillais d’Emdoume, les Marseillais de la Joliette, et ainsi de suite, **hein, tu me suis ?** (pág. 116)
- **Hè bé euh...** Marius, **euh, tu sais**, une fois que la chose est faite, ça l’intéresse plus, **hè...** (pág. 134)
- **Ouais, hè bé**, tu me le diras demain, **hè !** (pág. 142)

As muletas verbais ocupam um lugar importante neste texto dado tratar-se de um texto que não vai ser simplesmente lido, mas sim interpretado pelo ator. Consoante o seu lugar na frase, a sua função pode variar. Se no início ou no final da frase o seu objetivo é chamar a atenção do interlocutor, acentuar uma ideia ou suscitar uma reação ao que foi dito, no meio da frase são frequentemente utilizadas como sinal de hesitação, reformulação, autocorreção ou para se certificar de que o interlocutor ainda está atento ao discurso. No fim da frase, servem para pedir consentimento, aprovação ou, uma vez mais, acentuar uma ideia.

Muito embora as muletas verbais possam ser consideradas unidades linguísticas isoladas, desprovidas de sentido, são essenciais a um guião e funcionam praticamente como diretrizes integradas no

discurso direto. De facto, graças a elas, o ator pode entender se tem de manifestar determinadas emoções (por ex., sentimento de confusão, desejo de auto-persuasão, etc.).

Ao compararmos o texto de partida e o texto de chegada, podemos observar que as muletas verbais são mais recorrentes na língua francesa. De facto, aquando do processo de tradução, o objetivo não passou por transpor cada uma das ocorrências, mas por criar um texto caracterizado pelas marcas típicas do registo oral em português. Um uso excessivo de interjeições e outras muletas verbais no texto de chegada resultaria num produto pouco natural e difícil de interpretar.

Adaptámos as muletas verbais ao texto de chegada, em função dos elementos em realce no texto de partida. Eis alguns exemplos:

- **Bé**, garde tes pots et lâche-moi... (pág. 101)
Sabes que mais, fica com as latas e deixa-me em paz... (pág. 70)
- **Oh, bé**, si on peut plus déconner alors !... (pág. 130)
Quer dizer, agora uma pessoa já não pode gozar... (pág. 43)
- Ouais, hè bé, tu me le diras demain, **hè** ! (pág. 142)
‘Tá bem ‘tá, dizes-me isso amanhã. (pág. 55)
- Prends tes papiers et va t’en, **hein** ! (pág. 102)
Pega nos documentos e põe-te a andar, **‘tás a ouvir?** (pág. 13)
- Sous le grand pin, **hein**, là-haut, à la Galline. (pág. 114)
Debaixo do grande pinheiro, **não foi**, lá em cima, no pinhal. (pág. 26)
- Sinon j’aurais mis Paris à la place d’Aix-en-Provence, **hein** ! (pág. 130)
Senão tinha posto Paris mesmo aqui ao lado, **né?** (pág. 43)
- **Oh**, qu’est-ce y’a, on t’a mangé ta soupe ?! (pág. 109)
Então, que é que se passa? (pág. 21)
- **Oh**, il a pas l’air en forme le Dédé, **hein** ! (pág. 109)
Bem, o nosso Dédé não parece estar em forma. (pág. 21)
- Tu parles pas beaucoup, mais quand tu parles, tu parles bien, hein, ça me plaît, **hé**. (pág. 111)
Não falas muito, mas quando falas, falas bem, **sabes?** (pág. 31)
- **Hé...** J’aime que la Kronenbourg, moi. (pág. 132)
De qualquer maneira, eu só gosto da Kronenbourg! (pág. 44)
- **Ohouh**, maman ! (pág. 118)
Ó mãe, **não comeces...** (pág. 31)
- **Ouh, ouh...** Excuse-moi. (pág. 130)

Eh lá, prontos. Desculpa lá. (pág. 43)

Em outros casos, as muletas verbais presentes no texto original foram eliminadas no texto de chegada.

Eis alguns exemplos:

- **Bé** justement, c'est trop simple. (pág. 105)
Precisamente, é simples demais. (pág. 16)
- **Ah**, ça je m'y connais pas, mais en favisme, oui. (pág. 113)
Não sou um especialista, mas em favismo sim. (pág. 25)
- Ouais, ben moi, je suis ta mère, **hé** ! (pág. 115)
Pois, mas sou tua mãe. (pág. 28)
- Mais tu as les Marseillais de l'Estaque, les Marseillais d'Emdoume, les Marseillais de la Joliette, et ainsi de suite, **hein**, tu me suis ? (pág. 116)
Mas há os habitantes de Marselha, de Paris, de Bordéus e por aí adiante, estás a perceber? (pág. 28)
- **Oh**, vous allez pas nous faire l'article, non ! (pág. 117)
Também nos vai dar conversa fiada a nós? (pág. 13)
- Qu'est-ce qu'il veut lui, **oh** ! Va-t-en, **oh** ! Va-t-en. **Ah** ! S'il te plaît, **ah** ! (pág. 137)
Qu'é que este gajo quer? Sai-me daqui! Faz-me o favor de sair daqui. (pág. 49)

a. 6. As onomatopeias

Como sabemos, a onomatopeia é uma unidade linguística que visa imitar um som. Pode variar de língua para língua, merecendo, por isso, especial atenção em contexto de tradução. Seja, por exemplo, o som do bater à porta, que em português seria representado por “truz truz” enquanto em francês corresponderia à sequência “toc toc”.

Existem vários procedimentos a que normalmente se recorre para traduzir as onomatopeias: a equivalência da onomatopeia de origem na língua de chegada, a transposição ou criação quando não existe um equivalente.

Eis alguns exemplos do texto de partida e a respetiva tradução:

- Ils croient que les couleurs ça n'existe pas et y veulent que tout le monde voit la même chose qu'eux, sinon, **couic**, hein !... (pág. 125)

“Couic” designa “le cri d’un petit animal ou, *familièrement*, d’un animal ou d’un homme à qui on tord le cou”¹⁹, mas, neste caso específico, transmite a ideia de algo que não vai correr bem.

- Eles pensam que as cores não existem e querem que toda a gente veja a mesma coisa que eles, senão **estás feito ao bife**... (pág. 38)

Neste exemplo, a onomatopeia “couic” presente no texto de partida foi substituída no texto de chegada por uma expressão idiomática. Ao não optar por uma tradução literal ou uma equivalência estamos, na realidade, a interpretar o sentido da onomatopeia e a torná-lo explícito no texto.

- Oh, et l’autre là ! **Po, po, po**... (pág. 142)

“Po po po” imita, com ironia, o discurso pouco coerente do interlocutor.

Neste caso, optámos pela expressão “Blá-blá-blá...” (pág. 55), que remete para uma “conversa inútil, sem grande conteúdo”.²⁰ Sublinhemos que a onomatopeia “blá-blá-blá” também existe na língua francesa e corresponde ao significado fornecido pela Infopédia. No entanto, podemos considerar a onomatopeia “po po po” como uma variante ou um sinónimo. Esta não se encontra indexada nos dicionários franceses, mas é utilizada no mesmo sentido que “blá-blá-blá”.

a. 7. As estruturas incompletas e as digressões

Como já foi anteriormente referido, uma das características do registo oral reside no facto de as construções frásicas surgirem intercaladas. A rutura da frase apresenta configurações e enquadramentos distintos no fluxo discursivo. Tal rutura pode dever-se à interrupção do discurso provocada pelo interlocutor como nos exemplos seguintes:

- Jeannette : Ben, c’est gent... (pág. 102)
- Jeannette : Ah! Qu’est-ce !... (pág. 140)

Também pode traduzir uma hesitação, como nos exemplos abaixo:

- Euh oui... Voilà, écoute, euh... Je crois que... (pág. 121)
- Je vais vous le dire à vous parce que... Parce que... (pág. 139),

ou pode tratar-se de uma tentativa de reformulação do próprio discurso do locutor como no exemplo:

- Enfin, je veux dire... C’est pas... (pág. 106).

Por fim, o facto de as construções frásicas aparecerem intercaladas pode ainda ilustrar uma insinuação. O locutor não pronuncia a totalidade da frase, mas diz o suficiente para dar a entender o

¹⁹ <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/couic/19734?q=couic#19621> (consultado a 23/02/2020)

²⁰ *blá-blá-blá* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-02-23 15:04:15]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/blá-blá-blá>

que pretende dizer e o locutor, por sua vez, percebe essa intenção através do contexto, como no exemplo:

- Caroline : Mais vous avez pas...? (pág. 112)

Tal como já foi referido em várias ocasiões, o registo oral traduz um ato de comunicação imediato e espontâneo. Como vimos nas secções acima, esta vertente faz com que o discurso oral seja, por norma, menos estruturado do que um texto escrito. É, portanto, frequente encontrar numa mesma frase uma acumulação de diferentes ideias. Quanto mais longa for a frase, mais alta é a probabilidade de este fenómeno se produzir. De facto, num longo discurso, à medida que o locutor se vai pronunciando, este vai adicionando novas informações que nem sempre estão diretamente associadas à ideia inicial. Tal acontece porque, no decorrer do seu discurso, o locutor vai adicionando novas informações que, a seu ver, são pertinentes. Pode tratar-se de detalhes essenciais à narração (sejam eles desconhecidos pelo interlocutor ou para relembrar um evento anterior), de uma situação caricata que faça sentido dentro do contexto, pensamentos próprios do locutor que não sejam pertinentes ou associados ao relato, mas que o locutor expressa em voz alta, etc.

A acumulação de informações diversas no seio de uma mesma frase ou discurso pode também simplesmente dever-se ao facto de o locutor perder o fio condutor da própria narrativa. O locutor pode assim iniciar o seu discurso com uma ideia A, introduzir uma ideia B e até talvez uma ideia C e, por fim, retomar o seu pensamento inicial e voltar à ideia A.

Eis alguns exemplos que permitem ilustrar o nosso argumento. As ruturas frásicas estão simbolizadas com //.

- Un soir, // j'avais neuf ans, // j'ai attendu longtemps et il est jamais venu, il était mort, // une conduite de vapeur avait explosé. (pág. 106)

Neste primeiro exemplo, Jeannette conta a Marius a morte do pai. A frase começa pela expressão “un soir” que indica o início do relato e se assemelha a expressões como “uma vez”, “um dia”, etc. O primeiro parêntese que Jeannette faz serve para especificar que idade tinha na altura do acontecimento, mas não está diretamente associado ao resto da narrativa (“un soir, j'ai attendu longtemps...”). No final da frase, Jeannette adiciona uma informação que permite indicar a causa da morte do pai. Esta informação adicional, que está relacionada com a informação principal, poderia

ser isolada numa frase independente até porque as duas unidades estão apenas separadas por uma vírgula e não por uma conjunção do tipo consequência-causa.

Como podemos observar no exemplo, existem dois segmentos que se encontram ao mesmo nível e contêm a informação principal (“il était mort”) que pretende ser transmitida. Os outros dois segmentos (“Un soir, j’avais neuf ans, j’ai attendu longtemps” e “une conduite de vapeur avait explosé”) são parênteses que contêm informações adicionais e independentes e poderiam ser eliminados sem perturbar a estrutura gramatical da frase.

No exemplo que se segue, a frase analisada é mais longa e o número de divagações é, consequentemente, mais elevado.

- Les hommes et les femmes, ils étaient séparés, mais enfin tout de même, de temps en temps, on en croisait quelques-uns, // on avait la chance de pas être juif en plus, parce que les juifs ils avaient pas le temps de s’installer, y faisaient que passer, //mais nous on était des cocos, y’avait pas la même urgence à nous exterminer, // ça fait qu’on a pris nos habitudes, et parmi ces habitudes... on couchait. (pág. 121)

Neste monólogo, Monique descreve o seu quotidiano no campo de concentração. A principal ideia que Monique pretende comunicar é que a sua sobrevivência também se deveu às relações sociais (e sobretudo sexuais) que ia mantendo no seio do campo. Monique começa por relembrar que, uma vez no campo, os homens e as mulheres eram separados. É verdade que não se trata da informação principal, mas este detalhe que Monique relembra às amigas é importante porque lhe permite depois explicar como conseguiam contornar esta restrição. Trata-se de uma informação secundária que tem como função preparar o terreno para o que se segue. Num segundo tempo, Monique introduz uma segunda informação marcada pela expressão “en plus” que permite estruturar o texto, mas acaba por alongar-se sobre a situação do povo judeu nos campos.

Numa terceira parte, Monique cria um paralelo entre a situação mencionada em segundo lugar e a situação dos comunistas que articula graças ao “mais” em início de frase. Ainda assim, podemos observar que Monique se vai afastando pouco a pouco da ideia inicial.

Finalmente, na última parte da frase, Monique expõe a sua conclusão. Este segmento não se encontra ao mesmo nível que o primeiro segmento porque a ligação causa-consequência não é evidente. A acumulação de informações diversas nesta frase deve-se ao facto de Monique estar a relembrar um evento passado na sua infância e, portanto, as informações vão-se acumulando à medida que se vai lembrando dos detalhes.

Analiseemos um último exemplo:

- J'avais deux enfants, un garçon et une fille, quatre et six ans, // on les a réveillés pour partir, // on était dans la famille, pour l'anniversaire de ma femme, on avait un peu bu, // c'est elle qui conduisait, // elle aimait bien conduire, // peut-être aussi qu'elle avait moins bu que moi, // je m'en souviens pas bien, ça, // c'est sur une plaque de verglas qu'on est partis, et bu ou pas bu, une plaque de verglas quand tu t'y attends pas, même moi au volant j'aurais pas pu y faire grand-chose, sauf que je serais mort à sa place, là, du coup, c'est elle qui est morte, et les petits à l'arrière, ils étaient attachés mais... ça les a pas sauvés, y'a que ma place à moi qu'a pas trop été écrasée par le platane... Ouais... (pág. 139)

Neste contexto, Marius encontra-se num estado de ebriedade e descreve aos amigos o acidente que provocou a morte da esposa e dos dois filhos. O discurso de Marius é, portanto, perturbado pela ebriedade e pela tristeza que acompanham estas memórias. A narrativa é marcada por um misto de emoções e, tendo em conta que é evidente que Marius guarda um sentimento de culpabilidade, as divagações são um modo de tentar justificar o que aconteceu na noite do acidente.

Como podemos ver no exemplo acima, a estrutura do relato é bastante complexa. As diferentes informações fornecidas por Marius poderiam ser separadas em várias frases mais curtas de modo a tornar o discurso mais legível (técnica aplicada no processo de tradução).

Num primeiro tempo, Marius apresenta os filhos e só na segunda parte da frase começa a contar o sucedido. Logo depois, introduz um aparte para explicar porque tiveram de efetuar a viagem de carro. De seguida, adiciona uma informação explicitando que era a mulher quem conduzia. Este último detalhe é fundamental para o relato, mas surge após uma sucessão de informações. Adiante, Marius volta a adicionar um segmento que prolonga a série de informações e que permite justificar por que razão era a mulher quem conduzia. Segue-se mais um parêntesis onde Marius refere que não se recorda bem, só na parte final da frase, Marius vai finalmente direto ao assunto e conta, por fim, como sucedeu o acidente.

Como vimos anteriormente, a série de divagações presente nesta frase retrata a maneira como Marius tenta, de alguma forma, justificar o que aconteceu e convencer-se, enquanto relata o sucedido, de que o acidente não poderia ter sido evitado.

a. 8. As formas de tratamento

Como sabemos, as formas de tratamento variam consoante o nível de formalidade exigido pela situação de comunicação e o nível de familiaridade entre os interlocutores.

Este tipo de expressões é utilizado quando existe uma grande familiaridade entre os interlocutores, como já vimos, e comporta, portanto, uma determinada carga emocional. De facto, trata-se de expressões que demonstram afeto e que variam, portanto, consoante o laço que une os interlocutores. As formas de tratamento divergem entre pais e filhos, amigos, amigas, colegas de trabalho, etc.

Ora, as formas de tratamento presentes no texto de partida e de chegada, e correspondentes ao registo familiar ou popular, típicos do registo oral, demonstram os laços de proximidade que unem as diferentes personagens. No entanto, podemos observar através dos exemplos indicados abaixo que as formas de tratamento presentes no texto de partida são escassas. Da mesma maneira, o número de formas de tratamento no texto de chegada é limitado dado que pretendemos evitar sobrecarregar o texto com artifícios. As formas de tratamento foram, portanto, utilizadas de maneira pontual ao longo da tradução e não de maneira recorrente.

A única expressão utilizada no texto original como forma de tratamento encontra-se no seguinte exemplo:

- Si c'était aussi simple, **ma petite**. (pág. 105)

Esta expressão é utilizada por uma das empregadas de caixa que trabalha no supermercado e é dirigida a uma colega. Como ilustra o exemplo acima, as formas de tratamento não apresentam um significado literal. No texto de chegada, foram utilizadas mais formas de tratamento do que no texto de partida de modo a compensar algumas perdas associadas ao registo oral.

Eis as formas de tratamento introduzidas no texto de chegada:

- Se fosse assim tão simples, **filha**... (pág. 16)
- **Meninos**, este é o Marius, foi ele que nos deu a tinta... (pág. 19)
- Não é nada disso, **mulher**. (pág. 20)
- Temos uma pena de ti, **filho**... (pág. 29)
- **Ó pá**, uma vez que pagas a água, a luz e a renda, não sobra mais nada na conta. (pág. 30)
- Então, ri-te, **rapariga!** (pág. 42)

a. 9. Os desvios gramaticais

“Prontos”, “há X anos atrás”, etc., são apenas alguns dos desvios que uma grande maioria dos portugueses comete em situações de comunicação informais. Mais do que desvios, estas imprecisões podem ser consideradas erros gramaticais. Contudo, estes desvios são cometidos tão frequentemente que passam a ser normalizados no registo oral informal. A orelha do locutor habitua-se a ouvir este tipo de erros, que começam a tornar-se aceitáveis em determinados contextos.

Para além disso, não esqueçamos que a grande parte das personagens de *Marius et Jeannette* cresceu e viveu num bairro popular, em condições precárias, sem acesso à educação. No entanto, os desvios gramaticais identificados no texto original relevam mais dos traços da oralidade do que propriamente de um nível de cultura e de educação.

Em primeiro lugar, analisemos os desvios gramaticais presentes no texto original.

- Je parle pas des culottes en coton **que ça** devient tout flasque au bout de deux lavages, je parle d’une vraie culotte ! (pág. 117)

Neste caso, o relativo “qui” foi substituído por “que ça”. A versão gramaticalmente correta é: “Je ne parle pas des culottes en coton **qui** deviennent toutes flasques...”. Como podemos observar, a alteração do relativo implica também um problema de concordância.

Este exemplo atribuído ao Senhor Ébrard é interessante porque, como podemos observar no texto original, é uma personagem que mantém, de maneira geral, um discurso correspondente ao registo corrente. Este exemplo permite-nos confirmar que, qualquer que seja a categoria social do locutor, este pode ceder aos desvios gramaticais num contexto de oralidade.

Prosseguimos com mais dois exemplos:

- Pour se bouffer le nez, **c’est pas les raisons** qui nous manquent, hé ! (pág. 124)
- L’humanité, tu veux dire que **c’est les cocos** qui ont fait ça ? (pág. 130)

Nestes exemplos, podemos identificar um desvio gramatical frequente em francês, o qual consiste na discordância em número entre o verbo e o constituinte da estrutura clivada.

Neste terceiro exemplo, identificamos um tipo de desvio gramatical menos comum no qual o pronome pessoal “lui” (“dis-lui”) foi substituído por “y”.

- **Dis-y**, toi, pour sa femme. (pág. 141)

Este desvio pode dever-se à contaminação do discurso com a sonoridade “i” associada às características do sotaque de Marselha.

Por fim, analisemos a seguinte frase:

- Eh ben, il était parti, c’était tant mieux, eh ben il était parti et maintenant vous êtes **allés** me le ramener ! (pág. 141)

No exemplo acima, encontramos um desvio gramatical frequentemente associado ao registo oral e que se traduz na confusão entre o verbo “aller” e “venir”. Trata-se de um erro menos evidente, mas de um ponto de vista gramatical, a versão correta é: “... et maintenant vous êtes **venus** me le ramener”.

Dado que a nossa tradução deve refletir o mesmo registo oral do texto original, foram introduzidos propositadamente alguns desvios gramaticais de modo a ilustrar este fenómeno.

Eis alguns exemplos:

- Sabes que mais, fica com as latas e deixa-me em paz, ‘inda agora **dissestes** que a fábrica não é tua! (pág. 13)
- Não falas assim com a tua mãe, **ouvistes**? (pág. 14)
- Já **acabastes**? (pág. 23)

Nos exemplos acima, optámos por inserir um desvio gramatical frequente no português oral que consiste em adicionar um ‘s’ à conjugação da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito. Esta forma corresponde à segunda pessoa do plural (vós).

Para além disso, é também muito frequente nalguns locutores o uso de “prontos” em substituição de “pronto”; usámos essa estratégia na seguinte frase do texto:

- Então **prontos**, se for muito caro eu dou-te uma pisadela. (pág. 40)

Os exemplos abaixo ilustram diferentes problemas de concordância:

- Quando me ponho direita, **dói-me as costas**. (pág. 13)

“A forma correta será «doem-me as costas». Note-se que apesar de “costas” ser uma parte do corpo singular, ou seja, cada pessoa só tem uma parte posterior do tronco, a verdade é que o nome que se

dá a esta zona do corpo humano é o plural. Assim sendo, os verbos que se associam à denominação desta zona devem concordar em número com a mesma, no caso, plural.”²¹

Introduzimos o mesmo tipo de desvio gramatical na seguinte frase do texto de chegada:

- ‘Inda agora lhe disse, duas latas não **lhes faz** diferença nenhuma. (pág. 15)

Nos casos que se seguem, o uso da expressão “ter que” não constitui propriamente um erro e ilustra o que foi dito anteriormente. Se a expressão mais correta é “ter de”, a verdade é que “ter que” passou a ser tão frequentemente utilizado que se tornou uma variante da expressão inicial e é aceite e reconhecida por determinados dicionários.

- **Tem que** comer alguma coisa! (pág. 14)
- **Tenho que** falar contigo. (pág. 33)

A frase abaixo apresenta mais um exemplo de um desvio gramatical que se ouve frequentemente no registo oral. Com efeito, a presença de “há” e “atrás” na mesma frase cria uma redundância dado que “há” já expressa a ideia de que a ação se desenrolou no passado.

- Uma noite, **há uns meses atrás**, um disco voador pousou bem no meio da fábrica. (pág. 45)

Note-se, por fim, que o registo oral é também transcrito pela pontuação. De facto, tal como podemos observar no texto de origem, é frequente o uso de frases interrogativas e exclamativas, de reticências e de repetição dos sinais de pontuação (“!!!”).

²¹ Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-concordancia-do-verbo-doer/35662> [consultado em 18-02-2020]

Capítulo V: Outros desafios de tradução

I. Desafios de tradução decorrentes da língua de partida: o “intraduzível”

Nesta secção, veremos que existem marcas da oralidade características da língua de partida e que pretendemos manter no texto de chegada. Nestes casos, considerando que não é possível optar por uma tradução mais literal, é necessário recorrer a procedimentos de tradução que permitam produzir um texto em português que cumpra a mesma função que o texto em francês. Para tal, recorreremos à compensação de modo a contrabalançar.

Analisemos algumas dessas características da língua de partida:

- Substituição do pronome “nous” pelo pronome “on”: “On réglerà ça quando vous aurez termine votre service.” (pág. 104).
- Omissão do “ne” de negação: “J’ai pas de sou pour la peinture.” (pág. 101).
- Repetição do sujeito: “Tu crois que Dieu il a envie de te voir devenir tout maigre !” (pág. 115). Em português, a repetição imediata do sujeito através de uma retoma pronominal não constitui uma característica do registo oral.
- Repetição do complemento direto ou indireto através da partícula *en* ou *y*: “J’en veux plus d’enfants, on n’a pas d’avenir ensemble.” (pág. 112).
- Desconstrução das frases interrogativas: “C’est un bon coup ?” (pág. 119), em vez de “Est-ce un bon coup ?”/“Est-ce que c’est un bon coup ?”. Em francês oral, as frases interrogativas são construídas de maneira mais simplificada. Este fenómeno é também característico da oralidade dado que a construção padrão da forma interrogativa, a qual implica a inversão do verbo e do sujeito, eleva automaticamente o nível de língua.
- Transcrição do sotaque de Marselha: “T’i es barjo ou quoi !” (pág. 101). Não existe apenas um sotaque de Marselha, mas sim diversos sotaques de Marselha, os quais variam consoante o bairro, as origens do locutor, a classe social, etc. Segundo Gasquet-Cyrus, o sotaque de Marselha presente no texto de origem corresponde ao sotaque de Marselha “tradicional” dado que se trata do sotaque geralmente associado aos habitantes dos bairros do “Vieux-Port, l’Estaque, les Goudes, c’est-à-dire les lieux emblématiques du bord de mer...” (Gasquet-Cyrus, 2016).

O sotaque de Marselha é caracterizado pela nasalização das vogais (an, en, in, on, un) e pela *palatisation* (tch, dj) (Spini,;Trimaille, 2017: 53-78). No entanto, a característica que se destaca claramente no texto original é a pronúncia de “tu” como “t’i”.

Para além desta característica, podemos deduzir igualmente que a ausência de contração de determinadas palavras como “chui” (je suis) ou “p’tit” (petit), que poderia acentuar o caráter oral do texto, se deve ao facto de os habitantes de Marselha pronunciarem cada uma das sílabas de uma palavra.

No processo de tradução para português, o sotaque de Marselha representa uma perda inevitável dado que não é possível transpor o sotaque de Marselha para outra língua, uma vez que as sonoridades são diferentes. A ideia de optar por um sotaque de uma região portuguesa não se adequaria neste contexto já que, como vimos anteriormente, o escopo do presente trabalho é o de representar e respeitar a cultura estrangeira e o Outro.

Na tradução para português, foi feito um esforço para compensar estas perdas. No entanto, esta aspiração não foi seguida “à letra” uma vez que se pretende evitar que a “reprodução” oral do texto se torne complexa. No momento da tradução, foi tido em conta o facto de não se querer sobrecarregar o texto com marcas da oralidade de modo a facilitar a sua produção. O objetivo da tradução é transpor uma linguagem intrinsecamente ligada aos conceitos de estatuto social, região geográfica, sentido de pertença a uma comunidade, entre outros, sem cair na caricatura.

Para além disso, como vimos anteriormente, trata-se de um texto híbrido que ilustra uma fusão de registos de língua, portanto, um uso excessivo das marcas de oralidade colocaria a globalidade do texto ao nível mais baixo da hierarquia, quando o que se pretende é transmitir todas as nuances das cores do texto.

II. A tradução das referências culturais

A tradução das referências culturais constitui uma secção particularmente importante do presente trabalho de projeto, uma vez que o ensaio de tradução se baseia, essencialmente, no conceito de estrangeirização. Como veremos nos seguintes exemplos, não é possível aplicar o mesmo procedimento de tradução a todas as ocorrências de referências culturais. Como quase sempre, é necessário analisar os exemplos caso a caso e adaptar o procedimento escolhido ao contexto, à relevância da referência cultural e, sobretudo, ao nível de conhecimento do hipotético público do

filme em versão portuguesa relativamente à cultura de partida. Analisemos, então alguns exemplos relevantes.

1. Do ponto de vista do exercício de tradução, a referência ao bairro de Estaque foi abordada de várias formas. Na primeira ocorrência, optámos por especificar que Estaque é um bairro de modo a facilitar a compreensão e por colocar, em nota de rodapé, uma breve descrição geográfica para que o possível ator do texto de chegada, que apenas terá acesso ao texto, possa visualizar o cenário que vai acompanhar a história até à última cena. Destacamos, porém, duas ocorrências em que foi necessário adaptar a estratégia de tradução ao contexto. O primeiro exemplo é o seguinte:

« Mais tu as les Marseillais de l’Estaque, les Marseillais d’Emdoume, les Marseillais de la Joliette, et ainsi de suite, hein, tu me suis ? » (pág. 116)

Proposta de tradução: “Mas há os habitantes de Marselha, de Paris, de Bordéus e por aí adiante, estás a perceber?” (pág. 28)

Neste caso, optámos por recorrer à substituição dos diferentes bairros de Marselha por cidades francesas internacionalmente conhecidas. Os nomes de bairros servem apenas para ilustrar um propósito que Justin pretende tornar mais fácil de entender. Poderíamos também ter mantido os nomes dos bairros, mas sendo que não são essenciais neste contexto, foram eliminados para facilitar a leitura.

O segundo exemplo é o seguinte:

« Magali : Tout l’Estaque va sentir l’ail dès qu’on va ouvrir la bouche... » (pág. 129)

Proposta de tradução: “Magali: Vai cheirar ao alho no bairro todo cada vez que abrirmos a boca...” (pág. 42)

Neste segundo exemplo, optámos pela generalização porque o leitor já está familiarizado com o contexto e associa o simples uso de “bairro” a Estaque.

Para além de um lugar tão específico e restrito como o bairro de Estaque, existem outras referências geográficas no guião. A estratégia de tradução depende sempre do contexto, mas também, neste caso específico, do nível de conhecimento do leitor do texto de chegada em relação à geografia do país do texto de partida. Analisemos os seguintes exemplos:

« Jeannette : C’est quand même pas moi qui ai tracé la carte de France ! Sinon j’aurais mis Paris à la place d’Aix-en-Provence, hein ! » (pág. 130)

Proposta de tradução: “Jeannette: Não fui eu que criei o mapa de França! Senão tinha posto Paris mesmo aqui ao lado, né?” (pág. 43)

Neste caso, a referência cultural recai sobre a cidade de Aix-en-Provence, situada perto de Marselha.

« Monique : Remarque, ça nous aurait permis d’eliminar Aix une bonne fois pour toutes !... » (pág. 130)

Proposta de tradução: “Monique: Olha, era da maneira que isto era tudo nosso...” (pág. 43)

Assumimos que o público do texto de chegada não conhece necessariamente esta cidade e, como tal, não consegue entender plenamente as observações que são feitas. Nos dois casos, a estratégia de tradução aplicada foi a omissão, tendo sido compensada por uma perífrase que permite manter o sentido simplificando a compreensão.

Abordemos um último exemplo:

« Jeannette : Et ton amoureux y va... monter à Paris, l’année prochaine ? » (pág. 130)

Proposta de tradução: “Jeannette: E o teu namorado... também vai pra Paris pró ano?” (pág. 42)

Neste último exemplo, a referência cultural levou-nos a uma mudança de perspectiva, uma vez que como Paris fica a norte e Marselha a sul, é frequentemente utilizada a expressão “monter à Paris” que não pode ser aplicada ao leitor do texto de chegada.

2. Relativamente a cidades como Marselha ou Avinhão, trata-se de locais facilmente identificáveis pelo espectador português. Geralmente, quando uma cidade se torna facilmente reconhecível por uma cultura estrangeira, existe uma tendência para adaptar a grafia do nome da cidade. Neste caso, optámos, portanto, pela versão “aportuguesada”.
3. No que diz respeito ao partido político Front National, no ensaio de tradução, foi mantida a referência cultural porque é um partido facilmente reconhecido pelo leitor do texto de chegada. No entanto, não optámos pela nova designação do partido, Rassemblement National (Reagrupamento Nacional), uma vez que a primeira versão permanece a mais conhecida e

utilizada pelo público geral, incluindo em França. Para além disso, o respeito do contexto temporal também exige a utilização da primeira opção.

4. No texto de partida, são mencionados dois jornais: *Le Monde Diplomatique* e *L'Humanité*. O primeiro é um jornal de esquerda e o segundo é um jornal associado ao Partido Comunista. Um espectador com um conhecimento limitado da cultura francesa não iria reconhecer as afiliações destes dois jornais. No entanto, as referências culturais foram mantidas sem adicionar explicações, uma vez que o contexto visual ajuda a transmitir a intenção do realizador sendo que um dos jornais é lido e o outro é utilizado para recolher as cascas das favas e será deitado ao lixo.

III. A tradução do humor

De acordo com o Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL), o conceito de comédia consiste numa “pièce mettant en scène des personnages de condition moyenne ou basse dans un cadre quotidien et dont le dénouement est toujours heureux. Pièce destinée à faire rire.”²²

O aspeto cómico pode apresentar-se sob forma verbal ou comportamental. Entendendo o humor como um conceito subjetivo, este pode manifestar-se através de uma frase, de um gesto, de um contexto específico, etc. Partimos de uma definição simples do humor que encontramos, por exemplo, no dicionário francês CNRTL: o humor é “[une] forme d’esprit railleuse qui attire l’attention, avec détachement, sur les aspects plaisants ou insolites de la réalité”²³.

Tendo em conta que o humor comporta, geralmente, uma crítica ou uma representação disfarçada da realidade, não podemos, portanto, limitar-nos a traduzir o conteúdo gramatical e semântico; é preciso ter em conta toda a carga emocional e cultural implícita.

O tipo de humor presente em *Marius et Jeannette* é, sobretudo, baseado em elementos linguísticos. Como declara López González,

In this sense intertextual humour can be defined as a kind of humour that requires extra knowledge which belongs to a community, nation or culture. In order to “get” the joke it is not enough to understand the language in which it has been uttered;

²² <https://www.cnrtl.fr/definition/com%C3%A9die> (consultado a 20/10/2021).

²³ <https://www.cnrtl.fr/definition/humour> (consultado a 15/05/2021).

extra information is required, known as the “concept of shared knowledge” (López González, 2019: 139).

O texto humorístico é talvez dos mais difíceis de traduzir. De facto, para além de o humor estar estreitamente associado à cultura, é também um conceito inerentemente associado ao carácter pessoal de cada indivíduo, estando, na maior parte das vezes, relacionado com memórias, sentimentos, gostos e emoções pessoais.

Embora o humor tenha um carácter universal, ele é diferente em cada cultura. De facto, tanto pode consistir numa alusão a um elemento específico a determinada cultura como em processos gramaticais específicos de uma determinada língua, como é o caso dos jogos de palavras, por exemplo. É por esta razão que é essencial recriar na tradução o humor, adaptando o estilo a cada língua e cultura. Como resume Desmond, “l’humour tient pour l’essentiel dans le détournement des mots, dans les débordements des sens, dans la référence implicite : à l’actualité, aux grands hommes, aux évènements du passé, aux traditions (religieuses, politiques, sociales)” (Desmond, 2005).

Embora fosse possível, graças ao fenómeno crescente do conhecimento do Outro e das diferentes culturas, criar uma espécie de humor universal, o nosso objetivo aqui, já o dissemos, é respeitar a cultura diferente e dar o Outro na tradução tal como ele é.

A tradução do humor representa, portanto, uma dificuldade relativa ao processo de tradução dado que, tal como afirma Desmond, a tradução do humor é uma tarefa

[qui] demande beaucoup d’inventivité, de liberté d’esprit par rapport au texte et sans doute, aussi de posséder soi-même un certain sens de l’humour. La difficulté est d’autant plus grande que l’écart culturel entre langue source et langue d’arrivée est important (Desmond, 2005).

Assim, neste par de línguas, pese embora alguma proximidade, a tradução literal não é decerto a estratégia mais adequada, se queremos que a tradução cumpra efetivamente a mesma função e provoque as mesmas emoções que o texto de partida. Para tal, será necessário recorrer a outras estratégias de tradução que permitam manter o carácter humorístico do argumento.

Nos exemplos abaixo mencionados, reagrupámos alguns excertos do texto de partida em que está presente o humor e aos quais é essencial aplicar uma estratégia de tradução eficaz de modo a manter o efeito humorístico pretendido pelo realizador. Analisemos algumas situações humorísticas criadas

pelo realizador no texto de partida e veremos quais foram as estratégias de tradução encontradas de modo a produzir o mesmo efeito no texto de chegada.

Comecemos por este exemplo:

“Jeannette : Putain, je dois vous le dire en code-barre !” (pág. 104)

Proposta de tradução: “Jeannette: Caraças, mas eu falo em código de barras?” (pág. 16)

O sarcasmo de Jeannette foi transposto para o texto de chegada, dado que produz o mesmo efeito e mantém a referência à sua profissão com o “código de barras”.

Consideremos, agora o seguinte outro exemplo:

“Malek : Ho, “Coca-Cola” ! Tu viens ou tu bulles ?!” (pág. 105)

Proposta de tradução: “Malek: Ó “Coca-Cola”! Vens ou picas?” (pág. 17)

Neste caso, a vertente humorística reside na expressão “Tu viens ou tu bulles ?”, inventada por Malek. Esta expressão é uma clara referência à locução precedente na qual Malek atribui a alcunha de “Coca-Cola” à irmã. Em português, foi reaproveitada a expressão “vens ou ficas?” e a mesma foi adaptada ao contexto (com o verbo “picar”) de modo a manter a referência à bebida mencionada.

Abordemos outro exemplo em que foi adotada a estratégia da adaptação:

“Malek (à Marius) : Faut avoir son bac pour peindre ?	“Malek (para Marius): O que é que preciso pra pintar?
Marius (il regarde d’abord Jeannette) : Oui... surtout pour tapisser.	Marius (olha primeiro para Jeannette): Como assim, que é que preciso?
Malek : Quel bac ?	Malek: Que tipo de material?
Marius : Le bac pour la colle...” (pág. 107)	Marius: ‘Tão, um pincel, tinta... e muita lata.” (pág. 19)

Neste exemplo, a vertente humorística estende-se a várias falas. Assim sendo, torna-se essencial manter presente o carácter humorístico dado que a sua omissão não representa uma opção factível e o diálogo poderia até tornar-se desprovido de sentido.

A vertente humorística reside no duplo sentido do termo “bac”. De facto, em francês, “bac” corresponde ao recipiente onde se coloca a tinta para posteriormente pintar e à abreviatura de “baccalauréat”, diploma entregue aos alunos no final do décimo-segundo ano. A questão de Malek é

efetuada porque pretende saber que estudos são necessários para ser pintor. O termo é, de seguida, deformado por Marius que decide adicionar-lhe uma vertente humorística. Neste caso, o jogo de palavras criado à volta do termo “bac”, em francês, foi transposto utilizando o termo “lata”. Em português, não existindo o conceito de “baccalauréat”, a adaptação foi a estratégia mais adequada. Foi necessário encontrar um termo com duplo sentido que permitisse criar o mesmo efeito e manter o número de falas. Optámos, portanto, pelo termo “lata” que pode tanto referir-se à lata de tinta como à expressão coloquial “ter lata”.

Vejam os mais um exemplo já referido anteriormente.

“Justin : Bon, tu vas comprendre. Les Marseillais de l’Estaque, par exemple, ça serait les musulmans, ceux d’Emdoume, les chrétiens, ceux de la Joliette, les juifs... Mais c’est tous des marseillais.	“Justin: Já vais perceber. Os habitantes de Marselha, por exemplo, seriam os muçulmanos, os de Paris, os cristãos, os de Bordéus, os judeus... Mas são todos franceses.
Malek : Et vous, dans tout ça ?	Malek: E você no meio disto tudo?
Justin : Quoi, moi ?	Justin: Eu o quê?
Malek : Vous habitez où ?	Malek: De onde é que você vem?
Justin : Hè, qu’est-ce que tu veux dire ?	Justin: O que é que queres dizer com isso?
Malek : Puisque vous êtes ni musulman, ni chrétien, ni juif... Vous habitez où ? Aix-en-Provence ?” (pág. 116)	Malek: Já que não é nem muçulmano, nem cristão, nem judeu... De onde é que vem? Da Córsega?” (pág. 28)

Neste caso, tínhamos referido a omissão dos nomes dos bairros de Marselha e da cidade de Aix-en-Provence para facilitar a compreensão do texto. No entanto, é importante manter o lado humorístico até porque se trata da última fala da cena (“la chute”, em francês). Malek menciona Aix-en-Provence de modo a, tal como efetuou Justin anteriormente, criar um paralelo entre o facto de Justin ser ateu e a referência geográfica. Assim sendo, a referência de Malek a Aix-en-Provence foi substituída por uma referência à ilha da Córsega. Mantém-se, também neste caso, uma referência à cultura do texto de partida, mas opta-se por uma referência mais conhecida de modo a não causar a incompreensão do espectador. O facto de a Córsega ser uma ilha permite também manter a ideia de que Justin seria considerado por Malek como um caso isolado dado que não crê em nenhuma religião.

Neste exemplo, estamos perante um jogo de rimas criado por Caroline:

“Caroline : ... Ça, c’est sûr, qu’y’a eu ni roi, ni pape, ni président pour mettre la main au ciment...”	“Disso podem ter a certeza, que nenhum rei, nem nenhum papa, nem nenhum presidente veio aqui dar uma mão à gente...”
Dédé : Hè ! Ça rime !	Dédé: E rima e tudo!
Caroline : Quoi ?	Caroline: O quê?
Dédé : Non, rien, mais euh... ciment, président... ça rime...” (pág. 131)	Dédé: Não, nada, mas... gente, presidente... rima...” (pág. 43)

É importante manter um jogo de rimas também no texto de chegada dado que Dédé verbaliza o facto de Caroline ter pronunciado uma frase que rima. Se assim não fosse, não seria essencial manter as rimas. No entanto, foi preciso proceder a uma reformulação da frase para manter a rima e criar o mesmo efeito pretendido no texto de chegada.

De forma a manter a rima com o termo “presidente”, a expressão “mettre la main au ciment” foi substituída por “dar uma mão à gente”. Para além disso, o termo “gente”, quando utilizado como substituto da segunda pessoa do plural, reforça o carácter coloquial do texto, tal como já foi referido.

Neste último exemplo, o aspeto humorístico baseia-se no sentimento de ridículo provocado pela ignorância de Dédé:

“Dédé : Merde, Justin, merde ! Tu dis de ces frases ! Avec de ces mots !	“Dédé: Fogo, Justin, fogo! Tu dizes cada frase! E com cada palavra!
Justin : Hein ? Hein, c’est pas moi, c’est Céline qui a dit ça.	Justin: Quê? Ah, mas não fui eu que inventei, foi Céline quem disse isso.
Dédé : Quoi, Céline ma belle-soeur a dit ça ??!	Dédé: O quê? A minha cunhada Céline disse isso?!
Justin : Céline, l’homme de lettres...” (pág. 139)	Justin: Céline, o escritor...” (pág. 52)

Neste exemplo, o carácter humorístico é criado à volta do nome Céline. De facto, Justin cita o autor francês Louis-Ferdinand Céline. No entanto, Dédé mostra-se algo confuso quanto à autoria da citação e Justin, de modo a esclarecê-lo, refere-se ao autor apenas como Céline, presumindo que Dédé

entenderá a referência. Contudo, Dédé, ainda confuso, pensa então que Justin se refere à sua cunhada Céline, dado que, em França, Céline é efetivamente um nome atribuído a pessoas do sexo feminino. Ora, neste caso, não só se trata de um apelido, mas também de uma pessoa do sexo masculino. No texto de chegada, é essencial manter a confusão e o caráter humorístico. A manutenção do nome Céline em português funciona igualmente dado que, embora se trate de um nome estrangeiro, é identificável por um espectador português. O facto de que o espectador português não vai provavelmente reconhecer a referência ao autor Céline, permite também que este se identifique com Justin.

IV. A tradução das canções

Nos exemplos que se seguem, devemos ter em conta que é necessário manter a coerência gramatical, mas também, e talvez acima de tudo, a vertente estética. Não se trata, portanto, de transpor simplesmente o conteúdo de uma língua A (francês) para uma língua B (português), mas também de manter a forma sob a qual é apresentado esse conteúdo.

Neste caso, o tradutor assume um duplo papel: o de tradutor e o de criador.

Analiseemos alguns exemplos²⁴.

1. Canção de genérico

“Il pleut sur Marseille, le port rajeunit il pleut sur Marseille, Notre-Dame sourit il pleut, eh oui il pleut, le soleil se languit il pleut, beaucoup, un peu, ma ieu m’en fouti, ma ieu m’en fouti...” (pág. 101)	“Chove em Marselha, o porto rejuenesce, chove em Marselha, Notre-Dame sorri, chove, pois sim, chove, o sol desaparece, chove, muito, um pouco, ma ieu m’en fouti ²⁵ , ma ieu m’en fouti...” (pág. 12)
--	---

Comecemos por analisar a estrutura da canção. A canção é composta por locuções curtas separadas por vírgulas. A locução “Il pleut sur Marseille” que inicia a canção, é repetida no início do segundo verso. Nos seguintes versos, o verbo “chover” é repetido várias vezes: “il pleut, eh oui il pleut” e “il

²⁴ Todas as músicas presentes no guião foram traduzidas dado que, relembremos, o escopo do presente trabalho não reside na legendagem da obra cinematográfica, mas na tradução do guião.

²⁵ Expressão que significa “je m’en fous” (em PT, “não quero saber”). (Gasquet-Cyrus, 2016: 15).

pleut, beaucoup, un peu”. Todos os versos, excetuando o quarto, terminam com a sonoridade “i”. Observamos, também, uma personificação do porto, da catedral Notre-Dame e do sol, processo frequentemente utilizado em poesia, da qual se aproxima o gênero musical. No quarto verso, assistimos a uma regressão através dos advérbios “beaucoup” e “un peu”. No final da canção, é repetida uma expressão do dialeto provençal.

Neste contexto, tratando-se de uma tipologia textual semelhante à poesia, existem restrições que devem ser tidas em conta durante o processo de tradução. Estas restrições estão associadas, por um lado, à macroestrutura do texto, o qual é dividido em versos e composto por frases curtas separadas por vírgulas. Por outro lado, a tradução é também condicionada pelo uso recorrente de rimas, figuras de estilo, repetições, etc.

A primeira dificuldade encontrada durante o processo de tradução diz respeito à manutenção da rima em “i” durante a quase-totalidade do texto. A língua francesa tem a particularidade de não obrigar à pronúncia de todas as letras que constituem uma palavra. Tal permite criar uma mesma sonoridade através de sons que não se escrevem da mesma forma. Em português, não foi possível manter a sonoridade em “i” presente ao longo do texto, mas foi feito um esforço para que o primeiro e o terceiro versos rimassem, assim como o segundo e os dois últimos versos.

Quanto à expressão “ma ieu m’en fouti”, presente na última parte do texto, optámos por mantê-la em dialeto provençal de modo a respeitar esta característica da cultura de Marselha. Ainda assim, foi adicionada uma nota de rodapé de modo a explicar a referência ao ator português (expressão em dialeto de Marselha pertencente à língua occitana).

2. Canção de Justin e das crianças

<p>“Pas d’école, c’est la farandole, pas d’école, pas d’école, c’est pas marrant, oui mais c’est drôle, à tour de rôle, on rigole... pas d’école, c’est la farandole...” (pág. 110)</p>	<p>“Não há escola, vamos celebrar, não há escola, não há escola, não tem piada, mas vamos aproveitar, um de cada vez, vamos brincar, não há escola, vamos celebrar...” (pág. 22)</p>
---	--

Mais uma vez, e tal como no primeiro exemplo apresentado, estamos perante locuções curtas, rimas e repetições. Em francês, a rima é baseada no som “-ole” e a expressão “pas d’école” é repetida várias vezes ao longo da canção.

Em português, era importante manter o termo “escola” dado que está associado ao contexto, mas não foi preservada sempre a mesma rima ao longo da canção. No entanto, todos os versos que não terminam por “escola” mantêm a mesma rima em “-ar”.

Observamos, igualmente, que o substantivo “farandole” e o adjetivo “drôle” foram substituídos por verbos em português (“celebrar” e “aproveitar”). Esta mudança de classe gramatical deve-se à necessidade de manter a ritma em “-ar”.

Finalmente, a forma impessoal “c’est” utilizada em francês foi substituída pela segunda pessoa do plural em português.

3. Canção inventada por Marius

<p>“Il y a l’art et la manière... Oui ! Mais, mais, mais il y a la misère.</p> <p>Et la misère se fout de l’art et de la manière de courber l’échine... Il n’y a qu’une manière de baisser son froc. Y’a qu’une seule manière de courber l’échine baisser son froc et baisser son froc baisser son froc...” (pág. 136)</p>	<p>“Há a teoria e a prática... Sim! Mas, mas, mas também há a miséria.</p> <p>E a miséria está-se a lixar Prá teoria e prá prática De dobrar as costas... Só há uma maneira De mostrar o cu. Só há uma maneira De dobrar as costas Mostrar o cu E mostrar o cu Mostrar o cu” (pág. 49)</p>
--	--

Neste último exemplo, foi aplicada com mais frequência a estratégia da tradução literal, contrariamente aos dois exemplos precedentes. Esta escolha reside no facto de se tratar de uma canção que não existe e que foi totalmente inventada por Marius quando este se encontrava num estado de embriaguez avançada. Portanto, tendo isto em conta, é natural que a canção não faça muito sentido e que exista alguma incoerência no que diz respeito ao conteúdo e à estética do texto.

Neste sentido, foi mantida a repetição da conjunção “mas” na segunda linha de modo a ilustrar a hesitação e a dificuldade de expressão relativas ao estado de Marius.

Notamos, apesar de tudo, que Marius utiliza na sua canção locuções pertencentes a um registo mais elevado do que o registo oral. Como podemos observar, “a teoria e a prática” correspondem a “l’art et la manière” no texto de chegada. Ou ainda, o simples facto de “dobrar as costas” era inicialmente ilustrado em francês pela expressão “courber l’échine”. Através do uso de tais expressões, as quais podem ser atribuídas a um registo mais elevado, cria-se também uma declinação no registo da canção. De facto, esta começa por um registo mais elevado para terminar com um registo coloquial através do termo “froc” (termo coloquial que designa umas calças).

Em português, foi mantida a mesma intenção, uma vez que o uso do termo “cu” (preferida a “rabo” ou “traseiro”, por exemplo), marca um contraste de registos com os demais versos. A escolha deste termo implicou, igualmente, uma reformulação do verso através da adoção de uma perspectiva diferente. Com efeito, em francês o foco situa-se no ato de baixar as calças (“baisser son froc”) e em português na consequência desse mesmo ato (“mostrar o cu”).

Tal como pudemos observar nos exemplos acima mencionados, por vezes, o foco é mantido na estética e no aspeto criativo do texto e, outras vezes, é necessário desconstruir essa “beleza” e focar-se no conteúdo. Tal como vimos anteriormente, é, portanto, necessário analisar cada exemplo de maneira individual e optar pela estratégia de tradução mais adequada ao contexto em questão. De facto, foi necessário distanciarmo-nos do texto escrito e descodificarmos as intenções das personagens tais como a ironia, a surpresa, a desilusão, o sarcasmo, etc. A identificação da intenção da personagem e da carga emocional que acompanha o texto permite produzir uma tradução mais próxima ao texto de partida. O discurso das personagens é esclarecido através da pontuação utilizada, da descrição do comportamento gestual e do contexto fornecido pelas indicações, entre outros. Cabe ao tradutor identificar as emoções associadas a cada personagem e perceber que mensagem pretende transmitir o realizador através destas personagens de bairro. Cabe, pois, ao tradutor o papel essencial de interpretar o texto de partida, para lá do que está escrito, e de transpor o efeito pretendido no texto de chegada.

Conclusão

A análise do guião *Marius et Jeannette* fez-nos perceber que esta, aparentemente simples, história de amor serve apenas de pretexto para o realizador Robert Guédiguian abordar temas mais sérios que o preocupam e para os quais pretende sensibilizar a população de todas as classes sociais. Tendo isto em conta, era essencial mantermos vivos, através da abordagem da estrangeirização, o espírito do bairro de Estaque, as personalidades dos seus habitantes, as cores de Marselha, a luta política, as dificuldades económicas e o combate por uma vida melhor.

Para além do aspeto cultural, era também importante ter em conta a vertente linguística e sobretudo as características do guião, que representaram os principais desafios de tradução. Do registo oral, surgiram inúmeras questões linguísticas para as quais tentámos procurar uma resposta. Tendo em conta que o registo oral é muito mais rico e diversificado na língua francesa, foi preciso recorrer a várias estratégias e procedimentos para criar um estilo de língua semelhante e que cumprisse o mesmo objetivo no texto de chegada.

Como vimos ao longo do presente projeto, os principais desafios foram enfrentados analisando o contexto, a personagem, o escopo de ambos os textos, o hipotético público português, a tipologia textual, etc.

Recorrendo, na nossa análise, às diferentes estratégias e aos procedimentos de tradução estabelecidos por Vinay e Darbelnet, pensamos ter fundamentado e comentado pertinentemente o que foi o nosso “modo de traduzir” um texto que, de alguma forma, “reescrevemos” e que resultou de um esforço permanente por tentar recriar esse original numa outra língua, dando assim ao público-alvo, um texto de chegada que cumprisse o mesmo objetivo que o texto de partida, do ponto de vista estrutural e linguístico, sem nunca esquecer a importância do Estrangeiro e da sua cultura que era obrigatório trazer e tornar presente na tradução.

Bibliografia

Blanche-Benveniste, Claire (1997) *Approches de la langue parlée en français*. Paris: Ophrys

Byrne, Emma (2018) *Swearing Is Good for You – The Amazing Science of Bad Language*. W. Norton & Company

Castro, Ruy (2019) *Orgasmo multilíngue: Um minitratado sobre um assunto em que todos pensam falar a mesma língua*. Acedido em 18/02/2020, em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/orgasmo-multilingue/3854>

Ceia, Carlos (2009, 24 de dezembro) “Guião” E-Dicionário de Termos Literários, <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/guiao/> [14 de janeiro de 2020]

Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – *comédie* no CNRTL [em linha]. [consultado a 20 de outubro de 2021]. Disponível em <https://www.cnrtl.fr/definition/com%C3%A9die>

Cunha, Celso; Cintra, Lindley (2016) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital (7ª edição)

Deckert, Mikolaj (2017) *Audiovisual Translation – Research and Use*. Nova Iorque: Peter Lang

Desmond, William Olivier (2005) *Paroles de traducteur : De la traduction comme activité jubilatoire*. Louvain-La-Neuve: Peeters.

Díaz Cintas, Jorge; Remael, Aline (2007) *Audiovisual translation: Subtitling*. Routledge

Gasquet-Cyrus, Médéric (2016) *Guide de conversation: Le marseillais pour les nuls*. Paris: Éditions First

Guédiguian, R. (2001) *Marius et Jeannette*. [DVD]

Kadiu, Silvia (2019) *Reflexive Translation Studies: Translation as Critical Reflection*. London: UCL Press

López González, Rebeca Cristina (2019) “When intertextual humour is supposed to make everyone laugh... Even after translation” in Deckert, Mikolaj *Audiovisual Translation – Research and Use*. Berlin: Peter Lang, p. 129-148

Munday, Jeremy (2014) *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações*. Lisboa: col. Diálogos em Tradução, CLP - Edições Pedagogo

Nogueira, L. (2010) *Manuais de Cinema III: Planificação e montagem*. Covilhã

Nord, Christiane (2016) “Function + Loyalty: Theology Meets Skopos” *Open Theology*

Pérez-González, Luis, editor (2019) *The Routledge Handbook of Audiovisual Translation*. Nova Iorque: Routledge

Perreault L. (1997, 6 de dezembro) Robert Guédiguian : gros plan sur une petite éclaircie. *Cinéma La Presse*, p. 2. Consultado a 15/03/2020 em: <https://numerique.banq.qc.ca/patrimoine/details/52327/2185086>

Porto Editora – *registos de língua* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consultado a 14 de janeiro de 2020]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$registos-de-lingua](https://www.infopedia.pt/$registos-de-lingua)

Ranzato, Irene, editor ; Zanotti, Serenella, editor (2018) *Linguistic and Cultural Representation in Audiovisual Translation*. Nova Iorque: Routledge

Spini, Mathilde; Trimaille, Cyril (2017) “Les significations sociales de la palatisation/affrication à Marseille : processus ségrégatifs et changement linguistique” *Langue et société*. N.º 162, 53-78

Tellier, Christine; Valois, Daniel (2006) *Constructions méconnues du français*. Montréal: Presses de l’Université de Montréal

Venuti, Lawrence (2017) *The Translator’s Invisibility – A History of Translation*. Routledge

Vinay, J. P.; Darbelnet, J. (1958) *Stylistique comparée du français et l’anglais*. Montréal: Beauchemin.

Anexos

Anexo 1.

Robert Guediquian
Marius et Jeannette
(Scénario, 1997)

0. GÉNÉRIQUE –

Port de Marseille. Un globe terrestre flotte sur l'eau et rentre au port sur la chanson :
"Il pleut sur Marseille, le port rajeunit
il pleut sur Marseille, Notre-Dame sourit
il pleut, eh oui il pleut, le soleil se languit
il pleut, beaucoup, un peu,
ma ieu m'en fouti,
ma ieu m'en fouti... "

Au fond de l'eau, un panneau de l'Estaque indique la direction que suit le globe.

1. CIMENTERIE - EXT. JOUR –

Des engins démolissent une usine, arrachent la ferraille comme on étripé un lapin... Sous le regard de Marius, la quarantaine, en salopette rouge, un fusé à lunette à la main. C'est le vigile de cette ancienne cimenterie, longée par une voie ferrée. Au loin on aperçoit un bout de mer.

Jeannette s'agrippe à des tuyaux et escalade. C'est une femme de quarante ans, vêtue en jeans (pantalon et blouson). Elle s'approche d'un amoncellement de pots de peinture de vingt kilos, plus ou moins en train de rouiller. Elle en prend un dans chaque main....

Jeannette : Putain, je me ruine le dos...

Une voix : Hè ! Là-bas ! Arrête-toi !

Jeannette : Merde ! Y'manquait plus que ça. Un gardien !

Elle pose les pots et attend. Marius s'approche dans son dos, le fusil toujours à la main, boitant de la jambe droite.

Elle se retourne.

Jeannette : Ma maison va tomber en ruine si je mets pas une couche de blanc sur les murs, elle est fermée depuis six mois cette usine, tout le monde les a oubliés ces malheureux pots de peinture. Si je les prends pas, ils vont pourrir sur place !... Tu pourrais me les donner ?

Marius : Mais elle est barjo. T'i'es barjo ou quoi ! Tu crois qu'ils sont à moi ces pots de peinture? On me paye pour les garder. Donne-moi tes papiers.

Jeannette : Mes papiers !

Marius : Oui, tes papiers.

Jeannette : Et en plus, tu vas me dénoncer aux flics ! Bé, garde tes pots et lâche-moi, elle est pas à toi cette usine, tu viens de le dire ! J'ai pas de sou pour la peinture. Je vais pas aller en tôle pour ça ! Je suis pas la fille de Jean Valjean, moi. Alors, je te rends tes pots et je me barre.

Marius : Dis, arrête un peu de parler et donne-moi tes papiers, je te dis.

Jeannette lui tend son portefeuille. Il lit les papiers.

Jeannette (à voix basse) : Fasciste.

Marius : Quoi ! Qu'est-ce que t'i'as dit !

Jeannette (criant) : J'ai dit "fasciste"! T'i'es un ouvrier comme moi, non ! Qu'est-ce t'i'en as à foutre de cette peinture, merde ! Heureusement que je suis pas arabe, sinon tu m'aurais tiré dessus.

Marius : Stop ! Tais-toi ! Prends tes papiers et va-t'en, hein !...

Jeannette : Ben, c'est gent...

Marius : Chut ! Chut ! Tais-toi ! Va-t'en en silence... En silence.

Elle recule lentement.

Jeannette : Et la peinture ?

Marius : Allez, allez !

Il la regarde s'éloigner.

2. SUPERMARCHÉ - INT. JUUR –

Deux pots de peinture avancent sur le tapis roulant d'une caisse de supermarché. Jeannette est bizarrement assise derrière sa caisse. Elle est toute tordue sur son siège, et c'est en fait la seule position qui lui permet de rester assise sans avoir mal au dos.

Elle tire les pots de peinture pour les faire passer devant le rayon lumineux qui lit le code-barre... Un chef, Monsieur Ébrard, passe dans son dos et lui dit :

Monsieur Ébrard : Hè ! L'estropiée !

Jeannette se retourne.

Jeannette : C'est à moi que vous parlez, Monsieur Ébrard ?

Monsieur Ébrard : Tenez-vous droite, Jeannette.

Jeannette : J'y arrive pas. Quand je me tiens droite, j'ai mal.

Monsieur Ebrard : Ça va, ça va, vous ralentissez la caisse.

Jeannette (se mettant droite) : Aucun client ne s'est plaint. Y'a que vous, hè !

Monsieur Ebrard s'éloigne.

Jeannette (pour elle-même) : Tortionnaire !

Caissière : Jeannette, si tu continues comme ça tu vas te faire virer, fais gaffe.

Jeannette : Et qu'ils me virent ! Je les emmerde ! J'ai toujours fait mon boulot, y'a jamais eu une plainte contre moi ! Si y me virent c'est pas parce que je me tiens de traviole, c'est parce qu'y supportent pas que je ferme pas ma gueule ! Et moi je les emmerde tous ! Si je ferme ma gueule, en plus du mal au dos j'aurais l'ulcère. Et je gagne pas assez pour me payer des maladies de riches...

3. CHEZ JEANNETTE - INT. CRÉPUSCULE –

Un panoramique nous révèle l'endroit où vit Jeannette : un ensemble de maisons basses dans un vieux quartier de l'Estaque. Jeannette habite dans une de ces maisons, divisées en appartement, donnant sur une courette intérieure tout en longueur.

Assise sur le pas de sa porte, Jeannette reprise des chaussettes. Le jour décline.

Dans son dos, sa fille Magali, dix-neuf, vingt ans, de type européen, essuie la vaisselle.

Assis à table, son fils Malek fait ses devoirs. Il a dix, onze ans, de type arabe. C'est que son père était d'origine arabe.

Jeannette : Qu'est-ce que tu vas devenir? T'y arriveras jamais. Ton père, il était fort. Mais toi avec ta mauvaise santé... tu pourras jamais travailler sur un chantier.

Malek : M'am, j'ai eu quatorze...

Jeannette : Et la dernière fois, t'i'as eu dix-huit ! Quatre points en moins, ça compte, non ? Tu vas redoubler.

Malek : Mais non, on passe avec dix.

Jeannette : Tu t'en sortiras pas si t'i'as pas un bon métier, t'i'es trop faible.

Magali (muette jusqu'alors) : Maman a raison.

Jeannette : Tous les sacrifices que je fais pour lui. Je vais jamais au coiffeur, je travaille jour et nuit ! Et voilà ! Résultat : quatorze.

Malek : M'am, je suis troisième de la classe. Arrête, maintenant.

Magali : Tais-toi ! Tu vas pas engueuler ta mère, non ! Va te coucher ! Allez, va te coucher !

Jeannette : Mais il a pas mangé !

Magali : Qui dort dîne.

Jeannette : Tu veux qu'il soit malade ! Faut qu'il mange.

Jeannette range sa couture et ferme la porte.

4. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Malek et Magali terminent leur petit déjeuner.

Jeannette sort de sa chambre.

Jeannette : Allez, c'est l'heure.

Ils prennent leurs affaires et sortent. Jeannette pousse gentiment son fils, puis l'embrasse.

Jeannette : Ciao !

Jeannette et Magali s'embrassent, et Magali rejoint son frère dans la courette.

Jeannette : Dix-huit, hè ! Au moins !!!

Magali : Pense au Coca, y'en a plus.

Jeannette : Mémorisé. Travaille bien, toi aussi !

Magali : Je suis la meilleure !

Malek : En fac, y foutent rien toute la journée...

Ils sortent par le portillon qui donne sur une toute petite ruelle.

Jeannette s'avance dans la courette. On entend les rumeurs d'un couple qui s'engueule.

Jeannette fait quelques mouvements pour s'assouplir le dos. Un bruit dans la ruelle l'intrigue. Elle va ouvrir le portillon et découvre les deux pots de peinture qu'elle voulait voler dans l'usine.

Marius est là, tout beau, tout propre, bien coiffé, sans sa salopette...

Marius : Bonjour.

Elle ne répond pas, se contente de lever les yeux sur lui. Il est un peu intimidé.

Marius : J'ai demandé à mes chefs. Ils m'ont dit "deux, d'accord". Alors, voilà... De toutes manières, y viennent jamais à la cimenterie. Et y savent même pas combien il y'en a de pots de peinture.

Jeannette : Pourquoi vous faites ça ?

Marius : Je viens de vous le dire, ils sont pas à deux pots près. Puis, vous savez, de temps en temps, c'est eux qui viennent en prendre un, alors...

Ils se regardent.

Jeannette : Merci.

Marius : Non, ça va. Bon, je vous laisse.

Il s'éloigne dans la ruelle, en boitant.

Elle ne le quitte pas des yeux. Après quelques pas, il se retourne.

Marius : Au revoir.

Jeannette : Au revoir.

Elle le regarde longuement s'éloigner. Ses yeux brillent. Elle sourit et s' imagine...

5. PLAGE - EXT. JOUR –

... Sur un air de valse, un ciel jaune, un bras de mer... Comme dans un roman de la collection Harlequin... Marius court vers elle. Il ne boite plus. Il l'enlace, la soulève et la fait tourner.

Puis ils restent longuement enlacés, heureux...

6. SUPERMARCHÉ - INT. JOUR –

Monsieur Ebrard : Jeannette ! Vous rêvassez encore !

Jeannette cesse son travail et s'adresse à son chef, debout derrière elle.

Jeannette : Ça vous fatigue pas, toute la journée dans mon dos comme une ventouse, Monsieur Ebrard !

Monsieur Ebrard : Et redressez-vous ! Je ne vous le répéterai plus !

Jeannette : Si vous devez me tenir la jambe encore longtemps, je vous ferais remarquer que les clients attendent !

Monsieur Ebrard : Tenez-vous droite ! Dernier avertissement.

Jeannette : Putain, je dois vous le dire en code-barre ! On m'a pas embauchée pour faire le mannequin. Payez-moi un siège confortable et je me tiendrai droite. On a que des sièges qui ont dû appartenir à la Gestapo pour faire parler les résistants, un quart d'heure là-dessus et pas besoin de leur mettre des allumettes sous les ongles, hein, juste le cul posé là-dessus et ils dénonçaient père, mère et toute la smala !...

Les clients sont amusés par l'engueulade.

Monsieur Ebrard : On réglera ça quand vous aurez fini votre service.

Jeannette : Oui, c'est ça.

Il s'éloigne. Elle reprend son travail.

Cut

On retrouve Jeannette derrière une vitre, dans le bureau de la direction, face à Monsieur Ébrard. On n'entend pas ce qui se dit, mais visiblement la discussion est très animée.

Jeannette se fait engueuler mais gueule à son tour.

Caissière (à une autre caissière) : C'est tout ce qu'elle aura gagné à ouvrir sa grande gueule...

L'autre caissière : Justement. Si tout le monde l'aurait ouvert sa grande gueule, elle en serait pas là.

Caissière : Si c'était aussi simple, ma petite...

L'autre caissière : Bé justement, c'est trop simple.

D'un coup, on entend la voix de Jeannette dans les haut-parleurs du magasin :

Jeannette : Allez-y, camarades ! Allez-y ! Achetez , videz vos portefeuilles , consommez, consommez... Ça va créer des emplois !

Derrière la vitre, Jeannette s'est emparée du micro.

Jeannette : Achetez on vous dit ! Achetez ce qui sert à rien !...

Monsieur Ébrard se précipite et la tire en arrière pour l'éloigner du micro.

Monsieur Ebrard : Qu'est-ce que vous faites ! Qu'est-ce que vous...

Jeannette :... qui coûte plus cher, faites des crédits...

Monsieur Ébrard : Arrêtez-vous !!!

Il l'entraîne hors du bureau...

Jeannette : Plus vite que ça !... Enchaînez-vous ! Enchaînez-vous !!!

Dans le magasin, tout le monde les regarde.

Jeannette se débat...

7. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

C'est l'heure où les enfants partent à l'école.

Malek, debout sur les deux pots de peinture, appelle sa soeur :

Malek : Ho !

Magali sort, poussée par sa mère.

Jeannette : Allez !

Magali : N'oublie pas le Coca, aujourd'hui.

Jeannette : Promis, juré.

Jeannette semble heureuse, un peu trop même.

Magdi : Tu devais en acheter hier.

Jeannette : Oui, je sais, mais j'ai oublié.

Magali : N'oublie pas aujourd'hui.

Malek : Ho, "Coca-Cola"! Tu viens ou tu bulles ?!

Ils sortent. Aussitôt, le visage de Jeannette se défait, elle laisse tomber le masque de la bonne humeur et se met à pleurer.

8. CIMENTERIE - EXT. JOUR –

Jeannette est au bord du vide, dans la cimenterie. On peut se demander si elle ne va pas sauter. Marius s'approche d'elle. Après un temps, il demande.

Marius : Ça va pas ?

Jeannette : Je suis fatiguée.

Marius : Pourquoi ?

Jeannette : Je me suis fait virer.

Marius : Vous voulez pas reculer ? J'ai le vertige.

Jeannette : Oh, vous en faites pas, j'ai l'habitude de venir ici pour réfléchir et j'ai jamais sauté. C'est pas encore pour cette fois. Mon père travaillait dans cette cimenterie et quand je venais le chercher et que j'étais en avance, je me mettais ici pour regarder en bas. Un soir, j'avais neuf ans, j'ai attendu longtemps et il est jamais venu, il était mort, une conduite de vapeur avait explosé. Il avait trente-six ans. Pourquoi elle est en démolition cette cimenterie ? Ah, des raisons, doit y en avoir, mais nous on les saura jamais. Qui a pris la décision de détruire la cimenterie où est mort mon père ? À quel endroit ? À quel moment ? Et nous, on peut rien faire à ça... Pourtant on en utilise toujours du ciment, non ?

Marius : J'ai la tête qui tourne de vous voir là...

Jeannette : Vous trouvez que je radote ?

Marius : Non, non, je pensais simplement à ce que je pourrais vous dire pour vous faire sourire. Mais j'ai pas d'idée. Ah si ! Quand j'étais petit, à l'école, pour faire rire les copains, je tournais le dos à la maîtresse et je tordais ma bouche, comme ça.

Sa lèvre supérieure semble tirée par un fil invisible vers le haut, en diagonale. Tandis que la lèvre inférieure semble elle tirée vers le bas, en diagonale inverse.

Elle sourit par politesse.

Marius : Ça marche plus. Bon, et si je vous proposais de venir peindre chez vous. Je peins bien, vous savez. Je vous ferai du nickel-chrome. Et puis... je sais faire autre chose que de tirer sur des voleurs, hein...

Jeannette : C'est gentil, mais je veux pas.

, Marius : A cause de ma jambe ?

Jeannette : Ah ! Non, ça, ça ne me gêne pas. Enfin, je veux dire... C'est pas...

Marius : Vous voulez qu'on fasse la course jusqu'au parasol là-bas ?

Jeannette : Mais non !

Marius : Je vous laisse dix mètres d'avance.

Jeannette : Mais, enfin, c'est ridicule.

Marius : Vous avez peur de perdre ?

Jeannette : Mais non !

Marius : Je vous laisse vingt mètres

Jeannette : Mais enfin, je vais pas courir maintenant, là !...

Marius : Vous êtes obligée. Vous m'avez humilié.

Jeannette : Mais non, c'est...

Marius : Allez, allez... Ruez ! Si je gagne, je viens peindre chez vous.

Il la prend par le bras et l'entraîne. Elle se laisse faire. Il la met en place.
Marius : Dix mètres...

Il revient sur ses pas, en reculant d'une dizaine de mètres. Elle le regarde.

Marius : Allez. Un... deux... trois !

Elle se met à courir. Il s'élançe à son tour et a tôt fait de la rattraper. Elle s'arrête et le regarde, stupéfaite. Marius ne boite plus.

Ils se sourient.

9. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –
Marius et Jeannette sont en train de peindre.

Marius : Hè, c'est à cause de ce boulot de gardien. C'est pas que j'y tenais plus qu'à un autre boulot, mais bon, là, je me suis dit : y faut absolument que tu sois pris. Quand j'arrive, y'avait une queue ! On aurait dit que les trois millions de chômeurs y s'étaient tous donnés rendez-vous ici pour ce travail. Alors, comme ça, d'un coup, ça m'est venu à l'esprit, juste comme je rentrais à mon tour pour l'entrevue. Je me suis mis à boiter. Je me suis dit : la seule chance pour décrocher ce travail, c'est de les apitoyer. Ils allaient pas vérifier si c'était vrai ou non... Et puis, ils ont dû penser que les jours de mistral, avec ma jambe raide, je m'envolerais moins facilement.

Là, il a réussi à faire rire Jeannette.

Tout ce qui se trouvait dans la pièce qu'ils sont en train de peindre se retrouve à présent dans la courette. Malek et Magali reviennent de l'école.

Jeannette (off) : Et ça a marché ?

Ils s'arrêtent sur le seuil de la porte et regardent le chantier.

Jeannette : Je vous présente Marius, c'est lui qui nous a donné la peinture...

Malek : Et maintenant il donne un coup de main.

Magali : Bonjour.

Marius : Bonjour.

Magali ouvre le placard et ne voit pas son Coca-Cola.

Magali : T'as encore oublié, maman !

Jeannette : J'ai pas oublié, Magali, je t'expliquerai...

Malek : Je peux peindre, m'am ?

Jeannette : Va faire tes devoirs.

Malek : Oh, pour une fois...

Jeannette : Va faire tes devoirs.

Malek (à Marius) : Faut avoir son bac pour peindre ?

Marius (il regarde d'abord Jeannette) : Oui... surtout pour tapisser.

Malek : Quel bac ?

Marius : Le bac pour la colle...

Ils rient tous...

10. LA COUR - EXT. JOUR –

Justin, cheveux poivre et sel, la soixantaine passée, est assis dans un transat devant chez lui, sur une petite terrasse qui domine la courette.

Lunettes sur le nez, il est en train de lire un livre sur Gaudi.

Justin : « Güell, l'ami de Gaudi, avait fondé en dix-huit cent quatrevingt-dix-huit, une fabrique textile ainsi qu'une cité ouvrière directement attenante à ce lieu de travail. »

Caroline, la soixantaine passée également, sort de chez elle, en haut d'un escalier qui descend dans la courette, en face de chez Justin.

Caroline : Jeannette ! Jeannette !

Elle descend dans la cour.

Caroline : Jeannette ! Jeannette, t'i'as entendu !

Jeannette : Quoi ?

Caroline : À la radio ! Castro !

Jeannette : Il a cassé sa pipe ?

Jeannette s'approche.

Caroline : Mais non ! Il est chez nous. Il paraît qu'il a laissé tomber le treillis, il a mis un trois pièces à la place pour faire un numéro de charme aux grands patrons français.

Jeannette : Pour quoi faire ?

Caroline : Et parce qu'il est en train de crever, tiens ! Y veut que la France investisse chez lui. Non mais, tu te rends compte où on en est ? Dans dix ans, je te le dis, si le capitalisme s'en mêle, Cuba, ça sera exactement comme avant la révolution... Et en Russie, pareil que sous les tsars. Ils ont jeté l'enfant avec l'eau du bain.

Jeannette : Et alors ?

Caroline : Eh ben alors, ça se discute.

Jeannette : Eh ben, on en discutera demain parce qu'aujourd'hui faudrait que je trouve du boulot.

Jeannette s'en va.

Caroline : Faut réfléchir, Jeannette, il le faut.

Dans la ruelle, Jeannette croise Dédé, la quarantaine, qui revient du boulot, arborant un tee-shirt "Fier d'être Marseillais". Ils s'embrassent.

Jeannette : Salut, Dédé. Finies les nuits ?

Dédé bougonne. Il entre dans la courette tandis que Jeannette s'en va. Il traverse la courette, passe devant ses trois enfants (entre trois et dix ans).

Petit garçon : Salut Papa !

Petite nue : Salut Papa !

Il ne répond pas. Il pose ses affaires chez lui et ressort aussitôt pour s'installer dans un transat. Sa femme, Monique, même âge, se penche à la fenêtre.

Monique : Alors ? Vous la faites ? Vous vous mettez en grève ?

Dédé : Y me font chier avec leurs grèves. Quatre semaines la dernière fois, on peut même plus réparer la télé.

Monique : Putain mais Dédé, j'en ai rien à foutre de ta télé. Et de ton football aussi, j'en ai rien à foutre. Je te parle de la grève, là !

Dédé : Eh ben, moi, j'en ai rien à foutre de la grève.

Monique : Mon Dieu, mon pauvre Dédé ! Mais comment tu deviens !

Dédé : À quoi ça a servi la dernière fois, hein ?

Monique : Ça a servi à sauver la Sécurité Sociale ! Voilà à quoi ça a servi ! Putain, Dédé ! On a trois enfants ! Tu trouves que c'est pour rien ! Allez, va, va, ne fais pas grève... Va voter Front National, va !...

Dédé : Oh putain ! Tu me lâches avec ça, oui !

Monique : Quoi ! Quoi !

Dédé : Merde ! Tu vas pas me reprocher toute ma vie d'avoir voté une fois pour eux ! Une seule fois ! C'est pas...

Monique : Si !

Dédé : Tu vas pas m'emmerder toute ma vie avec ça, non !

Monique : Eh oui, je vais t'emmerder ! Et toute ta vie en plus !

Justin descend de chez lui.

Justin : Bonjour, Dédé. Oh, qu'est-ce y'a, on t'a mangé ta soupe !?

Sans répondre au bonjour de Justin, Dédé se lève...

Dédé (à sa femme) : Emmerde-moi, va, emmerde-moi !

...et s'en va. Il passe devant Justin sans un seul regard. Justin s'assoit près des gosses. Monique s'approche.

Justin : Bonjour, Monique.

Monique : Bonjour, Justin.

Justin : Oh, il a pas l'air en forme, le Dédé, hè !

Caroline s'approche à son tour.

Caroline : Bonjour, Justin.

Justin : Bonjour, Caroline.

Justin chamaille un peu les gosses.

Caroline : Ça te rappelle quand t'étais instituteur !

Justin (aux gosses) : Oh ! Et l'école ?

Monique : Eh ben, ils y vont pas, ils font grève, on veut leur supprimer une classe !

Les trois gosses se mettent à chanter :

Les gosses : Pas d'école, pas d'école... on court, on vole et on rigole...

Justin se met à danser et à chanter avec les trois gosses.

Justin et les gosses :

Pas d'école,

c'est la farandole,

pas d'école, pas d'école,

c'est pas marrant, oui mais c'est drôle,

à tour de rôle, on rigole...

pas d'école, c'est la farandole...

11. PORT AUTONOME - EXT.JOUR –

Jeannette arrive devant un bâtiment. Une femme rousse attend devant la porte.

Jeannette : Vous attendez pour l'embauche?

Femme rousse : À ton avis ?

Derrière la femme rousse, d'autres femmes font la queue. Jeannette remonte la longue file d'attente, interminable, des dizaines et des dizaines de femmes attendent.

Dans le lointain, des containers, des grues...

Et Jeannette remonte la file d'attente sans jamais en voir le bout.

12. CHEZ JEANNETTE - INT. ! EXT. JOUR –

Jeannette rentre chez elle. Elle est plus qu'énervée. Marius est là, toujours en train de peindre, l'air plutôt guilleret, il siffle O sole mio.

Elle le regarde, le visage sévère. Agressive, elle dit :

Jeannette : Tu veux faire l'amour avec moi?

Marius (surpris) : Surtout pas. Enfin... non.

Jeannette : Qu'est-ce que tu veux, alors ?

Marius : Moi ? Je veux rien. Tout va bien. Je veux rien.

Jeannette : Tu viens repeindre chez moi comme ça, pour rien, sans raison...

Marius : Oui, c'est ça, pour rien. Ça t'ennuie ?

Jeannette : Non

Marius : Ben alors... Je continue...

Jeannette : Non, tu continues pas.

Marius : Ah bon !

Jeannette : Les enfants vont rentrer. Il faut qu'ils fassent leurs devoirs. Et quand tu es là, ils foutent plus rien.

Marius : Hè, c'est pas de ma faute...

Ils se regardent.

Marius : Bon, je vais remettre en place.

Jeannette : Ça va, ça va, je vais le faire...

Marius : Comme tu veux... Tu es sûre ? Tu veux pas que je...

Jeannette : Ça va, Marius !

Dans la courette, il s'essuie les mains.

Jeannette : Bon, tu as fini !

13. CIMENTERIE - EXT. JOUR –

Jeannette passe par-dessus le portail d'entrée de la cimenterie. Marius est assis dans un vieux fauteuil en cuir, à l'ombre d'un parasol.

Jeannette s'approche, soulève un touret de bois et le porte près de Marius pour s'y asseoir. Elle enlève son blouson.

Jeannette : Pardon pour tout à l'heure. J'ai perdu l'habitude d'avoir un homme à la maison, ça fait un bail qu'on s'occupe plus de moi... Tu as des verres ?

Il se lève pour aller chercher des verres à l'intérieur. Lorsqu'il revient, elle sort d'un sac plastique une bouteille de Martini.

Jeannette : J'ai apporté ça pour qu'on fasse la paix. J'adore ça, le Martini. Elle le débouche.

Marius : Pas pour moi, merci.

Jeannette : T'i'es toujours fâché ?

Marius : Je bois pas.

Jeannette : Non ?

Marius : Non.

Jeannette : Jamais ?

Marius : Jamais. Elle se sert une bonne dose.

Jeannette : À la tienne.

Il sort un paquet de cigarettes et le présente comme on présente son verre.

Marius : A la tienne.

Puis il lui tend une cigarette. Elle refuse d'un geste.

Jeannette : Un jour, le père de Malek est parti pour acheter un paquet de cigarettes et je l'ai plus jamais revu. Sur la Cannebière, un bout d'échafaudage qui s'est défait. Il est mort sur le coup. Depuis, j'ai plus jamais retouché à une cigarette. J'ai plus jamais fait l'amour, non plus. Ça fait huit ans maintenant. Je te dis tout ça, je devrais pas, mais je te parle comme à un vrai ami. Ce qu'y a de bien avec toi, c'est que tu parles pas beaucoup... Tandis que moi.

Elle sourit.

Jeannette : Je me souviens bien comment c'était avec lui. Tandis que le père de ma fille, euh, je m'en souviens pas, peut-être parce qu'il m'a plaquée, ou qu'il faisait ça moins bien, de toutes façons y faisait ça moins bien... Tandis qu'avec le père de Malek, c'était quelque chose, ouais, c'était quelque chose. J'ai un souvenir de ça fort, il aimait ça, et on faisait ça bien...

Marius : Il vaut peut-être mieux qu'on n'essaie jamais alors.

Un temps.

Jeannette : T'i'as envie de moi, Marius ?

Marius : Ouais.

Jeannette : Quand le père de Malek est mort, Magali est venue dormir dans mon lit, parce que c'était terrible comme ça toute seule d'un coup. On aurait dit que le lit s'était transformé en une espèce d'ennemi glacial... Et ce froid, y transperce même les rêves.

Marius : Ouais, c'est vrai.

Jeannette : Tu as connu beaucoup de femmes?

Marius : Oh, comme ça...

Jeannette : Tu as vécu avec une femme? Longtemps?

Marius : Ouais.

La nuit est tombée. Jeannette est assise à la tête du lit de Marius, appuyée contre le mur. Elle dort dans cette position. Tout habillée. Marius est allongé, la tête sur les genoux de Jeannette, endormi lui aussi.

14. COURETTE - EXT. JOUR –

Le lendemain, dans la courette, Jeannette parle de ça avec ses deux voisines.

Jeannette : Qu'est-ce y me veut ce type? C'est pas possible qu'il m'aime. J'ai déjà eu deux vies. J'ai deux enfants. J'en veux plus d'enfants, on n'a pas d'avenir ensemble. Je comprends pas.

Monique : Mais vous avez quand même passé la nuit ensemble !

Jeannette : Oui, mais pas pour ce que tu crois.

Caroline : Mais vous avez pas... ?

Jeannette : Non !

Monique : Eh bé, y va pas souvent au cinéma, celui-là, hein !

Jeannette : Mais pourquoi tu dis ça ?

Monique : Eh bé, parce que maintenant, chaque fois que tu vas au cinéma, tu vois le héros qui baise l'héroïne debout... contre un mur... les pieds dans la boue... Et avec ça ils se font un pognon !...

15. COURETTE - EXT. JOUR –

Justin sort de chez lui.

Justin : Bonjour, Caroline.

Caroline est assise en haut des marches qui mènent chez elle. Elle écosse des fèves.

Caroline : Bonjour, Justin.

Justin descend dans la cour.

16. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Jeannette et Marius grattent le sol pour en enlever les tâches de peinture....

Marius siffle O sole mio. Jeannette reprend la mélodie...

17. COURETTE - EXT. JOUR –

Dans la courette, Justin s'est installé à quelques mètres de Caroline pour lire son journal, le Monde diplomatique. Caroline continue d'écosser des fèves dans le sien, l'Humanité...

Justin : C'est... des fèves fraîches ?

Caroline : Je vois pas pourquoi tu me le demandes, puisque tu le vois !

Justin : Pour parler.

Caroline : Pour parler, tu peux parler d'autre chose, non !?

Justin : Alors, tu sais que c'est un poison...

Caroline : Qué, poison. J'en ai mangé toute ma vie, est-ce que j'ai l'air d'être morte?

Justin : Ouais... Eh bé, moi, j'avais un ami avec qui on mangeait des fèves, il en est mort.

Caroline : C'est toi qui les avais cuisinées, pardi !

Justin : Quelques heures après qu'on les a mangées, il est devenu tout jaune, son sang s'est empoisonné, ses globules rouges ont diminué de plus en plus, il avait de la fièvre, des vertiges... Et après, c'est selon les gens, hein ! Y'a ceux qui se rétablissent en deux, trois jours, et puis y'en a qui se rétablissent jamais : ils meurent soit par arrêt cardiaque, ou bien alors ils ont un problème aux reins, ils pissent de moins en moins et alors l'azote se concentre dans le sang...

Caroline : Et pourquoi tu me parles de ça ?

Justin : Comme ça, pour parler.

Caroline : Et juste pour parler, tu m'empoisonnes ! Tu peux pas parler de la pluie et du beau temps, comme tout le monde.

Justin : Ah, ça je m'y connais pas, mais en favisme, oui.

Caroline : Hè, hè... J'avais bien compris que t'avais envie de manger, c'était pas la petite d'inventer cette histoire de poison.

Justin : Mais je n'ai rien inventé du tout, hein ! Absolument pas ! Je n'ai pas abordé cette conversation dans le but de venir manger chez toi ce soir. Ça, c'est me prêter des intentions coupables qui ne sont pas les miennes.

Caroline : Mais je te prête rien, Justin, mais on se connaît depuis quarante ans, tu peux pas me dire simplement que tu veux pas passer la soirée seul, non ! Ou alors que mes fèves te font envie. Ou je ne sais trop quoi, encore !

Justin : Quoi ! Quoi ! Quoi ! Je ne sais trop quoi ! Oh ! J'ai abordé une conversation de bon voisinage, et toi tu me prêtes des... des... je ne sais trop quoi !...

Caroline : Tu veux plus coucher avec moi?

Justin : Hè oui mais... ça... ça... ça n'a rien à voir avec les fèves !

Caroline : Tout a à voir avec tout. C'est toi qui me l'as dit un jour.

Justin : Oh oui mais... Là, quand même...

Caroline : Bon, j'ai fini. Je mange à sept heures. Si tu viens pas, je mangerai tout... et si je meurs empoisonnée, ce sera de ta faute.

Justin : Et tu les prépares comment, tes fèves?

18. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Jeannette accroche une reproduction d'un tableau de Cézanne...

19. COURETTE - EXT. NUIT –

C'est la nuit dans la courette. Dédé et Monique se disputent en voix off :

Dédé : Encore ! Encore tu me reproches ça !
Monique : Oui, je te le reproche encore et je te le reprocherai toute ta vie !
Dédé : Putain, c'est pas possible ça !
Monique : Ça, c'est pas des choses qu'on pardonne !
Dédé : Je commence à en avoir marre, hein !
Monique : Enfin ! Putain ! Voter Front National même une fois dans sa vie, c'est impardonnable, quand est-ce que tu le comprendras ça !!!
Dédé : Mais une fois, c'est rien du tout ! Mais alors !...
Monique : Une fois, c'est rien du tout ! Y'a des tas de connards qui votent une fois !!!

Sur la toute petite terrasse de Caroline, la table et les deux chaises tiennent à peine.
Justin a mis la cravate. C'est la fin du repas.

Justin : Je me souviens toujours de la première fois... Sous le grand pin, hein, là-haut, à la Galline.
C'est comme si c'était hier.

Caroline : Je me souviens surtout de l'état de mon dos. Et des petites pierres qui me rentraient de partout. J'étais massacrée.

Justin : Mais euh... Euh... Si, euh.... Si on recommençait maintenant, ce serait sur ton lit, hè ! Mais si tu veux, d'abord on se marie.

Caroline : On est voisin, je te fais des fèves, c'est comme si on vivait ensemble, ça suffit, tu crois pas ?

Caroline pose sa main sur celle de Justin. Avec ferveur, Justin prend cette main et la baise.

20. CIMENTERIE - EXT. JOUR –

Les engins continuent leur oeuvre de destruction dans la cimenterie. Marius passe, en salopette rouge, avec son fusil...

Cut

Marius termine de remonter une roue sur un vélo retourné sur sa selle.

Marius : Voilà.

Le vélo appartient à un jeune.

Marius : Qu'est-ce que tu veux faire, plus tard, toi ?

Premier jeune : Footballeur.

D'autres jeunes sont là également, appuyés sur leur vélo.

Marius : Et toi ?

Deuxième jeune : Footballeur.

Marius : Ah ! Toi aussi ! Et toi ?

Troisième jeune : Footballeur.

Marius : Ah vous voulez tous être footballeurs, quoi ! Ben, c'est bien, vous avez presque l'équipe complète.

Premier jeune : Et toi, quand tu étais petit, tu voulais faire vigile ?
Marius : Quand j'étais petit... Ouais, c'est un beau métier, non ? j'ai toujours rêvé d'être vigile...
Ruez, Cantonna, ciao !...
Premier jeune : Ciao ! Merci, hè !
Les autres jeunes : Au revoir, au revoir.

Les jeunes sautent sur leur vélo et s'éloignent...

21. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Malek est assis, un livre ouvert sur les genoux.
Jeannette vient s'asseoir près de lui.

Jeannette : Mange, Malek, qu'est-ce que tu fais ?
Malek : Pas encore, c'est trop tôt.
Jeannette : Trop tôt ?
Malek : C'est pas la nuit encore.
Jeannette : Mais qu'est-ce que tu fais ?
Malek : Ramadan.
Jeannette : Quoi ?
Malek : Ramadan, maman, je peux pas manger avant la nuit.
Jeannette : Et à midi aussi, tu as fait ramadan ? T'as pas mangé ?
Malek : Oui.
Jeannette : Mais t'i'es fou ou quoi ! Tu crois que Dieu il a envie de te voir devenir tout maigre !
Malek : C'est pas Dieu, c'est Allah.
Jeannette : Quoi ?
Malek : Et Mahomet est son prophète.
Jeannette : Et moi, je suis qui, moi ? Je suis qui, moi ?
Malek : Ça n'a rien à voir, m'am !
Jeannette : Ouais, ben moi, je suis ta mère, hè ! Et puis moi, je te commande de manger ! Non mais déjà que t'i'es tout faible, tu vas me faire ramadan !

22. COURETTE - EXT. JOUR –

Dans la courette, les enfants de Dédé et Monique jouent. Pendant ce temps, Justin et Malek parlent religion.

Justin : Eh non, tu vois Malek, je peux t'en parler si tu veux, mais moi je n'y crois pas.
Malek : Non !?
Justin : Ah non. Moi je ne crois ni en Dieu, ni en Yahvé, ni en Allah, hein ! Mais je peux t'en parler.
Malek : Vas-y alors.
Justin : Hè ! Qu'est-ce que tu veux savoir ?
Malek : Ma mère elle est catholique et moi je suis musulman. Comment ça se fait ?
Justin : Là on commence pas par le plus simple, mais on va essayer quand même, hein. Ta mère et toi, vous n'êtes pas si éloignés que ça. Et pourquoi tu ris ?
Malek : Elle est juste là à côté, ma mère ! Les trois autres gosses écoutent à présent.

Justin : Non, je veux dire que vos religions ne sont pas si éloignées. C'est comme ici, les habitants de Marseille, c'est tous des marseillais, hein ! Hè oui... Mais tu as les Marseillais de l'Estaque, les Marseillais d'Emdoume, les Marseillais de la Joliette, et ainsi de suite, hein, tu me suis ?

Malek : Couci-couça...

Justin : Bon, tu vas comprendre. Les Marseillais de L'Estaque, par exemple, ça serait les musulmans, ceux d'Emdoume, les chrétiens, ceux de la Joliette, les juifs... Mais c'est tous des marseillais.

Malek : Et vous, dans tout ça ?

Justin : Quoi, moi ?

Malek : Vous habitez où ?

Justin : Hè, qu'est-ce que tu veux dire ?

Malek : Puisque vous êtes ni musulman, ni chrétien, ni juif... Vous habitez où ? Aix-en-Provence ?

23. CIMENTERIE - EXT. JOUR –

Marius, oeil gauche fermé, fusil à l'épaule, regarde au travers de la lunette. Il passe sur une voiture, une façade... Au loin la mer. Puis, une route, et des jeunes...

Aussitôt, Marius abaisse son fusil...

24. COURETTE - EXT. JOUR –

Jeannette, assise, les pieds posés sur une table, se repose.

Caroline, sur ses marches, s'occupe de ses plantes.

Monique est au portillon. On aperçoit un homme face à elle, dans la ruelle.

Monique se retourne vers ses deux amies :

Monique : Est-ce que quelqu'un est intéressé par de la lingerie féminine de grande qualité mais soldée...

Jeannette : Tu te fous de nous ?

Monique : Non, y'a un type qui vend de la lingerie féminine !

Jeannette : Y nous emmerdent même le dimanche !

Caroline : Dis-lui qu'on est à la messe !

L'homme entre dans la courette. Il est vêtu d'un polo de marin. Il tient un cartable à la main.

Monsieur Ebrard : Excusez-moi...

Jeannette le reconnaît aussitôt.

Jeannette : Monsieur Ébrard !

Caroline : Tu le connais ?

Jeannette : Si je le connais ! C'est mon chef ! Celui qui m'a fait virer !

Monsieur Ebrard : Bonjour, Jeannette. Vous voyez... quand vous le voulez, vous vous tenez droite !

Il pose son cartable sur la table.

Caroline : Tu veux que je l'assomme ?

Jeannette : Pas tout de suite.

Monsieur Ébrard : J'ai été remercié comme vous, Jeannette.

Jeannette : Non ! Ben, y'a une justice. Et maintenant vous vendez des culottes !

Monsieur Ébrard : Eh oui... Et vous savez, on a beau être patron, on n'est pas beaucoup plus payé que les caissières...

Jeannette : Mille francs, ça compte non !

Monsieur Ébrard : Neuf cent vingt et un francs, exactement.

Caroline : On va le plaindre, peuchère...

Jeannette : Et alors? Vous avez demandé une augmentation ?

Monsieur Ébrard : Pas tout à fait. J'ai voulu m'augmenter moi-même, si je puis dire... J'ai volé et j'ai été pris.

Caroline : Ah, il devient sympathique...

Jeannette : Et vous avez volé quoi, au juste, Monsieur Ébrard ?

Monsieur Ébrard : Des culottes pour ma femme.

Les trois femmes explosent de rire.

Monsieur Ébrard : Vous savez combien ça coûte une paire de culottes? Je parle pas des culottes en coton que ça devient tout flasque au bout de deux lavages, je parle d'une vraie culotte !

Caroline : En soie !

Monsieur Ébrard : En soie, oui, par exemple ! Et ma femme, elle en use ! Elle en use ! C'est qu'elle est assez forte, ma femme, ce qui fait qu'elle reste assise le plus souvent, et dans la position assise, c'est la culotte qui porte tout le poids, à cet endroit-là pour être plus précis. Et quand elle bouge, le frottement, ça fait deux mâchoires de crocodile, et la pauvre culotte entre les mâchoires, elle fait pas long feu...

Monique : Et qu'est-ce... Et qu'est-ce qu'elle fait votre femme pour rester assise comme ça toute la journée ?

Les trois femmes sont prises d'un fou rire.

Monique : J'aimerais bien, moi, pouvoir rester assise, moi !...

Monsieur Ébrard : On a quatre enfants, vous savez. Elle a pris dix kilos à chaque grossesse sans jamais les reperdre. Et elle a de la peine à rester debout. Et puis... On attend le cinquième pour dans trois mois.

Jeannette : Ah non, ça... j'aurais jamais cru ça de vous, Monsieur Ébrard !

Monsieur Ébrard : Alors, si vous pouviez me prendre quelque chose... C'est pas de la soie asiatique, vous savez ! Parce que la soie asiatique, au bout de deux lavages, elle peluche, toute soie qu'elle est !

Jeannette : Oh, vous allez pas nous faire l'article, non !

Monsieur Ébrard : C'est vrai !... Leurs vers à soie, ils doivent les nourrir autant qu'ils paient leurs ouvriers, si vous voulez mon avis !

Monique : Bon, et vous nous les montrez vos culottes ou vous nous les montrez pas maintenant !

Monsieur Ébrard : Et c'est parti !...

Il fait défiler les culottes, commençant par une rouge...

Les trois femmes : Ah ! Ouh ! Oh !

Jeannette : Ah ! Petit, petit ! Ah, grand soir !

Monsieur Ébrard : Et voilà !

Jeannette : Ah, j'aime beaucoup celle-là !

Monsieur Ébrard : Un peu plus grand...

Caroline : Plus triste...

Monique : Ouais, quoique... Mon Dédé aime bien le bleu, hè !...

Cut

Monsieur Ébrard n'est plus là. Les trois femmes sont assises autour de la table. Chacune a devant elle une petite pile de lingerie.

Monique : Ça fait deux mois qu'on met de côté pour réparer la télévision... Quand Dédé y va savoir que j'ai dépensé quatre cents francs de petites culottes !...

Jeannette : Moi je m'en fous, j'ai fait un chèque en bois !

Caroline : Oh ! C'est pas vrai !

Jeannette : Bé, une fois que tu as payé l'eau, l'électricité et le loyer, moi y me reste plus rien à la banque, hè !

Monique : Et comment tu vas faire ?

Jeannette plaque un soutien-gorge contre sa poitrine et se dandine...

Jeannette : Maintenant que j'ai le costume... me reste plus qu'à trouver le client...

25. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Dans la chambre de Jeannette, Magali essaie la lingerie.

Jeannette : Alors, ça te plaît ?

Magali : Ça me va, mais je ne sais pas si ça me plaît.

Jeannette : T'i'es belle.

Magali : Ça fait pas un peu pouffiasse ?

Jeannette : Si... mais ça te va bien. Mais non, je rigole ! Ça me fait drôle de te voir comme ça, t'i'as grandi.

Magali : Si je sors comme ça, je tombe enceinte avant d'être arrivée à l'autre bout de la rue[

Jeannette : Ça me plairait d'être grand-mère. Comment il s'appelle ton fiancé ?

Magali : Ohouh, maman !...

Jeannette : Quoi, tu peux me le dire, non !

Magali : Et toi, t'y disais tout, à ta mère ?

Jeannette : Oh, ma mère, j'accouchais de toi qu'elle croyait encore que j'étais vierge ! Garde-les, t'i'es superbe, ça te va bien. Faut pas avoir honte d'être belle, l'important c'est de savoir pour qui on l'est. Quand on sait ça...

Magali : Et toi, tu les veux pas ?

Jeannette : Garde-les je te dis...

Magali s'allonge sur le lit et pose sa tête sur les genoux de sa mère, qui lui caresse les cheveux.

26. COLLINE - EXT. AUBE –

Au petit matin, au centre d'un bâtiment en ruine, Jeannette termine de se rhabiller. Elle regarde Marius, nu, sa salopette à la main. Il s'allume une cigarette. Elle le trouve beau. Il s'aperçoit qu'elle le regarde et cela le gêne un peu.

Ils quittent la demeure en ruine, baignée d'ombre et de lumière...

27. CHEMIN - EXT. JOUR –

Ils marchent sur une petite route qui domine le vieux quartier de l'Estaque. Jeannette : Je sais rien de toi, après tout...

Marius : Ne parle pas. Il faut pas parler, il faut regarder le ciel, respirer, là...

Jeannette : Ouais, mais moi je suis curieuse, j'aimerais bien savoir quand même, hè...

Marius : Et savoir quoi? Tu sais, ce qui nous arrive nous est déjà arrivé, puis tu as été mariée, tu as eu des amoureux... Puis si on commence à se dire que ce qu'on ressent, on l'a déjà senti... Non ne parlons pas de tout ça, d'en parler tu sais ça empêche de profiter d'aujourd'hui. Non, j'aimerais que ça soit... que ça soit nouveau. Tout a déjà été fait, par nous, par d'autres... Non, il faut simplement que ça soit nouveau à chaque fois qu'on le refait, c'est tout.

Jeannette : Tu parles pas beaucoup, mais quand tu parles, tu parles bien, hein, ça me plaît, hè.

Marius : Je peux te mettre la main sur l'épaule ?

Jeannette : Ben oui, pourquoi tu me demandes ça ?

Marius : Bé, je sais pas... Mais regarde, on va rencontrer des gens. Ça devient officiel, non ?

Elle rit. La caméra s'arrête sur les toits de l'Estaque, la mer dans le lointain...

28. RUELLE - EXT. JOUR –

Dans la ruelle, Jeannette croise Monique, un panier à la main.

Monique : Tu rentres à peine ? Hè ! Me dis pas que vous vous êtes pas touchés cette fois !.

Jeannette : Je me suis régalée.

Monique : C'est un bon coup ?

Jeannette : Je te raconterai tout...

Monique : Hè ! Hè je veux plus de détails que ça !

Jeannette : Il a un joli cul, tu peux pas savoir... Une pomme.

Elle entre dans la courette.

29. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Dans la cuisine, elle se fait accueillir par sa fille :

Magali : T'as vu l'heure qu'il est ?

Jeannette : Quoi?

Magali : Où t'étais ? Malek est parti en retard pour l'école. Heureusement que je me suis réveillée.

Jeannette : Mais quelle heure il est ?

Magali : Neuf heures moins dix.

Jeannette : Mais tu vas pas en cours, ce matin ?

Magali : Je t'attendais.

Jeannette : Et pourquoi?

Magali : T'es pas rentrée de toute la nuit, maman ! T'aurais pu nous prévenir, non, c'est la moindre des choses.

Jeannette : Tu sais, c'était pas prévu.

Magali : Je m'en fous, rentre pas dans les détails, ça m'intéresse pas, moi.

Jeannette : Mais qu'est-ce que tu as ce matin ?

Magali : J'ai rien, ça va. Tu veux du café ?

Jeannette : Oui, merci.

Magali lui sert un café. Jeannette s'assoit.

Magali aussi.

Jeannette : Il a pris son petit déjeuner, ton frère?

Magali : Maman, il faut que je te dise quelque chose d'important.

Jeannette : Tu m'inquiètes.

Magali : Oui, je sais, ça va te faire de la peine.

Jeannette : Tu vas te marier !

Magali : Maman !

Jeannette : T'i'es enceinte?

Magali : Maman !

Jeannette : Hè, vas-y, parle, tu m'as jamais fait de peine, alors parle, vasy...

Magali : Je vais partir.

Jeannette : Comment, tu vas partir ! T'i'es pas bien à la maison !

Magali : Maman !...

Jeannette : Mais qu'est-ce qui va pas ? C'est... c'est à cause de Marius ?

Magali : Mais non, enfin !

Jeannette : Non, parce que tu sais, j'ai quand même le droit de rencontrer un autre homme ? Mais... Il te plaît pas ? On peut en parler, tu sais. Il t'a fait quelque chose?

Magali : Je veux faire mes études à Paris.

Jeannette : À Paris ! Non mais t'i'es folle ! T'as vu ce qui se passe à Paris !?

Magdi : Tout, il se passe tout à Paris, le théâtre... Le cinéma...

Jeannette : Ouais, tu veux aller à Paris pour faire la fête !

Magali : Mais non, je veux faire l'école de journalisme. Où tu veux que j'aille à part Paris? Et puis c'est pas la Chine ! On met même pas quatre heures en TGV !...

Jeannette : Et tu vas habiter où, à Paris ?

Magali : On prendra une chambre à deux avec Rose.

Jeannette : Elle veut faire du journalisme, Rose !?

Magafi : Non, elle veut faire du théâtre.

Jeannette : Hè ! Ça m'étonne pas d'elle.

Magafi : Pourquoi tu dis ça ?

Jeannette : Pour rien, je la connais ta Rose, elle a pas beaucoup d'épines, tu sais, elle va vite se faire cueillir...

30. COURETTE - EXT. JOUR –

Caroline, assise sur ses marches, raconte à Jeannette et Monique :

Monique : Moi en 44... j'avais quatorze ans, mais tu sais, deux mois de camp et tu prenais facilement dix ans de plus... Les hommes et les femmes, ils étaient séparés, mais enfin tout de même, de temps en temps on en croisait quelques-uns, on avait la chance de pas être juif en plus, parce que les juifs ils avaient pas le temps de s'installer, y faisaient que passer, mais nous on était des cocos, y'avait pas la même urgence à nous exterminer, ça fait qu'on a pris nos habitudes, et parmi ces habitudes... on couchait. Faire l'amour, ça nous rendait plus fortes, c'est comme de rêver, personne peut te le prendre, ça, personne pouvait nous empêcher de faire l'amour, fallait pas se faire voir, c'est tout... Mais on faisait ça n'importe où, souvent dans la boue, debout... contre quelque chose, même parfois les barbelés, il suffisait de jeter une couverture contre... le jour, la nuit, dès qu'on avait une occasion, le tout c'était de pas tomber enceinte, parce qu'alors là tu devenais moins forte, du coup, et les moins forts, ils sont pas revenus. Nous, on faisait l'amour pour le plaisir... Pour se prouver qu'il nous restait au moins cette liberté.

Elle se lève et monte chez elle.

Caroline : Je suis sûre que sans ça, j'aurais baissé les bras, j'y serais restée, moi aussi.

Elle rentre et claque la porte dans son dos.

31. CIMENTERIE - EXT. NUIT –

Marius est installé dans son fauteuil, il regarde la télévision.

Jeannette (off) : Marius ! Oh ! Marius !...

Marius : Qui c'est?

Jeannette (off) : Comment ça, qui c'est ? Tu me reconnais pas ? C'est moi !

Marius : Bé oui, mais je m'attendais pas à te voir...

Jeannette : Ouais... T'es sourd comme un pot ! (Elle entre dans le cadre.) Si ça continue faudra que tu prennes un chien de garde pour te prévenir. (Elle s'assoit sur le bras du fauteuil.) J'ai à te parler. (Elle montre le fusil, appuyé contre l'autre bras du fauteuil.) C'est pour les fantômes?

Marius : Non. Contre les fantômes, je mets la télé. Les fantômes, ils ont peur des chaînes de télévision. Alors, qu'est-ce que tu es venue me dire ?

Jeannette : Euh oui... Voilà, écoute, euh... Je crois que... On sait pas trop où on a mis les pieds, tu vois? On... est allés trop vite, on n'a plus vingt ans, j'ai... une fille, un fils, euh... j'ai eu deux hommes dans ma vie...

Marius (plaisantant sans en avoir envie) : Et alors, jamais deux sans trois, non ?

Jeannette : Non, écoute, c'est pas si simple. Il faut réfléchir. On n'a pas réfléchi. Ça nous ferait du bien de... de réfléchir.

Marius : Ouais, c'est ça, j'ai compris, il faut réfléchir. Il prend le canon du fusil et le plaque contre sa gorge.

Jeannette : Mais tu es fou, non !

Elle écarte le fusil.

Marius : J'ai jamais mis de cartouche...

Elle l'attrape par la main et le tire.

Jeannette : Bon, écoute... Allez, viens maintenant.

Marius : Et où on va ?

Jeannette : Tais-toi et viens.

Marius : Et mon travail ?

Jeannette : Eh bien, y'a la télé, non ! Allez, viens !

32. CHEZ JEANNETTE - EXT. INT. NUIT –

Malek et Magali regardent la télévision.

Jeannette pousse Marius à l'intérieur et se plante devant la télévision, face à ses enfants.

Jeannette : Qu'est-ce que vous pensez de Marius?

Un long silence.

Jeannette : Et alors ?

Magali est gênée de parler de Marius en sa présence.

Magali : Enfin, maman...

Jeannette : J'ai décidé que... Malek se lève, va prendre Marius par la main et l'entraîne.

Malek : Viens voir le film avec nous, Marius.

Marius le suit. Il s'assied face à la télévision.

Marius : Jeannette, pousse-toi, je vois rien.

Un peu dépassée par les événements, Jeannette vient s'asseoir avec eux.

33. COURETTE - EXT. JOUR –

Marius fait faire une dictée à Malek. En off, Jeannette siffle et chantonne O sole mio.

Marius : "... Mais pas renoncer." Point, fermer les guillemets. Bon, fais attention, je relis.

Malek : Attends !

Marius : Alors... " Comme les larmes... "

Marius : Attends, j'ai pas fini encore !

Marius, impatient, attend, puis relit.

Marius : "Comme les larmes montent aux yeux puis naissent et se pressent, les mots font de même. Nous devons seulement les empêcher de s'écraser comme les larmes, ou de les refouler au plus profond. Un lit en premier les accueille : les mots rayonnent. Un poème va bientôt se former, il pourra, par les nuits étoilées, courir le monde, ou consoler les yeux rougis. Mais pas renoncer." Relis.

34. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Marius, Jeannette, Magali et Malek sont à table.

Magali (à Marius) :... Pas journaliste pour passer à la télé, non. Tu gagnes plus de fric, mais ça m'intéresse pas. Les journaux, la presse écrite, ça c'est du vrai travail d'investigation.

Jeannette s'échine à faire remonter vers le bouchon, à l'aide du manche d'un couteau, le peu qu'il reste de coulis dans un tube de tomate...

Marius : Ouais, ça c'est bien, ouais. (A Malek.) Et toi, qu'est-ce que tu veux faire ? Footballeur ?

Malek : T'i'es fou, c'est trop fatigant ! Avocat, parce que j'aime parler...

Marius sourit et lui fait un clin d'oeil.

Marius : Bon.

Jeannette : C'est l'heure ?

Marius : Hè ouais, va falloir y aller, hè... Allez, ciao les petits.

Il se lève et sort.

Magali : Marius, attends.

35. COURETTE - EXT. NUIT –

Elle le rejoint dans la courette et lui tend un petit paquet.

Magali : Tiens, c'est pour toi, une surprise...

36. CIMENTERIE - EXT. NUIT –

Marius défait le cadeau de Magali. C'est une cassette de Pavarotti. Il chante O sole mie...

37. CIMENTERIE - EXT. JOUR –

Sur la chanson...

Marius s'approche du tas de pots de peinture, son fusil à la main. Puis il se dirige vers un engin. Il croise deux hommes et serre la main de celui qui semble être un contremaître ou le chef du chantier.

Marius marche droit vers l'engin, immobilisé sur ses chenilles. Lorsqu'il n'est plus qu'à quelques mètres, l'engin se met en branle et avance sur lui. Marius s'arrête et fait demi-tour, il regarde autour de lui et semble heureux de tout.

38. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Jeannette fait la vaisselle.

Magali et Malek viennent, l'un en pyjama, l'autre en chemise de nuit, l'embrasser.

39. COURETTE - EXT. SOIR –

Dans la courette, Monique à sa fenêtre appelle Jeannette.

Monique : Jeannette ! Jeannette !

Jeannette : Oh, qu'est-ce y'a ?

Jeannette sort de chez elle et s'approche de Monique.

Monique : Dédé est pas rentré.

Puis, aussitôt, c'est Caroline qui arrive.

Caroline : Qu'est-ce qui se passe ?

Monique : C'est Dédé, il est pas rentré. Il est pas venu souper, c'est pas son habitude ça quand même... Maintenant, il commence à se faire tard...

Justin entre en cadre et s'approche des femmes.

Jeannette : Mais il est parti où ?

Monique : Eh bé je sais pas, on s'est un peu disputé et pfruit, il a filé...

Justin : C'est Dédé?

Caroline : Eh oui !

Monique : Eh oui c'est Dédé. Il est pas rentré, ça m'inquiète...

Jeannette : C'est pas encore à cause des petites culottes, tout de même !

Monique : Non ! Pour se bouffer le nez, c'est pas les raisons qui nous manquent, hein !

Caroline : Vous en inventez pas, des fois ?

Le téléphone sonne chez Monique.

Jeannette : Hè, ça, c'est lui !

Monique : Qui ?

Jeannette : Ton téléphone, là ! C'est Dédé, ça !

Monique : Mais il va me réveiller les petits, cet idiot !

Elle se précipite chez elle.

Caroline : Oh, c'est deux-là !

Monique (off au téléphone) : allô ! Oui, c'est toi, et où tu es ?

Caroline : Tu as entendu aux informations ?

Jeannette : Quoi?

Caroline : Le pape vient de demander ouvertement à tous les curés d'utiliser des préservatifs pour troncher leurs bonnes !

Jeannette : C'est pas vrai !

Caroline (pliée en deux de rire) : Eh non, c'est pas vrai !

Justin : Chut, chut, taisez-vous, taisez-vous. Écoutez...

Dans le silence, ils entendent Monique qui rit.

Jeannette : Hé, bé, je le savais, c'est Dédé.

Monique apparaît à nouveau à sa fenêtre, prise d'un fou rire, qui se communique aussitôt aux autres...

Monique : Et pourquoi vous riez, vous ?
Caroline : Et pourquoi on rit !
Justin : Et c'est de te voir rire, pardi !
Monique : C'est Dédé...
Jeannette : Eh ben ça, on le savait, ouais !...
Monique : Il est à l'hôpital...
Jeannette : Quoi ! Et ça te fait rire !?!
Monique : Oui... (elle rit de plus belle) Parce que... il a bu quelques verres en partant, cet idiot ! Et il est passé en rentrant dans une rue... couverte d'affiches du Front National !
Jeannette : Mais il était soûl !...
Monique : Complètement... Et y s'est mis à jeter des pierres sur les affiches...

Elle rit tellement qu'elle doit s'interrompre.

Caroline : Et alors ?
Monique : Et les pierres, elles ont rebondi et il s'en est pris une sur la tronche, paf !!!

Les trois autres à leur tour éclatent de rire...

Justin : Y va mieux ?
Monique : Attends ! Deux points de suture... Ils n'en peuvent plus de rire.

Magali pousse ses volets.

Magali : Non mais ça va pas ! Vous pouvez pas aller rire plus loin, j'ai cours moi demain !...

Et les quatre adultes redoublent de rire...

Magali : Ils sont fous ces vieux...
Monique (faisant de sa main une bosse sur son front) : Il a une...

40. MARSEILLE - EXT. JOUR –

Sur un muret, dos à la mer, Justin parle à Malek et au fils aîné de Monique.

Justin : Moi, je crois que Dieu, il existe pour ceux qui y croient, et qu'il n'existe pas pour ceux qui n'y croient pas, voilà, hein... Après, l'intégrisme, c'est autre chose, hein. L'intégrisme, c'est une affaire de classe, une affaire de pouvoir. C'est les gens qui se servent de la religion comme moyen d'opprimer les plus faibles, d'exploiter les plus pauvres. Et alors là je parle pas seulement des musulmans, hein ! Vous m'avez compris, hein ? Et puis, un intégriste, c'est quelqu'un qui veut que tout le monde pense comme lui. C'est comme un daltonien qui voudrait te convaincre que le rouge est vert parce que pour lui le rouge effectivement il est vert. Et c'est même encore pire, parce que les daltoniens, y voient tout en gris. Eh ben, les intégristes, c'est pareil, hè ! Ils croient que les couleurs ça n'existe pas et y veulent que tout le monde voit la même chose qu'eux, sinon, couic, hein !... C'est les daltoniens de la religion, voilà ! Y t'expliquent par exemple que Dieu, il a une barbe comme ça, des grands cheveux blancs... Et si toi, par malheur, tu penses que Dieu il est chauve, hein ! Couic !!! Tu as pas le droit de penser ça, c'est eux qui savent pour toi, hein ! Comme si Dieu il les recevait

chez lui une fois par semaine... Hè, hè, ah... Vaï ! Tu sais, Malek, tu crois que Dieu il a pas eu le temps de changer plusieurs fois de coupes de cheveux depuis que... Que, enfin, bon, hein !... Non, mais tu sais parfois je me dis : admettons que Dieu il existe, et pourquoi pas, hè ! Un être supra-intelligent qui vivrait quelque part où même notre imagination ne pourrait pas nous conduire. Pourquoi pas. Et alors, tu crois qu'un Dieu comme ça y va se préoccuper de savoir si tu manges du cochon ! Si tu as fait tes prières ! Ou si tu te touches la quiquette !!! Hè ! Oh ! Eh non !!! C'est des préoccupations humaines, ça, c'est petit, ça, y s'en fout, Dieu !!! Qu'on croit à son existence ou qu'on y croit pas, moi je crois qu'il s'en fout, hein ! Ce qui l'intéresse, c'est qu'on vive en paix tous ensemble et qu'on arrête de se bouffer le nez, putain, oh !!!

41. COURETTE - EXT. JouR –

Dédé est seul dans la courette, un pansement sur le front. Il lit, allongé sur une chaise longue, Pif le chien...

On entend des rires provenant de chez Caroline.

Des rires qui font un raffut du tonnerre.

Jeannette vient s'asseoir près de lui.

Jeannette : Ça va Dédé ?

Dédé : Eh non, ça va pas, j'arrive pas à me concentrer.

Jeannette : Hè, c'est les points, ça te tire, t'i'as mal à la tête ?

Dédé : Mais non, c'est elles !... Ça fait plus d'une heure que ça dure !

Il indique l'appartement de Caroline.

Jeannette : Mais qu'est-ce y'a ?

Dédé : C'est Caroline qui reçoit ses copines de déportation. Plus c'est vieux, plus ça garde le moral, plus ça a souffert et plus ça aime la vie... Pour te dire, nous on est plus jeunes, mais on est plus cons... Et j'ai bien peur qu'on finisse encore plus vieux et encore plus cons...

42. RESTAURANT - INT. NUIT –

Dans un parc, une passerelle enjambe un plan d'eau. Un père et son enfant jettent du pain aux canards.

On surprend une conversation qui commence off:

L'homme : Tu sais, je suis vraiment embêté, j'ai un contrat qui pèse 900 KF et je crois que je vais rien pouvoir en faire...

La femme : Pourquoi tu ne l'escomptes pas ? Daillyse-le !

L'homme : Parce que c'est un contrat européen !

La femme : Et alors ?

Un zoom arrière nous permet de découvrir que la conversation se tient à la terrasse d'un restaurant, à la table voisine de celle où sont assis Marius et Jeannette, plongés dans la lecture du menu.

L'homme : Et alors, la loi Dailly française ne s'appuie pas sur les contrats européens. En plus t'as des problèmes de couverture de change, enfin c'est très pénible...

La femme : Pourquoi tu t'appuies pas sur la COFACE? Ils font des relais de trésorerie pour l'exportation !

L'homme : Tu veux dire que ton système me permet de contre-garantir la valeur papier du contrat, d'aller voir mon banquier qui va me l'escompter ?

Jeannette et Marius, tournent la tête vers l'homme et la femme qui parlent ainsi.

La femme : Bien sûr !

L'homme : Et c'est à quel prix, ça ?

La femme : C'est pas excessif, compte tenu du risque, deux à trois points au-dessus de ton taux Dailly. Quelle est la valeur de ton taux Dailly? Tu dois pouvoir escompter à onze pour cent, hors les frais, ce qui est le coût financier classique à l'exportation...

Jeannette tourne les pages de son menu.

Jeannette : C'est gratuit ? J'ai pas de prix.

Marius : Tu as la carte réservée aux femmes.

Jeannette : C'est toi qui as les prix. Fais-moi voir.

Marius : Mais non, ça ne te regarde pas, c'est moi qui t'invite.

Jeannette : Oui mais moi, je peux pas choisir si je sais pas combien ça coûte !

Marius : Mais prends ce qui te fait plaisir.

Jeannette : Bé, ce qui me fait plaisir surtout c'est que c'est pas trop cher.

Marius : Écoute, si c'est trop cher, je t'écrase le pied.

Jeannette rit. Puis se replonge dans le menu.

Jeannette : Oui mais, j'aime tout, moi. Y'a tellement de choses !

Marius : Mais on est pas pressés, on a le temps, hè.

Jeannette : Je vais prendre comme toi.

Marius : Comme tu veux.

Jeannette pose la carte, puis prend le verre à vin, les couverts à poisson et les range sur le côté de la table.

Marius : Pas de poisson? Pas de vin ?

Jeannette : Bé oui, pourquoi tu dis ça ?

Marius (prenant les couverts) : Alors ça, c'est les couverts pour le poisson et les autres, c'est pour la viande.

Jeannette : Ah, bon !

Marius : Ça c'est le verre pour le vin et le plus grand, c'est pour l'eau.

Jeannette : Hè, tu en sais des choses, hein ! T'étais riche, avant ?

Marius : Très riche, très très riche... Surtout en hiver, dans les Alpes, j'ai fait trois saisons comme serveur...

Le serveur s'approche dans le dos de Jeannette.

Monsieur Ebrard : Bonjour monsieur, bonjour Jeannette. Vous avez choisi?

Jeannette le reconnaît.

Jeannette : Monsieur Ébrard !

Monsieur Ebrard : Bonsoir, Jeannette.

Jeannette : Merde ! Marius, c'est Monsieur Ébrard, mon chef, celui qui m'a vendu les culottes en soie...

Marius : Bonjour, monsieur.

Monsieur Ébrard : Re-bonjour. Pas asiatique, la soie !

Jeannette : Vous travaillez ici, maintenant ?

Monsieur Ébrard : Y'a pas d'avenir dans les petites culottes.

Jeannette : Et votre femme, elle a accouché ?

Monsieur Ébrard marque un temps, gêné.

Monsieur Ébrard : C'est-à-dire que je suis... plus marié.

Jeannette : oh ! vous avez divorcé...

Monsieur Ebrard : Non, je veux dire que je suis marié quand j'ai besoin d'être marié, et je le suis plus quand j'en ai plus besoin.

Jeannette : Ah, vous avez menti, vous avez jamais été marié !

Monsieur Ebrard : Menti, non. Disons que je me suis inventé une famille virtuelle, pour l'occasion. Ce qui revient au même, je vous l'accorde. On ment tous, parfois...

Il sort de sa poche un chèque, qu'il tend à Jeannette.

Monsieur Ébrard : N'est-ce pas, Jeannette ?

43. MARCHÉ - EXT. JouR –

Devant un étalage de fenouils...

Marius : Et tu prends du fenouil pour l'aïoli ?

Magali : C'est Monique qui a fait la liste. J'obéis.

Marius : Ah...

Magali (à propos de Jeannette) : Je voudrais qu'elle soit heureuse.

Marius : Ouais... Moi aussi... (il hésite) Enfin...

Magali : Elle le mérite. J'ai presque envie de dire qu'elle y a droit, que si elle avait pas sa part de bonheur, ça serait comme une injustice. Tu l'aimes ?

Marius : Ouais.

Elle lui sourit.

Magali : Je te crois.

44. CIJIENTERIE - EXT. JOUR –

Gros plan sur le mortier. Dédé tourne le pilon, Marius verse l'huile d'olive et Justin rajoute un jaune d'oeuf.

Dédé : Où elle a vu qu'on mettait du fenouil dans l'aïoli ?

Marius : Et si ça y plaît, le fenouil !

Justin : Hè ! Attention ! La vraie recette de l'aïoli, c'est des haricots verts, des carottes, des patates, du chou-fleur, oeuf dur, baccala et basta.

Dédé : Et bien sûr !...

Marius : Et vous me faites rire. Si ça lui plaît, le fenouil, on s'en fout de la recette !

Dédé : Elle a qu'à mettre des radis aussi !

Marius : Et pourquoi pas ?

Dédé : Ne me regarde pas, tu le fais tomber.

Justin : Non, tu la fais tomber?

Dédé : Quoi?

Justin : Eh ben oui, attention... Toi, toi tu dis UN aïoli, on dit pas UN aïoli, on dit UNE aïoli.

Dédé : Et moi je dis comme je veux ! Et me parle pas, tu le fais tomber !

Justin : Oh putain ! Tu vas voir, si je la monte, moi, hè ! hè ! Tu peux faire ce que tu veux autour, la danse du scalp, le grand écart... Et tu verras, elle monte !...

Dédé : Oh, les vieux, y faudrait les tuer dès la naissance, hè !

Marius : Ah, ça, ça, c'est méchant.

Dédé : Oh, c'est pour rigoler, hè !

Marius : C'est méchant.

Dédé : Hè ! C'est pour rigoler !

Marius : C'est méchant.

Justin : Attention ! Tu le coules !

Marius : Oh ! Tourne, tourne !!!

Dédé : Hè ! Je tourne, j'arrête pas, bon !

Justin : Attention ! Et toi, c'est pas les chutes du Niagara là que tu nous fais !!!

Marius : Tu veux que je te remplace ?

Dédé : Allez, verse ! (off, presque inaudible) Il en met à côté ! Mais c'est pas vrai, tu es maladroit, hè !

Un peu plus loin, Jeannette transvase du vin rouge d'un cubitainer dans un pichet, Monique écale des oeufs et Caroline s'occupe des légumes.

Monique : Il a mis au moins quinze gousses !

Jeannette : Hè, on va en manger pendant quinze jours !

Magali s'approche pour mettre la table.

Magali : Tout l'Estaque va sentir l'ail dès qu'on va ouvrir la bouche...

Caroline : Et alors ! Tu préfères l'odeur de la menthe ?

Jeannette : Elle préfère des odeurs plus raffinées.

Magali (sérieuse) : Pourquoi tu dis ça ? J'aime pas l'ail, j'ai le droit.

Monique : Hè bé ouais... Mais tu l'aimes un peu moins depuis que t'i'es à l'université !...

Caroline : C'est ton chéri qu'aime pas l'ail?

Jeannette : C'est un vampire !...

Magali (toujours sérieuse) : Tu le connais même pas.

Jeannette : Ah ! C'est pas de ma faute ! C'est toi qui as honte de l'amener à la maison.

Magali : Ça fait que deux mois que je le connais.

Caroline : Meffi. S'il aime pas l'ail, il aime pas vraiment les femmes.

Magali : Et qu'est-ce que ça a à voir ?

Jeannette : Oh, Magalil Arrête d'être sérieuse ! C'est moi qui t'ai élevée comme ça !?... On plaisante !

Magali : Eh, je le vois !

Monique : Eh bé alors, rigole !

Magali finit par sourire.

Magali : N'empêche, j'aime pas l'aïoli, et y'a que ça à manger.

Caroline : Tu mangeras du fenouil à la croque sel, ça fait pisser...

Jeannette : Et ton amoureux y va... monter à Paris, l'année prochaine ?

Magali : Non.

Jeannette : Et comment vous allez faire, alors ?

Magali : On n'est pas mariés !

Jeannette : Hè ! Je pense pas que ça va durer longtemps avec 845 kilomètres de distance?

Magali : J'ai pas dit que je voulais faire ma vie avec lui.

Jeannette : Ouh, ouh... Excuse-moi.

Caroline : Et qu'est-ce que tu veux aller faire, à Paris ?

Jeannette : Journaliste.

Caroline : Ah, bé, c'est bien, ça !

Magali : Pas pour maman.

Jeannette : Ah ! J'ai pas dit ça, j'ai dit que c'était loin. J'ai pas dit que c'était pas bien, j'ai dit c'est loin, c'est tout ce que j'ai dit, c'est loin.

Caroline : Ah ! Il en faut des journalistes issus de notre milieu, sinon ils parlent jamais de nous, ou alors de traviole...

Magali : Merci, Caroline.

Caroline : De rien, ma petite. Tu nous oublies pas, c'est tout.

Jeannette : J'ai bien le droit de dire que je trouve que Paris c'est loin, c'est quand même mon droit de dire que c'est un peu loin. C'est quand même pas moi qui ai tracé la carte de France ! Sinon j'aurais mis Paris à la place d'Aix-en-Provence, hein !

Monique : Remarque, ça nous aurait permis d'éliminer Aix une bonne fois pour toutes !...

Cut

Malek et les enfants de Monique sont montés sur un engin.

Les adultes sont à table.

Caroline : Hè ! Vous avez entendu, à la radio !

Dédé : Quoi, encore !

Caroline : Ils ont inscrit la Cité des papes au patrimoine de l'humanité.

Monique : Le Vatican !

Marius : Qué, Vatican !

Caroline : La Cité des papes, en Avignon !

Dédé : Où c'est qu'ils l'ont inscrit ?

Caroline : Oh ! Au patrimoine de l'humanité...

Dédé : L'humanité, tu veux dire que c'est les cocos qu'ont fait ça ?

Jeannette : L'humanité, andouille ! Tu sais pas ce que c'est, l'humanité !?!

Dédé : Oh, bé, si on peut plus déconner alors !...

Justin : Et alors, Caroline, l'Unesco a inscrit la Cité des papes, y faut bien la remettre sur pied, cette Cité...

Caroline : Je vois pas pourquoi c'est toujours les lieux où ont vécu les rois, les riches et les papes qu'on protège? Pourquoi ils inscrivent pas au patrimoine de l'humanité... Bé, tiens, cette cimenterie ! Elle est belle, elle est magnifique cette cimenterie !... Seulement, y'a que des pauvres comme nous qui sommes venus ici. Ça, c'est sûr, qu'y'a eu ni roi, ni pape, ni président pour mettre la main au ciment...

Dédé : Hè ! Ça rime !

Caroline : Quoi?

Dédé : Non, rien, mais euh... ciment, président... ça rime...

Les autres rient.

Justin : Et en tout cas, si je ne m'abuse, ils y ont également inscrit la Pedrera de Gaudi...

Jeannette : Quésako?

Justin : Hè, c'est un immeuble construit par Antonio Gaudi...

Caroline : Et c'est des ouvriers qui y habitaient?

Justin : Hè, hè, certainement pas des rois, hein, hè ! La Pedrera, Pedrera... Pedrera ça veut dire "carrière", une carrière, comme ici...

Caroline : Et pourquoi ils classent pas ici, alors ?

Justin : Si elle avait été construite par Gaudi, t'en fais pas qu'ils l'auraient classée...

Dédé : Qu'est-ce qu'il avait de particulier, ton Gaudi?

Justin : Hein ? Du talent.

Jeannette : Pourquoi? Les ouvriers qui travaillaient ici, ils en avaient aussi du talent...

Soudain, Marius aperçoit les gosses sur l'engin.

Il s'affole.

Marius : Oh putain ! Les gosses !

Il se lève.

Marius : Y vont tomber ! Je te dis qu'ils vont tomber !!!

Dédé : Ça va, calme-toi, Marius. C'est pas la tour Eiffel quand même !

Jeannette : Ils s'amuse, c'est tout.

Justin : Heu, heu... c'est pas bien haut... Ils se feront pas bien mal.

Malek : On s'amuse, ça va on s'amuse...

Monique : Vous montez pas sur les engins, c'est tout. Allez, allez !... Vous descendez de là ! Allez, dégagez !

Les gamins descendent.

Monique : Oui, c'est ça, allez... Mais pas là-haut, dégagez !

Caroline : Tout ça c'est politique, tout est politique.

Dédé : Oh ! Caroline ! Tu vas pas remettre le couvert !

Caroline : Mais qu'est-ce que tu crois, que la bière que tu vas boire au café, c'est pas politique? Chaque fois que tu bois de la Heineken, par exemple, qu'est-ce que tu crois que tu fais, à part prendre un peu de bide? Tu donnes un peu plus de force, de pouvoir, à Heineken. Résultat?

Heineken, la hollandaise, va racheter Fischer, la française. Résultat? Heineken va fermer des sites

de production en France, question de rentabilité. Résultat? Un peu plus de chômeurs chez nous. Tu vois? Si t'avais bu de la Fischer à la place de la Heineken, tu inversais le processus...

Dédé : Hè... J'aime que la Kronenbourg, moi.

De nouveau, c'est le rire général.

Caroline : Il est con, lui !

Justin : Qu'il est con !

Dédé : Ben quoi... Quoi, c'est vrai ! Passe-moi un cigare, va...

Caroline : Non, je le garde.

Cut

Justin et Caroline dansent une valse.

Malek change de musique et passe un rock.

Pas démontés, Justin et Caroline dansent sur le rock, aussitôt rejoints par tous les autres, enfants comme adultes...

45. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Jeannette, Malek, Magali et Marius prennent leur petit déjeuner.

Magali : Pas trop naze ?

Marius : Ouais... Tu sais, j'ai dormi toute la nuit.

Malek : Il se passe jamais rien, je comprends pas pourquoi on te paie à rien faire.

Marius : Ah, tu crois ça ! Une nuit, y'a quelques mois, une soucoupe volante, elle est venue se poser juste au milieu de la cimenterie.

Malek : Hè, ça va, tu sais depuis combien de temps je crois plus au Père Noël !

Marius : Tu crois que je mens ! ? !

Malek : Si tu mens pas, c'est que t'étais bourré !...

Marius : Je bois jamais.

Magali : Qu'est-ce qu'ils voulaient ?

Malek : Oh, t'y mets pas toi aussi, hè !

Marius : Qu'est-ce qu'ils voulaient? Ils voulaient voir le paysage. On a une vue magnifique, de la cimenterie. Chez eux, tout est plat, y'a pas de mer, pas de montagne, pas de vieille ville, tout est propre, nickel-chrome... Ils ont tous la même couleur de peau, la même taille, le même poids, la même religion... C'est pour ça que d'un point de vue scientifique y sont très avancés. Par contre, comme tout roule toujours dans l'huile, hè bé... ils s'emmerdent comme des rats morts, voilà.

Jeannette : Allez, dépêchez-vous, vous allez être en retard.

Malek et Magali se lèvent.

Malek : Salut !

Jeannette : Allez...

Marius : Ciao les petits...

Ils sortent.

Malek : Ciao les enfants !...

Marius les regardent partir par la fenêtre. Il devient soudain triste, soucieux...

46. PLAGE - EXT. JouR –

Marius, en maillot de bain, est allongé sur une serviette, Jeannette est près de lui, le visage sur son torse.

Jeannette : On est beaux, on est jeunes et on s'aime, hein !... Tu viens...

Marius : Non, vas-y, je te rejoins tout à l'heure.

Jeannette : Viens !

Marius : Non, vas-y, j'irai après.

Elle va rejoindre ses enfants. Ils s'amuse à s'arroser. Marius les observent, la même tristesse sur son visage, soulignée par les Quatre saisons de Vivaldi...

47. CHEZ JEANNETTE - INT. JOUR –

Jeannette, Malek et Magali sont assis pour leur petit déjeuner. La place de Marius est vide.

Jeannette : Allez, vous allez être en retard.

Malek : On n'attend pas Marius ?

Jeannette : Il a dû avoir un empêchement.

Magali : Allez, viens.

Malek : Il sera là ce soir ?

Magali : Oui, sûrement.

Malek se lève et sort.

Magali (à sa mère) : T'en fais pas.

Jeannette : Mais ça va, ça va...

Magali part à son tour. On les voit passer par la fenêtre.

Jeannette : Au revoir !

Magali et Malek : Au revoir !

48. CHEZ JEANNETTE - INT. SOIR –

Au repas du soir, Marius n'est toujours pas là.

Personne ne parle. Malek mange du pain.

La tête de Monique apparaît à la fenêtre.

Monique : Alors ?

Jeannette : Rien.

Monique : T'es pas montée voir ?

Jeannette : Pour quoi faire ?

Monique : Je sais pas moi, il s'est peut-être passé quelque chose...
Jeannette : Tu parles, quelque chose...
Magdi : Et oui !
Malek : Autant, c'est les extra-terrestres qui l'ont enlevé, hein...
Jeannette : Ouais, ça doit être ça, ouais...
Magali : Bon, si t'y vas pas, j'y vais, moi.
Jeannette : Toi, tu vas aller te coucher.
Monique : Et tu veux que j'y monte, moi ?
Jeannette : Personne. Il a rien. (À son fils.) Et puis toi, arrête de manger, tu manges comme quinze maintenant !
Malek : Faudrait savoir, hein !
Jeannette : Quoi !

49. COURETTE - EXT. NUIT –

La télé est allumée dans la courette.
Malek, Magali, Monique, Dédé, Caroline et Justin suivent le match de foot... Puis c'est la mi-temps.

Malek : Pourquoi Marius il vient plus la voir, ma mère ?
Dédé : Hè? (il coupe le son de la télé) Hè bé euh... Marius, euh, tu sais, une fois que la chose est faite, ça l'intéresse plus, hè...
Monique : Imbécile !
Dédé : Pourquoi tu m'insultes toujours ?
Caroline : Bé, elle a raison, t'es qu'un imbécile.
Malek : Tu veux dire parce qu'ils ont fait l'amour ?
Monique : Eh ouais, c'est ça qu'il veut dire, ça, mais c'est un âne. Il croit que tout le monde est comme lui.
Caroline : Tu devrais prendre des leçons sur Marius, justement.
Dédé : Et des leçons de quoi?
Monique : Des leçons de tendresse.
Justin : Et ouais, elles ont raison. Y doit y avoir autre chose.
Dédé : Et qu'est-ce que tu veux qu'il y ait ?
Magali : En tout cas, c'est pas nous. Moi, je lui ai parlé. Je lui ai dit que... Qu'on l'aimait beaucoup avec Malek... c'est pas à cause de nous.
Dédé : Alors? C'est quoi, vous qui êtes intelligents ? Hè, vous trouvez rien à dire. Moi, c'est peut-être con ce que je dis, mais je dis quelque chose...
Caroline : J'ai connu des muets très intelligents.
Dédé : Et ça veut dire quoi, ça ?
Monique : Hè bé ça veut dire que t'es pas muet.
Dédé : Hè, hè, hè, hè... Évidemment que je suis pas muet ! Vous maronnez parce que vous savez que j'ai raison. Y'a pas d'autres explications. C'est normal, c'est banal. Tu rencontres une nana, tu es amoureux, tu as envie de vivre avec, tu tu... et une fois que tu l'as tronchée, eh bien l'envie de vivre avec... elle est partie avec.
Monique : Et moi, alors ?
Dédé : Quoi, toi ? Mais c'est pas pareil.
Magali : Mais toi, Monique, il t'aime.
Monique : Ah ouais ! T'es gentille, Magali.

Dédé : Bon, on se la ferme maintenant parce que ça... Ça reprend la mitemps.

50. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Monique, (off) : Hè ! Jeannette ! Tu viens ! Ça recommence ! Jeannette ?

Jeannette est assise dans sa cuisine. Elle allume une cigarette...

51. CIMENTERIE - EXT. SOIR –

Jeannette monte à la cimenterie. Elle passe la tête par-dessus un muret et observe. Elle finit par apercevoir Marius. Il déambule, une bouteille à la main, ivre, oubliant même de boiter sur son lieu de travail...

Elle reste un temps, sans se faire voir, souffrant en silence, puis repart...

52. COURETTE - EXT. SOIR –

Jeannette revient. Ses deux voisines l'attendent.

Caroline : Alors ? Tu l'as vu ?

Jeannette : Ouais.

Monique : Et alors ?

Jeannette : Rien.

Caroline : Mais qu'est-ce qu'il a dit ?

Jeannette : Je viens de vous le dire : rien.

Monique : Mais il t'a pas donné une explication ?

Jeannette : On s'est pas parlés.

Caroline : Oh !

Jeannette : Je l'ai vu de loin. Il m'a pas vue.

Caroline : Mais enfin, faut qu'il te donne une explication !

Jeannette : Mais il a rien à me donner. On s'est rien promis.

Monique : Eh bien, t'es pas curieuse, hein !

Caroline : Ou alors, c'est que tu l'aimes pas autant que tu crois.

Monique : Oh, remarque, c'est peut-être mieux, comme ça tu l'oublieras plus vite.

Jeannette : Je vais rentrer, j'ai ma vaisselle à faire.

Caroline : Tu es bête, Jeannette. C'est le destin de personne d'être malheureux. Crois-moi. Quand pendant des mois on se dit tous les jours qu'on va mourir, on apprend à faire la part de ce qui est important et de ce qui ne l'est pas.

Jeannette (des larmes dans la voix) : Je vais faire ma vaisselle. J'aime pas quand ça traîne dans l'évier... C'est...

Caroline : Mais tu peux pas rester comme ça, sans savoir, ça va te miner.

Jeannette : Je vais pas me miner pour un mec qui me laisse tomber, non ! De toute façon, le père de Magali m'a déjà fait le coup. Et le père de Malek, il m'a pas averti qu'il allait se faire écrabouiller sous un échafaudage ! Alors, bon, j'ai l'habitude de pas avoir d'explication, on finit par s'y faire. Allez, bonsoir.

Elle les plante là et rentre chez elle.

Monique : Qu'est-ce qu'on fait ?

Caroline : Qu'est-ce que tu veux faire? Le bonheur des gens contre leur gré ? Regarde ce que ça a donné en U.R.S.S.

53. CIMENTERIE - EXT. NUIT –

Dédé et Justin passent par-dessus le portail de la cimenterie.

Dédé : Oh putain ! Moi le ballon, ça m'épuise. À chaque fois, ça me fait la même chose. Y perdent et moi je mets... je mets dix jours à m'en remettre, je suis épuisé.

Justin : Hè... Tu es un émotionnel, Dédé.

Dédé : Ah, tu crois? C'est ça ? Et tu as peut-être raison...

Ils découvrent Marius endormi, ivre, un cubitainer de rosé à la main, dans son fauteuil.

Dédé : Hè ben... Il a pris de l'avance, hein ! (Il veut prendre le cubitainer.) Et puis il veut pas le lâcher, hein... (Enfin il y arrive.) Si on le rattrapait un peu ?...

Justin : Volontiers.

Dédé boit longuement au "cubi" avant de le faire passer à Justin, qui le lui rendra après avoir bu.

Dédé : Merci...

54. BISTROT - INT. NUIT –

Justin et Dédé sont au comptoir d'un bistrot.

Dédé : Vous avez de la Fischer?

Barman : Ah non, Heineken ou 1664.

Dédé : Heineken, traître !!!

Justin est près de lui.

Dans la salle, Marius, complètement ivre, a défait le haut de sa salopette. Torse nu, il improvise une chanson :

Marius : Il y a l'art et la manière...

Oui ! Mais, mais, mais il y a la misère.

Et la misère se fout
de l'art et de la manière
de courber l'échine...

Il n'y a qu'une manière
de baisser son froc.

Y'a qu'une seule manière
de courber l'échine
baisser son froc

et baisser son froc
baisser son froc...

À la table où jouent quatre types, il embrasse le front d'un des joueurs.

L'homme gros : Qu'est-ce qu'il veut lui, oh ! Va-t-en, oh ! Va-t-en. Ah ! S'il te plaît, ah !

Puis il embrasse un moustachu, qui se débat.

L'homme à moustache : Tu le connais ce mec, toi?

Marius chante à un autre type :

Marius :... C'est de courber l'échine baisser son froc...

Marius baisse sa salopette et montre son cul à tous.

Marius :... baisser son froc baisser son froc !!!

Au comptoir.

Barman (à Justin) : Oh, ton collègue, il a un drôle de joli cul.

Justin (ivre) : Hein ?

Dans la salle, autour du billard.

Marius :... Et la misère se fout de l'art et de la manière...

Une voix : Hè ! Ta gueule !!!

Marius :... De baisser son froc...

Il montre une nouvelle fois son cul.

Marius :...baisser son froc !!!

Au comptoir, un petit moustachu s'adresse à Dédé.

Le petit moustachu : Après tout, c'est vrai qu'il a un beau cul !

Dédé : Il te plaît, à toi ? Si tu veux, je te le vends. À moi aussi, combien tu me donnes? Allez, vas-y ! Te dégonfle pas ! Tu te dégonfles ?

Justin (au petit moustachu) : Pour être admis dans la vie, y faut se faire enculer, tu savais pas ça, hein ! ? On est tous des pédés, c'est le fondement, hè ouais ! On est des pédés, des nègres, des arabes, des... des... des gonzesses , des juifs , des mohicans, des zapatistes !!! Et tous ceux-là, ils t'emmerdent.

Dans la salle.

Marius : Il n'y a qu'une seule manière, c'est de courber l'échine et baisser son froc !!!

L'homme à moustache : Et virez ce mec-là ! On va pas le garder vingt-cinq ans dans le bar, hè !

Marius : Qu'est-ce qu'il y a ? Qu'est-ce qu'il y a?

Au comptoir.

Dédé (au petit moustachu) : Donne-moi des sous...

Le petit moustachu : C'est un vrai bar de tantouzes, ici !

Dédé : Quoi ! J'ai pas d'argent pour faire réparer ma télé et j'ai tout fait pourtant, hein ! J'ai voté Front National, j'ai fait grève, et je veux bien me faire enculer. Allez, vas-y, te dégonfle pas, allez ! Encule-moi ! Allez, encule-moi !...

Il se retourne et offre son cul à l'homme, il le pousse même de son cul... Le client repousse Dédé, que le barman attrape par son tee-shirt.

Dédé : Et lâche-moi, viens !

Justin se saisit d'un sous-verre qu'il brise sur la tête du barman.

Soudain, un grand silence dans tout le bar. Et Marius se jette sur les clients, déclenchant une bagarre générale.

Au téléphone :

L'honnne au téléphone : Y'a bagarre, je te dis qu'il y a bagarre !!!

Dédé casse une bouteille sur le crâne du petit moustachu qui n'a pas voulu l'enculer. L'homme au téléphone se reçoit à son tour une bouteille. Un client passe au travers de l'écran de télévision. Des chaises volent, des poissons aussi, et une pieuvre...

Marius se défile à quatre pattes... Justin mord un mollet... Une bouteille se fracasse sur le crâne d'une autruche empaillée...

Une autre sur le crâne de Marius... Une troisième inonde les sertis plantureux d'un poster... Un homme est maintenu bouche ouverte sous le flot continu de la bière à la pression... Le barman oscille toujours derrière son bar, le cadre du sous-verre autour du cou...

55. PORT DE PLAISANCE - EXT. NUIT –

On les retrouve tous les trois allongés sur un ponton, entre des bateaux, penchés au-dessus de la mer... Mal en point.

Justin : Ouh...

Ils se retournent, allongés sur le dos.

Marius : Oh, putain... j'ai plus bu depuis... Dédé ricane longuement, puis se redresse sur ses coudes.

Dédé : Putain, Jeannette elle nous a dit que tu buvais jamais !...

Marius : Comment elle va ?

Justin : Bien.

Marius : Et les enfants aussi ?

Justin : Hein !

Justin se redresse à son tour.

Marius : Les enfants ?

Justin : Ouais.

Marius reste seul allongé entre les deux autres.

Marius : Quand on est soûl, on fait des confidences. Comme j'ai plus jamais bu depuis l'accident, je l'ai jamais raconté à personne. Je vais vous le dire à vous parce que... Parce que...

Justin : Parce que t'es soûl.

Marius : Ouais. J'avais deux enfants, un garçon et une fille, quatre et six ans, on les a réveillés pour partir, on était dans la famille, pour l'anniversaire de ma femme, on avait un peu bu, c'est elle qui conduisait, elle aimait bien conduire, peut-être aussi qu'elle avait moins bu que moi, je m'en souviens pas bien, ça, c'est sur une plaque de verglas qu'on est partis, et bu ou pas bu, une plaque de verglas quand tu t'y attends pas, même moi au volant j'aurais pas pu y faire grand-chose, sauf que je serais mort à sa place, là, du coup, c'est elle qui est morte, et les petits à l'arrière, ils étaient attachés mais... ça les a pas sauvés, y'a que ma place à moi qu'a pas trop été écrasée par le platane... Ouais...

Dédé : Mais, elle le sait, ça, Jeannette ?

Marius : C'est à cause des petits que je suis pas revenu. Hè, il faut du courage pour aimer des gosses, et ce courage je l'ai plus. Alors, le matin je les regardais prendre le petit déjeuner, en famille... C'est ça, la famille, les enfants ils prennent le petit déjeuner, puis ils partent à l'école, et on commence à être sûr qu'ils vont pas revenir, y'a des centaines de raisons rien que sur le trajet de l'école de pas revenir, sans compter que le soir il faut faire le trajet inverse, sans compter que même à l'école y'a des risques, on voit ça de plus en plus maintenant, ouais, les petits y partent et c'est pas sûr qu'ils reviennent, alors toute la journée tu es là, comme un con, tu essaies de te raisonner. J'ai plus le courage de ça. Des fois je les regardais, Malek et Magali, et puis... et puis c'est... c'est mes deux petits enfants morts que je voyais... Ah ça, ça je peux plus, je peux pas, ça...

Subitement, il s'endort.

Dédé : Oh, putain ! Merde !

Justin : Quoi?

Dédé : Y s'est endormi, hè...

Ils le regardent dormir, coincé entre eux deux.

Justin : Tu sais quoi, Dédé ?... Ce type... Il a plus assez de musique dans le coeur pour faire danser sa vie.

Dédé : Merde, Justin, merde ! Tu dis de ces phrases ! Avec de ces mots !

Justin : Hein ? Hein, c'est pas moi, c'est Céline qui a dit ça.

Dédé : Quoi, Céline ma belle-soeur a dit ça ??!

Justin : Céline, l'homme de lettres...

Dédé : Céline, un homme ?

Justin : Tu sais quoi, Dédé?

Dédé : On est bourrés comme des auvergnates.

Justin : Tu sais ce que c'est que... l'attachement?

Dédé : L'attachement ?

Justin : Ouais, l'attachement à quelqu'un?

Dédé : Hè bé... C'est quand on est... Quand on est attaché à quelqu'un, non ?

Justin : Justement.
Dédé : Justement, Justin.
Justin : Justement...

56. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Sans faire de bruit, Dédé et Justin entrent dans la chambre où dort Jeannette. Ils retirent le drap du dessus.

Puis ils portent Marius...

Justin : Par là...

... et l'allongent sur elle.
Jeannette se réveille.
Justin passe le drap à Dédé.

Justin : Attrape !
Jeannette : Ah ! Qu'est-ce !...

Justin bâillonne Jeannette d'une main.

Justin : Chut ! Tais-toi ! Tais-toi ! Ne crie pas, ne crie pas, tu vas réveiller tout le monde, oh ! (à Dédé) Ça va ?

Dédé, à l'aide du drap, est en train d'attacher Marius et Jeannette l'un à l'autre.

Dédé : Un attachement très fort, un attachement très fort...
Justin (à Jeannette) : Chut, ne crie pas, hein... Ils sont morts, Jeannette, les deux gosses, ils sont morts !

Jeannette se débat.

n : Mais non !...

Dédé

Justi : Chut !

Justin : Eh non, pas les tiens, pas les tiens, les tiens y dorment là à côté, alors ne fais pas de bruit, écoute, écoute Jeannette, écoute-moi, j'enlève ma main mais tu ne cries pas, hè, d'accord ?

Elle accepte d'un signe. Il enlève sa main.

Jeannette : Vieux fils de pute !

Justin : Chut !

Dédé : Il a plus assez de musique dans le coeur pour... pour faire danser sa vie.

Jeannette : Ouais, vous êtes complètement bourrés, oui !

Justin : Oui, complètement.

Jeannette : Détachez-moi !

Justin : Ne crie pas !

Dédé : Non, ne crie pas Jeannette.

Justin : On doit te dire quelque chose de très important.

Jeannette : Ouais ! Et pour me le dire il faut m'attacher !

Dédé : Écoute ce que te dit Justin !

Justin : Bon alors, écoute hein ! Écoute... C'est à cause de ses deux enfants...

Jeannette : Mes enfants ! Malek et Magali ?

Justin : Mais non ! Ses enfants, les siens pas les tiens !

Dédé : Dis-y, toi, pour sa femme.

Jeannette : Quoi !

Dédé : Pour sa femme...

Justin : Oui... Il était marié, oui, mais elle est morte et... Ils avaient deux enfants, et... y sont morts aussi...

Jeannette : Ouais, bé... je vous crois pas.

Justin : Hè putain ! c'est lui qui nous l'a dit !

Dédé : On l'a entendu de sa bouche !

Justin : Et pourquoi ils nous auraient vendu des salades ?

Jeannette : Parce que ça lui plaît qu'on s'apitoie sur son sort. C'est comme sa jambe, là, hein ! Et puis si c'était vrai pourquoi il vous l'aurait dit à vous ?... y... y me l'aurait dit à moi, quand même, non tout de même... c'est la moindre des choses !!!

Dédé : Mais il était soûl.

Jeannette : Ouais bé... C'est comme... comme ça, y, y boit jamais et... et il est soûl !...

Dédé : Mais... Eh non, mais... La preuve, tiens, c'est bien la preuve ! Y'a que ceux qui boivent jamais qui sont toujours soûls...

Justin : Ouais.

Jeannette : Ouais, bé... c'est un mythomane !

Justin et Dédé se regardent.

Jeannette : Quoi, c'est pas comme ça qu'on dit ? Quelqu'un qui se raconte des tas d'histoires, on dit pas un mythomane ?

Justin : Oui, si, si, c'est comme ça, mais.... c'est pas vrai. Il est pas mythomane, il est malheureux.

Dédé : Voilà... il a, il a juste bu deux petits verres par malheur et ça a suffi, il était parti...

Jeannette : Eh ben, il était parti, c'était tant mieux, eh ben il était parti et maintenant vous êtes allés me le ramener !

Justin fait un signe à Dédé.

Jeannette : Et puis je vous crois pas. Et puis je le crois pas non plus ! Où, où vous allez ? Revenez !

Justin et Dédé s'éclipsent.

Dans leur lit, Malek et Magali sont réveillés.

Malek : Qu'est-ce qu'elle a, maman ?

Jeannette (off) : Revenez !

Magali : Marius est revenu.

Malek : Ah, super...

Dans son lit, Jeannette finit par sourire. Elle passe une main dans les cheveux de Marius.

57. COURETTE - EXT. NUIT –

Dans la courette, Dédé est assis sous une fenêtre. Il tape au volet.

Dédé : Monique !

Monique ouvre le volet.

Monique : Tu es soûl ! Allez, décuve, tu rentreras après.

Justin, (off) : Caroline!

Monique : Oh, et l'autre là ! Po, po, po,...

Justin, (off) : Caroline ! Je t'aime !

Dédé : Hè ! Monique ! Je t'aime !

Monique : Ouais, hè bé, tu me le diras demain, hè !

Elle ferme le volet. Justin est assis sur les marches qui mènent chez Caroline.

Justin : Caroline ! (Il hurle.) Je t'aime ! (doucement) Caroline ! Caroline ! Je t'aime !

Dédé : Monique !...

58. CHAMBRE DES ENFANTS - INT. NUIT –

Dans leur lit.

Magali : Mais qu'est-ce qu'il leur prend à bramer comme ça ! C'est la saison des amours ou quoi !

Malek : Ils ont le feu au cul !

Magali : Toi, tais-toi ! Dors !

Justin, (off) : Caroline !

Malek : Comment je fais ! ? !

Magali : Allez, dors !

59. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Jeannette caresse les cheveux de Marius.

Jeannette : T'es gros, t'es lourd, tu m'écrases... Mais reste là... J'aimerais que tu sois encore plus gros, plus lourd. Je vais mourir asphyxiée, c'est bon de mourir écrasée par toi.

60. COURETTE - EXT. NUIT –

Dédé est à la même place, il s'adresse au volet clos.

Dédé : Je ferai toutes le grèves ! Promis !!! Même celles de la poste... et du train... C'est juré, oh ! Toutes ! Avec euh... les flics... les profs... les infirmières...

Justin : Bien parlé, Dédé.

Dédé : Monique !
Justin : Oh ! Caroline !
Dédé : Monique !
Justin : Caroline !
Dédé et Justin : On vous aime !...

61. CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Marius ouvre un oeil.

Marius : Oh, putain, putain... où je suis ?

Jeannette : Marius ?

Marius : Jeannette ! Qu'est-ce que tu fais ici ? Je crois que j'ai trop bu, hè !

Jeannette : Tu m'aimeras toujours? Tu m'aimeras toujours ?

Marius : Oui, toujours.

Jeannette : Et si tu rencontres une autre femme?

Marius : Je lui dirai que je suis déjà pris.

Jeannette : Et mes enfants ?

Marius : Je m'en occuperai avec toi.

Jeannette : Comme s'ils étaient à toi ?

Marius : Comme ceux que j'avais.

Jeannette : T'i'auras plus peur ?

Marius : Oui, toujours.

Jeannette : Et t'auras pas d'accident ?

Marius : Je te donnerai la main pour traverser.

Ils se sourient.

62. COURETTE - EXT. NUIT –

Dédé : Monique !

Justin : Caroline !

Dédé et Justin : On vous aime !!!

63 CHEZ JEANNETTE - INT. NUIT –

Jeannette et Marius écoutent en souriant les hurlements des deux ivrognes.

Marius : Jeannette !... Je t'aime...

63. PASSERELLE - EXT. JOUR –

Main dans la main, Marius et Jeannette s'éloignent sur une passerelle qui passe au-dessus de la ville et sous une autoroute. Marius boite.

Voix off : Marius et Jeannette se marieront, n'auront pas d'autres enfants mais vivront heureux. À soixante-quinze ans, Marius glissera sur une déjection canine, se fracturera le col du fémur et boitera jusqu'à la fin de ses jours.

Jeannette retrouvera un boulot de caissière où elle aura mal au dos jusqu'à sa retraite.

Justin et Caroline entrent dans le champ et marchent sur les pas de Marius et Jeannette.

Voix off : Justin et Caroline partageront encore souvent un ragoût de mouton aux fèves fraîches, ne seront jamais atteints de favisme et partageront aussi, quelques fois, leurs nuits...

Puis c'est Dédé et Monique qui empruntent la route, avec leurs trois enfants.

Voix off : Malgré tout, de querelles en querelles, de jours de grève en jours de grève, de matches de foot en matches de foot, Dédé et Monique trouveront le temps de faire un quatrième enfant...

Magali et Malek entrent dans le champ.

Voix off : Malek, devenu professeur d'arabe, lira le Coran dans le texte. Ce qui lui confirmera tout ce que le vieux Justin lui avait dit. Magali, devenue journaliste, écrira : "Les murs des pauvres de l'Estaque sont peints par Cézanne sur des tableaux qui finissent fatalement sur les murs des riches."

Marius et Jeannette reposeront en paix dans le petit cimetière de l'Estaque, où reposeront avec eux Dédé et Monique, Justin et Caroline...

Fermeture à l'iris comme dans un film de Chaplin.

Voix off : Et des millions d'ouvriers inconnus à qui ce film est dédié.

FIN

Anexo 2. Termos coloquiais presentes no texto de partida

Termo coloquial (presente no texto de partida)	Termo corrente correspondente (todas as definições provêm do dicionário CNRTL)	Página (1 ^a ocorrência no doc. original)
ferraille ²⁶	débris, déchets de fer, de fonte ou d'acier	101
quarantaine	nombre de quarante, d'environ quarante	101
pourrir	se décomposer	101
barjo ²⁷ (jobard)	trop naïf, d'une grande crédulité	101
flic ²⁸	policier	101
n'avoir pas le sou	être complètement dépourvu d'argent	101
tôle	prison, cellule de prison	101
se barrer	s'en aller	101
Qu'est-ce que t'en as à foutre ?	En quoi cela te concerne ?	102
se faire virer	être licencié	102
faire gaffe	faire attention	102
emmerder quelqu'un	1. tenir quelqu'un pour inexistant, pour insignifiant 2. causer du tracas, de la contrariété à quelqu'un	102

²⁶ O termo “ferraille” não é classificado pelo CNRTL como um termo familiar ou popular, mas na sua secção sobre o sufixo “-aille” indica que esta variação comporta “une valeur colloquiale”. O mesmo se aplica ao sufixo “-aine” que podemos encontrar no termo “quarantaine”.

²⁷ Estamos perante uma vertente do registo oral em francês denominada *verlan*, a qual consiste em inverter as sílabas de uma palavra.

²⁸ O CNRTL classifica o termo “flic” como popular e familiar, o que comprova que não existe uma separação estrita entre as três categorias de classificação do registo oral.

boulot	travail	102
de traviolle	de travers	102
fermer sa gueule	se taire	102
m'am	maman	103
engueuler	réprimander quelqu'un, lui adresser des reproches d'une manière violente et souvent grossière	103
fac	faculté	103
s'engueuler	discuter avec véhémence et souvent avec grossièreté	105
ventouse	personne parasite, qui vit aux crochets d'une autre	104
cul	partie du corps comprenant les fesses et le fondement	137
smala	famille, suite nombreuse qui entoure, accompagne quelqu'un	104
engueulade	action d'engueuler ou de s'engueuler	104
gueule	bouche	102
faire du nickel-chrome	faire un travail impeccable (déf. livre)	106
bac	baccalauréat	107
crever	mourir	108
bougonner	grommeler, murmurer entre ses dents pour manifester sa mauvaise humeur	108

faire chier quelqu'un	embêter, ennuyer, contrarier quelqu'un	109
n'avoir rien à foutre	n'avoir cure de quelque chose	109
gosse	enfant	109
bail	laps de temps, généralement long	111
plaquer	abandonner, quitter, laisser tomber	111
ouais	oui	115
type	individu quelconque, personne du sexe masculin	112
baiser	posséder charnellement quelqu'un	112
pognon	argent	112
pardi	bien sûr	113
pisser	évacuer l'urine	113
coucher avec quelqu'un	partager le lit ou la chambre de quelqu'un	121
en avoir marre	en avoir assez, être excédé, écœuré	114
couci-couça	à peu près, ni bien ni mal	116
pouffiasse	prostituée	118
bon coup	?	119
coco	communiste	130
du coup	à la suite de quoi	139
fric	argent	123
se bouffer le nez	chercher violemment querelle à quelqu'un	124
troncher	posséder sexuellement	124

tronche	tête, visage	125
quiquette (quéquette)	pénis d'un très jeune garçon	126
raffut	grand bruit fait par des personnes qui parlent fort, s'amuse, crient ou se disputent	126
con	personne idiote, bête	139
andouille	personne sotte et sans énergie	130
déconner	dire des conneries	130
quésako (quésaco)	Qu'est-ce que c'est ?	131
dégager	rendre ou laisser libre (un lieu)	131
bide	ventre	131
naze	qui ne vaut rien, qui ne fonctionne pas, par extension, qui n'a aucun intérêt ⁶	132
bourré	ivre, saoul	132
maronner	exprimer un mécontentement, une mauvaise humeur par des paroles indistinctes marmonnées, en grognant sourdement	134
nana	jeune fille, femme	134
se la fermer	se taire	135
mec	individu du sexe masculin	135
écrabouiller	écraser, broyer, mettre en bouillie	135
planter quelqu'un quelque part	aposter quelqu'un dans un endroit	122
bistrot	petit café, petit restaurant sympathique et modeste	136

froc	pantalon	136
ta gueule	tais-toi	137
se dégonfler	perdre sa détermination, son courage ou son audace au moment d'agir	137
enculer	pratiquer le coït anal	138
pédé	homosexuel ⁷	137
gonzesse	femme en général	137
tantouze	homosexuel de sexe masculin	138
se défiler	se faufiler, filer	138
un tas de	un grand nombre de	114
décuver	dessoûler	142
prof	professeur	142

Anexo 3. Expressões de teor sexual presentes no texto de partida

Expressão (FR)	Página (doc. original)
Faire l'amour	111
Faire ça	111
Mais vous avez pas... ?	112
... tu vois le héros qui baise l'héroïne debout...	112
J'avais bien compris que t'avais envie de manger...	113
Ou alors que mes fèves te font envie.	113
Tu veux plus coucher avec moi ?	113

Me dis pas que vous vous êtes pas touchés cette fois !	119
C'est un bon coup ?	119
(...) on couchait.	121
... pour troncher leurs bonnes !	124
Ou si tu te touches la quiquette !!!	126
Marius, euh, tu sais, une fois que la chose est faite, ça l'intéresse plus, hein...	134
Pour être admis dans la vie, y faut se faire enculer...	137
Avoir le feu au cul	142

Anexo 4. Mulettes verbales présentes no texto de partida

Marcador	Exemplo	Pág. (no doc. original)	Nº total de ocorrências
mais	Mais elle est barjo !	101	38
mais non	Mais non , on passe avec dix.	103	8
non mais	Non mais , tu te rends compte où on en est ?	108	5
mais bon	C'est pas que j'y tenais plus qu'à un autre boulot, mais bon , là, je me suis dit : y faut absolument que tu sois pris.	107	1
mais enfin	Mais, enfin , c'est ridicule.	106	3
enfin	Enfin , je veux dire... C'est pas...	106	5
ou quoi	T'i es barjo ou quoi !	101	2
alors	Alors , je te rends tes pots de peinture et je me barre.	101	5

ou bien alors	... ils meurent soit par arrêt cardiaque, ou bien alors ils ont un problème aux reins...	113	1
mais alors	Mais alors !...	114	1
bon alors	Bon alors , écoute hein ! Écoute...	141	1
dis	Dis , arrête un peu de parler et donne-moi tes papiers, je te dis.	101	1
je te dis	Dans dix ans, je te le dis , si le capitalisme s'en mêle, Cuba, ça sera exactement comme avant la révolution.	108	2
non	T'i'es un ouvrier comme moi, non !	102	8
eh non	Eh non , pas les tiens, pas les tiens, les tiens y dorment là à côté...	140	2
ben	Ben , c'est gent...	102	2
eh ben	Eh ben , on en discutera demain parce qu'aujourd'hui faudrait que je trouve du boulot.	108	3
eh bé/hè bé	Eh bé , parce que maintenant, chaque fois que tu vas au cinéma...	112	6
eh bien	Tu rencontres une nana, tu es amoureux, tu as envie de vivre avec, tu, tu... et une fois que tu l'as tronchée, eh bien l'envie de vivre avec... elle est partie avec.	134	1
bé	Oh, bé , si on peut plus déconner alors !...	130	2
hè	Ouais, ben moi, je suis ta mère, hé !	115	6
bon	Bon , je vous laisse.	104	3
allez	Allez , va te coucher !	103	3

puis	Et puis si c'était vrai pourquoi il vous l'aurait dit à vous ?	141	3
vous savez	Puis, vous savez , de temps en temps c'est eux qui viennent en prendre un, alors...	104	1
tu sais	Non ne parlons pas de tout ça, d'en parler tu sais ça empêche de profiter d'aujourd'hui.	119	3
oh	Oh , vous en faites pas, j'ai l'habitude de venir ici pour réfléchir et j'ai jamais sauté.	106	3
là	Mais enfin, je vais pas courir maintenant, là !...	106	4
comme ça	Alors, comme ça , d'un coup, ça m'est venu à l'esprit, juste comme je rentrais à mon tour pour l'entrevue.	107	1
tiens	Et parce qu'il est en train de crever, tiens !	108	1
ouais	Tandis qu'avec le père de Malek, c'était quelque chose, ouais , c'était quelque chose.	111	5
eh ouais/hè ouais	Eh ouais , c'est ça qu'il veut dire, ça, mais c'est un âne.	134	2
hein	Mais, je n'ai rien inventé du tout, hein !	113	4
tu vois	Eh non, tu vois Malek, je peux t'en parler si tu veux, mais moi je n'y crois pas.	115	1
tu me suis	Mais tu as les Marseillais de l'Estaque, les Marseillais d'Emdoume, les Marseillais de la Joliette, et ainsi de suite, hein, tu me suis ?	116	1
voilà	Par contre, comme tout roule toujours dans l'huile, hè bé... ils s'emmerdent comme des rats morts, voilà .	132	3

écoute	Euh oui... Voilà, écoute , euh... Je crois que...	121	1
remarque	Remarque , ça nous aurait permis d'éliminer Aix une bonne fois pour toutes.	130	1
euh	Mais euh... Euh... Si, euh... Si on recommençait maintenant, ce serait sur ton lit, hé !	114	11
du coup	...sauf que je serais mort à sa place, là, du coup , c'est elle qui est morte...	139	1
d'accord	... écoute Jeannette, écoute-moi, j'enlève ma main mais tu ne cries pas, hè, d'accord ?	140	1

Anexo 5. Jargão presente no texto de partida

Terminologia específica da área do cinema	Estruturas verbais equivalentes em PT	Pág. (no doc. original)
générique	genérico	101
panoramique	panorâmica	102
cut	corte	104
voix off	voz <i>off</i>	113
cadre	quadro	121
zoom arrière	ampliação	126
gros plan	<i>close up</i>	128
fermeture à l'iris	o plano fecha-se tal como uma íris	144

Terminologia específica da área da política	Termo equivalente em PT	Pág. (no doc. original)
fasciste	fascista	102
ouvrier	operário	102
Gestapo	Gestapo	104
résistant	resistente	104
camarades	camaradas	105
Front National	Frente Nacional	109
coco	comuna	130
intégrisme	integrismo	125

Terminologia específica da área da economia	Termo equivalente em PT	Pág. (no doc. original)
un contrat qui pèse 900 KF	um contrato que vale 900 mil francos	126
escompter	ofereces um preço mais barato	126
dailliser	congela o crédito relativo ao cliente	126
loi Dailly française	a lei Dailly francesa relativa ao congelamento do crédito dos clientes	126
contrat européen	contrato europeu	126
couverture de change	cobertura de risco cambial	126
COFACE	COFACE	127

relais de trésorerie	garantia de fundos	127
contre-garantir	assegurar o valor do contrato	127
valeur papier du contrat	valor em dinheiro	127
deux à trois points au-dessus de ton taux Dailly	dois ou três pontos acima da tua taxa Dailly	127

Outros termos específicos	Termo equivalente em PT	Pág. (no doc. original)
fusée à lunette	carabina	101
conduite de vapeur	canalização de vapor	106
bac	n/a	107
Sécurité Sociale	Segurança Social	109
port autonome	porto	110
contremaître	supervisor	123
chef du chantier	responsável da obra	123
cubitainer	garrafão	129
pichet	jarra	129
port de plaisance	marina	138

Anexo 6. Expressões idiomáticas

FR	PT	Página (doc. original)

Qui dort dîne	Dormir é meio sustento	103
Donner un coup de main	Dar uma mão	107
Casser sa pipe	Ir desta para melhor	108
Jeter l'enfant avec l'eau du bain	Deitar fora o bebé com a água do banho	108
On t'a mangé ta soupe	Cair da cama	109
Ne pas faire long feu	Não aguentar	117
Faire l'article	Dar conversa fiada	117
Chèque en bois	Cheque em branco	118
Etre sourd comme un pot	Ser surdo como uma porta	121
Jamais deux sans trois	Não há duas sem três	121
Remettre le couvert	Outra vez com essa conversa	131
Rouler dans l'huile	É tudo tão perfeito	132
S'emmerder comme des rats morts	Morrer de tédio	132
Etre bourré comme un auvergnat	Estar podre de bêbedo	139
Vendre des salades	Mentir	141
S'apitoyer sur le sort de quelqu'un	Ter pena de alguém	141

